

I S A B E L A B R A N C O

A Droga
do amor

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A DROGA DO AMOR

PRÓLOGO:

— Anda logo Gabriela — grita Luís já impaciente de ter que esperá-la.

Qual o maldito problema de por uma roupa qualquer, a única coisa que ela iria fazer é buscar a Cix no aeroporto.

— Já vai — ela grita com a cabeça para fora da janela de seu quarto.

Luís tinha recebido a terceira mensagem de Cecília e estava a ponto de ligar o carro e ir sem a Gabriela quando ela entra no carro bufando:

— O que foi? — pergunta ele agradecendo mentalmente e ligando o carro.

— Não achei a roupa que eu queria, e pra piorar você me apressou.

— Eu te apressei ou é você que sempre demora horas pra se arrumar em tudo? — fala sem tirar a atenção do trânsito.

Ela se calou e ele ficou quieto também, passou um sinal aberto, dirigiu por um certo tempo e parou no estacionamento do aeroporto:

— Desfaz essa cara — fala sabendo que ia sobrar pra ele se Cix visse a amiga puta assim.

— Me erra — pede ela saindo do carro.

— Você é estressada pra cacete Gabi, porra qual o problema de assumir que ta errada? — saiu do carro dando a volta no mesmo parando na sua frente. — tu sabe que não ganha de mim, agora vai — a puxou para o seus braços — não emburra, não está com saudades da Narizinho?

Ela respira fundo e me olha, por fim abre um sorriso e diz:

— Muita.

1. Welcome to Brazil

Pego minha mala na esteira e caminho até o portão de saída, acabo de enviar uma mensagem ao meu melhor amigo Luís e outra para Gabi, mesmo após confirmarem que estariam aqui para me pegar sinto que deveria ter pegado um táxi. Quando envio a última mensagem, pois estou estressada, puxo a mala em direção as portas automáticas do aeroporto pronta pra pegar um taxi quando escuto me chamarem:

— Narizinho — reconheço de imediato a voz e me viro encontrando Gabi e Luís sorrindo ao me verem.

Deixo a mala de lado e corro até as duas pessoas a qual mais senti falta durante esse ano fora, abraço os dois e não me contendo deixando algumas lágrimas caírem juntamente com minha amiga:

— Vocês estão aqui — falo fungando, após o mini choro.

— Bom — diz ele — eu estaria. Já a Gabi quase ficou para trás.

Ela dá um beliscão no mesmo e começo a rir:

— Vocês são um desastre — e os solto.

Gabi dá uma risadinha enquanto Luís reclama pelo beliscão, assim que ela lhe pede desculpas ele pega minhas malas e saímos dali direto para minha casa:

— Gata — cutuco Gabi que está no banco da frente — o que temos pra hoje?

Luís estava ao telefone provavelmente com um de seus amigos, Gabi vira o rosto em minha direção, depois procura algo em sua bolsa me entregando um folheto de uma das boates mais conhecidas de São Paulo.

— Hoje? — pergunto me animando com a idéia.

Ela concorda. Hoje seria a representação do filme mais foda de todos: Projeto X, uma noite inteira pra nunca se esquecer.

Assim que Luís desliga ele nos encara:

— Projeto X?

Concordamos.

Ele nos deixa em casa e vai para a dele dizendo que volta mais tarde para irmos a festa.

#

Faltavam dois minutos para as oito que foi o horário marcado com Luís. Gabi está jogada no sofá entediada, ligo novamente para o celular do mesmo e só estava dando caixa postal:

— Desisto — falo me sentando ao lado da Gabi.

Ela bufa e fica de pé, pega o telefone e disca algum número:

— Alô, eu gostaria de falar com o Luís.

A mesma fica em silêncio provavelmente escutando a resposta:

— Eu não quero saber com quem ele está, se ele está fodendo alguma idiota ou não, pode me passar pra ele?

Abro a boca para dizer algo, mas ela simplesmente dá de ombros. Após o que pareceu alguns minutos ela coloca no viva voz e se senta ao meu lado:

— Caralho Gabriela — ouço Luís reclamar do outro lado da linha.

— Tu vai parar com essa merda e vir nos buscar ou vai dar pra trás por causa de uma boceta? — ouço a mesma dizer com um pouco de raiva.

— Porra cara, a festa ainda nem começou. Tu têm problema, na boa. Não acredito que tu fez isso Gabriela, quer falar merda fala pra mim, agora tu liga na casa da garota e ainda vai me queimar pro irmão dela?

— Isso é bom, da próxima vez você não deixa ninguém esperando. — e desliga.

— Quer me explicar? — pergunto ainda sem entender nada.

— Não mesmo — ela começa a rir e eu faço o mesmo.

A boate está lotada, Luís nos buscou tão logo e veio o caminho todo reclamando pelo que a Gabi fez, fiquei com pena do meu amigo pois por pouco não havia levado uma surra do irmão da guria que descobri ser da sua faculdade.

Entregamos nosso ingresso ao segurança e entramos na boate, haviam luzes por toda parte e pessoas, muitas delas estavam com bebidas nas mãos, algumas dançando e outras poucas nos cantos conversando, o que era quase impossível por causa da música. Tão logo Luís nos avisou que iria falar com alguns amigos puxo Gabi até o bar, onde peço uma cerveja para cada, me sento na banquetta e percebo a mesma de cara fechada:

— O que foi? — pergunto — desde cedo percebi que você não está bem.

— Nada demais — dá de ombros.

— Como se eu não te conhecesse — sorrio.

O garçom volta com nossas cervejas, entrego uma a Gabi e tomo um gole da minha esperando que ela se sinta a vontade para partilhar, mesmo imaginando do que se trata:

— Quando ele vai me notar? — pergunta ela olhando na direção onde Luís está com os amigos.

— Enquanto agir como se apenas se interessasse pela amizade dele, nada vai mudar — aconselho.

Ela concorda e bebe goles de sua cerveja:

— E o que eu deveria fazer? — pergunta.

— Tome a iniciativa — falo como se fosse obvio.

— E se... — a corto — o não você já tem, e aproveita que ele está vindo aqui:

— Eaí meninas — Luís diz se aproximando.

— Posso falar com você a sós? —pergunta Gabi.

Boa garota. Concordo. Levanto e mando um beijo aos dois no ar, pego minha bebida e saio em direção à pista de dança. Encontro um espaço vazio e me deixo levar pela música, não sei por quanto tempo fico assim.

2. Projeto X

Quando resolvo tomar um ar eu estou pingando, minha bebida vazia deixa no balcão pegando outra, procuro com o olhar a Gabi e o Luís e os vejo em uma rodinha de amigos. Ambos parecem estar se divertindo, amo meus amigos, porém preciso de uma noite para mim, após receber minha bebida vou até o fumódromo e me sento em uma das mesas vazias, há algumas pessoas por ali, um grupo ri das palhaçadas de um dos meninos e alguns casais se curtem. Bebo minha cerveja devagar quando ouço meu celular vibrando na bolsa:

— "Cadê você?" — era uma mensagem de áudio da Gabi no Whatsapp.

— No fumódromo — respondo a mesma guardando o telefone.

Uma risada alta ecoa no ambiente, me viro na direção de onde vem e encontro o olhar dos olhos castanhos e bonitos, usa um boné com a aba virada para trás, uma calça jeans, tênis e camiseta branca sem manga, nos seu braço tatuagens diversa. Tocava Medo Bobo - Maiara e Maraísa quando sinto seus olhos caírem nos meus, desvio e me levanto saindo dali rapidamente e esbarro com Gabi que assim que me vê sorri:

— Que bom que te achei — diz ela, aparentemente bêbada.

— To aqui — falo, mas me viro novamente para onde deixei os olhos castanhos, ele ri de algo =que um dos seus amigos diz e seu olhar novamente encontra os meus, mas dessa vez os sustento:

— Está escutando? — pergunta Gabi.

A olho sem entender, e ela me cutuca:

— Luís quer ir embora, vim saber se tu vai com a gente. — pergunta novamente.

Concordo, e tão logo respondo saio dali com ela, tendo consciência de que aqueles olhos me seguem até a saída.

3. Forfun?

Assim que me viu ela veio me receber:

— Olá — me abraça — cê viu que folga mãe — diz me soltando — Já chega assim sem bater, sem avisar.

Tia Cláudia que está na cozinha aparece na porta, me vê e dá risada:

— Sua amiga já é de casa — sorri gentilmente pra mim.

Vou até ela e a beijo no rosto:

— Obrigada tia — respondo mostrando a língua para Gabi.

— Vem — me puxa Gabi pro quarto não sem antes sua mãe avisar:

— Você almoça com a gente hoje, e não aceito não como resposta.

Assinto e sigo Gabi até seu quarto, está como sempre uma zona, roupas jogadas na cadeira do computador, armário aberto, cama desarrumada, livros etc. Ela joga algumas roupas da cama no armário e se senta, faço o mesmo:

— Me conta — peço me referindo ao que ela já sabia. A conversa dela e do Luís

— Não deu em nada — diz ela naturalmente.

— Como assim? — não consigo acreditar — vocês sumiram por um bom tempo e vem me dizer que depois de tomar a atitude de dizer que gosta dele nada aconteceu? Ele não disse nada?

— Não — ela responde e ri — porque simplesmente não contei isso a ele.

Tive vontade de matar a mesma, mas concordo:

— Tá, então o que você disse?

— Pedi desculpa pela ligação pra casa da tal Andressa e depois ficamos com os amigos dele.

— Nossa Gabriela — respondo bufando — tu é muito tapada.

Ela ri e eu acabo fazendo o mesmo:

— Como foi hoje? — pergunta ela deitando na cama — com seus pais e tal..

— Não vi meu pai hoje — digo aliviada me deitando também — reví a guria, a Lu não estava em casa e minha mãe me recepcionou me acordando — dou de ombros.

— Nada mal

Ficamos lá deitadas conversando bobagens, até sua mãe nos chamar pro almoço. Chegamos na sala de jantar e havia lasanha, refrigerante, e de sobremesa pudim de chocolate:

— Está delicioso — comento após terminar de comer o pudim, além claro de ter comido um enorme pedaço de lasanha.

— Está mesmo mãe, você arrasa — completa Gabi.

Depois do almoço retiramos os pratos e coisas da mesa e lavamos a louça enquanto a tia Cláudia ia pro seu escritório resolver algum problema da empresa, ela era uma das melhores advogadas criminais de São Paulo.

— O que vamos fazer? — pergunto após secar o último prato e guardá-lo.

— Praia? — anima.

— Agora — comemoro — chama o chatinho.

Ela concorda e a vejo enviando uma mensagem ao Luís, pego emprestado um de seus biquínis e o visto, ajeitando a parte da frente, deixo minha bolsa em sua casa, pegando apenas meu celular e óculos e descemos até a portaria onde pelo menos uma vez na vida Luís já nos espera de carro, entramos e ele só falta sair dançando pela rua:

— O que foi menino? — pergunto irritada com tanta alegria.

Gabi bufou também sentada no banco da frente:

— Adivinha quem tem três ingressos pro show mais esperado do mês? — fala ele fazendo com que pulássemos no banco:

— Forfun? — pergunto sem acreditar.

Ele puxa algo do lado do seu banco nos entregando o ingresso pro show do Forfun, que aparentemente havia acabado:

— Como conseguiu isso? — pergunta Gabi incrédula.

— Tenho meus contatos — responde ele dando de ombros.

Nossa animação foi de dez á mil em segundos, assim que chegamos na praia arrumo minha toalha na areia e Gabi faz o mesmo enquanto Luís vai jogar vôlei com alguns conhecidos:

— Narizinho — me chama ela:

Me viro e encontro ela sorrindo, faço o mesmo:

— Nem acredito que nós três vamos ao melhor show da melhor banda do mundo.

— Nem eu — comento — tu sabe muito bem como eu sou fã deles.

— Sim — comemora ela — temos que fazer compras, urgente..

— Amanhã depois da faculdade? — pergunto o que faz a mesma se lembrar e murchar:

— Estava até me esquecendo, nem acredito que iremos começar a faculdade amanhã, estou animada pro meu curso, mas odeio estudar — diz ela.

— Quem manda escolher medicina — brinco.

— Ah claro, porque direito é muito fácil — revida a mesma.

Dou risada e passamos à tarde assim, na praia aproveitando o sol e o mar, quando Luís se junta a nós voltamos a fazer planos pro show. Quando é final da tarde ele nos deixa na Gabi, fico lá até minha mãe mandar mensagem pedindo pra eu ir pra casa, troco minha roupa, dou tchau pra Cláudia, pego minha bolsa, me despeço da Gabi e vou caminhando até minha casa.

4. Coração Vulnerável

HUGO

— Some daqui caralho — falo irritado.

Desde que saímos daquela boate Marília fica enchendo minha cabeça por causa da tal garota que estava

no fumódromo.

— Fala sério cobra — ela dá risada — você é um escroto.

Ela sai dali rebolando, essa garota era foda. Marília tinha tudo pra ser considerada a 'patricinha' mas com ela não era assim, ela podia ter o melhor corpo, os cabelos loiros mais fudas, mas a personalidade dela era totalmente outra, não era fútil muito menos fresca, era esperta pra caralho, e assim como eu foi largada em um orfanato, é de lá que nos conhecemos, fui adotado e ela também, na adolescência nos reencontramos e dali não nos largamos mais. Qualquer um que nos olha dirá que somos feito um, era hilário ver as gurias putas da vida achando que somos um casal, ou os rolos dela jogando os cachorros em seu colo, mas ninguém entende que ela é boa demais pra isso, pra mim e até pra qualquer outro cara, já dei a idéia nela sobre isso, mas ela já não tem mais cinco anos, então tá de boa. Estamos no meu apartamento em Guarujá, havia posado lá depois da noite anterior, pois não havia como ir pra casa daquele jeito, minha gatinha sabia disso por isso nunca questionou sobre nada da minha vida, aonde eu ia ou ficava:

— Mari — a chamo, pois não a ouço pelo apartamento, estou quase levantando quando ela me aparece de camisola e se joga em cima de mim:

— Oi chatinho — bagunça meu cabelo.

— Tu tá bem né porra? — falo me referindo ao episódio de ontem, quando ela viu o tal José com uma mina. — Não quero ver tu mal por causa desse cara não — seguro teu queixo — tá me entendendo?

— Larga do meu pé — brinca ela.

— O dia que eu largar tu chora — comento dando de ombros.

— Não começa não — me pede fazendo charme.

— Vem cá — puxo ela pro meu colo — tu é maluca porra, já falei que uma hora dessas tu se fode e tu não aprende.

Ela se cala e eu fico vendo um filme qualquer na TV enquanto o almoço que pedimos não chega. Nem sempre foi assim, pra estar onde estou na vida da minha gata demorou pra caralho, por mais próximos que fossemos na época do orfanato quando nos reencontramos ela não era assim como é hoje, pelo contrário, estava frágil, despedaçada, havia perdido os pais adotivos, nunca encontrara com os biológicos, havia tido uma tremenda decepção com um cara, enfim, não consigo nem lembrar. Então juntei teus cacões, lhe estendi a mão e jurei que nunca mais deixaria ela passar por isso.

Vivo junto dela, só não moro porque tenho minha vida em São Paulo, tenho meus velhinhos e ela entende isso até porque a única coisa que a impede de morar comigo e meus pais é o fato da mesma prezar sua independência, por ser cabeça dura e pelo seu irmão.

Passou alguns minutos e ela adormece em meu colo, quando a comida chega me levanto com cuidado, pego a carteira no bolso da bermuda e pago pro entregador, coloco a caixa com chinês na mesa, coloco dois pratos, talheres e copos, abro uma tubaína e divido pros dois, coloco comida e a chamo.

CECÍLIA

— Bom dia — diz minha mãe entrando em meu quarto e abrindo a cortina. — vamos acordar, estava com saudades da minha bebê.

Eu reclamo baixinho e abro os olhos devagar encontrando a dona Lívia sentada na beirada da minha cama com um sorriso no rosto:

— Bom dia mãe — falo abrindo um sorriso também.

— Fez boa viagem de volta meu bem? — pergunta a mesma mexendo em seu cabelo.

Concordo, era sexta-feira de manhã, como havia voltado do intercâmbio ontem e saído sabia que meu pai estaria de cara feia, principalmente por não ter ficado com a família:

— Onde estão todos? — pergunto me levantando e indo até o closet, pego uma calça jeans rasgada no joelho, meu converse preto, solto meu cabelo do coque mal feito na noite anterior, penteiei-os e os tranço prendendo-os a seguir, minha mãe desfaz o sorriso e se levanta vindo até mim, coloco uma blusa tomara que caia branca com algumas rendas, escovo os dentes enquanto olho pra mamãe na minha frente:

— Seu pai foi para o trabalho, Luana não dormiu em casa e Guria (Bárbara, minha meia-irmã) está na sala vendo filme.

— Hmm.. — concordo.

Limpo a boca e a escova, guardo a mesma, dou um beijo na testa da dona Lívia passando por ela, pego minha bolsa de franja bege na cama e desço as escadas, pegando uma maçã na cozinha:

— Oi nerdzinha — cumprimento Guria que está concentrada na TV.

Assim que me vê ela se levantou e veio me abraçar:

— Cix — sorri ela após me soltar — achei que não vinha.

— Cá estou... — cantarolo, mordendo um pedaço da maçã.

— Papai está furioso — fofoca ela baixo depois de conferir se mamãe estava perto:

— E quando ele não está — brinco.

Ela me olha feio e volta a assistir seu filme, termino a maçã e vou saindo quando mamãe me chama:

— Onde é que tu vai a essa hora Maria Cecília? — ela nunca me chamava pelo primeiro nome.

— Na casa da Gabi mãe — respondo — Não demoro.

Antes que ela possa me prender ali, saio de casa e vou andando duas quadras até o condomínio onde minha melhor amiga mora. Assim que chego o Sr. Antônio, porteiro/zelador libera minha entrada:

— Oi minha filha — diz ele feliz em me rever — quanto tempo, por onde andou?

— Oi Antônio — falo gentilmente — estava estudando fora.

Trocamos mais algumas palavras e vou até os elevadores, subo até o sexto andar, e entro no apartamento onde mora ela e sua mãe, já que seus pais eram separados. Dona Cláudia e Rafael foram casados por anos, mas ai eles começaram a brigar demais, a Gabi coitada só tinha 5 anos quando seus pais se separaram, com o tempo ela aceitou, mas quando descobriu que seu pai havia se casado novamente com outra mulher e que havia um bebê no meio ela ficara exatamente três meses sem conversar com o pai. E estou falando muito sério, já tia Cláudia era um amor, quando se separou do ex marido foi tudo numa paz, podíamos dizer até que ambos mantêm uma relação amigável, mesmo que se falem quando se trata apenas da filha.

5. Contagem Regressiva

CECÍLIA

Acordo no dia seguinte com o despertador tocando, são sete horas da manhã, está um friozinho gostoso, coisa que não se tem todo dia em Sampa. Levanto da cama na mesma hora, pois se demoro eu não vou pra faculdade, coloco uma camisa social azul bebê, uma calça jeans preta, minha jaqueta jeans escuro, fecho alguns botões deixando dois abertos, escovo os cabelos em um rabo de cavalo, passo base e um gloss

incolor, perfume, escovo os dentes e desço, meu pai está tomando café na mesa enquanto lê um jornal:

— Bom dia pai — falo deixando a bolsa pendurada na cadeira e me sento.

— Bom dia Cecília — responde ele, com um breve sorriso.

— Cadê todo mundo? — falo ignorando a forma de falar do mesmo.

— Sua mãe foi levar Guria pra aula, Luana foi trabalhar. — responde novamente seco.

— Perdi minha carona — reclamo.

Pela primeira vez desde que me sentei seus olhos encontram os meus e ele me estuda, limpa a garganta, deixa sua xícara de café na mesa e fala:

— Você vai pra faculdade?

Concordo com a cabeça, pois estava mastigando meu pão:

— Termina de comer que eu te deixo lá. — responde ele se levantando e subindo para o quarto, provavelmente.

Meu pai sempre foi assim, ele sempre quis o melhor pra mim e pra minhas irmãs, quando casou com a mamãe eles eram muitos jovens, após dois anos de casados minha mãe engravidou de mim, logo depois veio a Luana, eles eram felizes, até vir a crise. Meu pai fora soldado quase sua vida toda, então fez um concurso pra polícia federal, e hoje é agente do FBI. Os únicos da família que sabem de sua profissão somos nós, a vovó e o vovô. Quando eles entraram em crise eu tinha acabado de ser aceita no intercâmbio, fiquei três anos lá fazendo o ensino médio, um ano de intercâmbio e eu decidi visitá-los, não aguentava de saudade, mas a alegria durou pouco, meus pais estavam se separando, por quê? Ele tinha outra filha com uma mulher, que aparentemente estava com uma doença terminal, a tal mulher nunca quis atrapalhar a vida dele, a única coisa, que nossa mãe nos disse tempos depois foi que a mulher queria uma vida pra sua criança, quando meus pais finalmente se acertaram Gúria entrou na nossa vida, ela era pequenina, não tinha culpa de nada, aceitamos como nossa irmã, e hoje não a vejo como menos que isso, até minha mãe aos poucos se rendeu ao encanto da mesma.

Até hoje eu me pergunto por que minha mãe o aceitou e aceitou uma criança que não era sua, e a resposta que me vêm a cabeça: ela poderia muito bem virar as costas ao meu pai e a criança, mas não seria ela, e de nada teria valido seus votos matrimoniais, então ela resolveu perdoá-lo, pois sempre foram muito felizes, e também penso que a mesma pensou em nós quando tomou essa decisão, nada seria pior do que crescer com o pai longe. Sou grata pela família que tenho, mesmo com todas as dificuldades sempre fomos unidos e isso não irá mudar, em meio a pensamentos senti alguém me cutucando:

— Filha — era meu pai me chamando, — está atrasada, vamos?

Concordo e saímos de casa.

Desço do carro após me despedir de meu pai e caminho até o enorme prédio onde se encontrava minha faculdade, como eu havia mandado mensagem para a Gabi assim que passo a enorme escadaria encontro ela debruçada em uma das mesas conversando com uma morena que nunca vi na vida, me aproximo das duas e assim que Gabi me vê se levanta me abraçando:

— Bom dia narizinho — diz alegriinha.

— Bom dia — respondo sorrindo — Olá, — cumprimento a morena que nos encara divertida.

— Olá, você deve ser a Cecília, Gabriela me falou muito de você! — sorri. — Me chamo Sofia Galeno.

Retribuo o sorriso e Gabi me explica que a conhecera quando ela e alguns amigos do nosso antigo colégio foram para Búzios nas férias de verão, enquanto eu estava estudando fora:

— Vamos entrar? — pergunto as duas, faltava um minuto pras aulas começarem.

Despeço-me da Gabi e caminho com a Sofia, que era um amor até a aula de direito, sim, ela também cursaria comigo:

— Você sempre morou aqui? — pergunto sentada em minha carteira enquanto o professor Wilson não aparecia.

— Não, você percebeu o sotaque diferente né? — sorri ela tímida — eu vim do Rio Grande do Sul guria.

— Percebi sim — rimos.

Logo o professor entra na sala dando início assim ao primeiro período de faculdade, fiz algumas anotações importantes e quando tocou o sino ao fim das aulas pego minhas coisas e saio da sala, estou distraída porque não notei a pessoa a minha frente, livros voaram pra todos os lados, minha bolsa etc. Eu só não fui junto porque mãos ágeis me seguraram:

— Droga — reclamo me agachando e recolhendo minhas coisas:

— Você está bem? — pergunta o dono das mãos com a voz rouca.

Putá que pariu, era só o que me faltava, levanto o olhar para ele que tem a cara preocupada, loiro, lindíssimo, com cabelos cacheados parecendo o Anjinho da Turma da Mônica, e tem um sorriso lindo. É feio encarar os outros, eu sei, meu deus. Volto minha atenção e desvio o olhar dele:

— Estava distraída — respondo sem jeito — foi mal, valeu.

Sorrio sem graça e assim que Sofia passa por nós trato de seguir ela saindo dali o mais rápido possível:

— Você viu aquilo? — pergunto pra ter certeza que não era sonho.

Ela me olha confusa e logo depois entende:

— Sim, parece que rolou um clima — brinca.

— Que nada, ele é um gato, só estava sendo simpático — respondo.

Encontramos a Gabi na saída e ela logo desandou a falar sobre nada mais nada menos do que os cabelinhos de anjo, pelo que deu pra entender eles são da mesma sala, e ela estava encantada, eu e Sofia demos risada:

— Você viu o Luís aqui hoje? — pergunto mudando de assunto enquanto íamos até o restaurante próximo almoçar.

— O puto foi viajar com a família, disse que volta amanhã — responde Gabi.

— Afinal, nós vamos á compras ou não? — pergunto.

— Quer ir Sofi? — cutuca a outra.

Ela sorri, terminamos de comer e vamos até o shopping comprar roupas pro show que seria sexta-feira e que Sofia também iria, ainda bem.

6. Show

A semana passou voando, às vezes me encontrava pelos corredores com os cabelos de anjo, que descobri ter nome: Pedro, a Gabi estava toda saltitante pro lado dele, mas quem o conquistava mesmo era Sofia, volta e meia os via juntos conversando, ela sempre tímida, dariam um belo casal.

Tirando isso não ocorrera nada de muito importante, Luís voltou na terça-feira de manhã, ele fazia ADM e iria ser sucessor de seu pai na empresa que ambos tinham, ele tinha um irmão chamado Alexandre, que era uma graça, mas só havia o visto algumas vezes, ambos moravam com as avós pois seu pai vivia viajando e a mãe havia falecido quando ela lhes dera a luz. As coisas lá em casa estavam boas, depois de dois dias finalmente revi a Luana, aparentemente ela estava namorando seríssimo o que deixou toda a família animada, iríamos conhecer o rapaz logo menos, ela nos comunicou um dia desses.

Era sexta feira e eu havia acabado de tomar um longo banho quando meu telefone toca, saio enrolada do box e pego ele atendendo a seguir:

— Alô — falo.

— Narizinho — era Gabi, claro. — estamos passando aí daqui meia hora, tu vai descer?

— Tô me arrumando ainda preta — falo saindo do banheiro e correndo pro closet.

— Beleza, tu tem meia hora.

Desligo e pego a saia que havia separado, arrumo na cintura, coloco o a sapatilha, sim - eu não era louca de ir de salto a um show que duraria praticamente toda a noite, ainda mais sabendo que pularia muito e etc. Coloco o cropped branco rendado e deixo meu cabelo solto mesmo, ele estava maior do que quando eu estava fora, faço uma maquiagem leve, apenas rímel, lápis e um batom rosa clarinho, pego minha bolsa de franjinha que eu não largava e quando olho no relógio ouço a buzina soar no andar de baixo, desço as escadas, dou tchau pros meus pais que estão na sala e entro no carro onde estão Gabi, Pedro, Luís e Sofia, dou um beijo na Gabi e Sofi e cumprimento os rapazes que estavam lindos, ambos de camisa social, e bermudão, as meninas estavam lindas também, chegamos no lugar onde será o show, Sofia e Pedro estavam no maior clima e Gabi e Luís não paravam de brigar, o show ainda não havia começado então arrasto todos até o bar improvisado:

— Solta dose pra nós — peço.

O garçom nos atende e logo começamos a beber, depois anunciam que o show ia começar, voltamos pro meio da galera e o lugar estava lotadasso, Sofia estava perto da Gabi conversando algo, Luís mantinha sua atenção no palco e Pedro havia saído para o banheiro, eu fiquei quietinha na minha e quando a banda entrou eu e as meninas gritamos demais:

— Lindossssssssssss — grito quando eles nos saudaram.

Logo começou a tocar Sol e Chuva e meus olhos brilharam:

— Corre pra varanda e vem cá ver — cantarolo. — faça sol ou chuva um lindo dia vai nascer — completam todos.

— Flores nascerão no seu jardim — canta o vocalista.

Nosso coração foi a mil, não paramos um segundo, foi o melhor show de todos.

7. Tensão

HUGO

— Porra — grito jogando a mesa longe — tu só pode estar zoando com a minha cara — me viro pro André (Chino) que mantinha a postura:

— Eu to te falando Cobra, os tiras já avisaram, mais uma dessa e a Marília não escapa.

— Tu tem que segurar tua irmã porra — grito puto da vida.

— Como se fosse possível — zomba o mesmo.

— Eu to cansado de aturar as merdas daquela filha da mãe — respondo.

— Tu tem que conversar com ela mano, tu sabe muito bem que ela te escuta — responde calmamente.

— Cadê ela? — pergunto.

— Está no carro, não quis entrar. — dá de ombros.

Pego minha carteiras e chave, peço um minuto e vou até o quarto da coroa, ela dorme tranquilamente, entro devagar, lhe dou um beijo na cabeça e saio sem fazer barulho, encontro o meu coroa, Jorge sentado na mesa de café, bebericando seu chá e lendo um livro, assim que me vê levanta os olhos e sorri:

— To indo nessa pai — falo carinhoso — não se preocupa, vou estar com a gatinha.

Ele concorda, faz o sinal da cruz, costume dele no meu peito e volta a atenção a seu livro.

Encontro André dentro do carro e a Marília também, ela discutia com ele que permanecia em silêncio. Entro do lado do carona e ele praticamente respira aliviado:

— Cala a porra da boca Marília — falo estressado. — Tua moral ta zero porra, onde tu foi se meter caralho, quantas vezes já te avisei pra ficar longe daquele cara? Tu é burra? Porque tenho certeza que tu sabe muito bem que aquilo lá é porcaria, o cara só quer te usar porra, a hora que tu aparecer morta tu não reclama não — disparo e fecho meus olhos cansado daquilo tudo.

Hoje de manhã André, que era filho legítimo dos pais adotivos da Mari e muito meu amigo apareceu em casa, disse que mais uma vez a buscou na entrada da favela, bêbada e só não drogada porque o estado dela alcoolizada já era decadente, e tudo isso por causa de um filho da puta com quem ela andava saindo, o tal de José zé mané, se eu encontrasse esse merda na rua já teria acabado com ele a muito tempo. Porra, eu odiava ser grosso com a gata, mas parece que ela nunca aprende. Já intervi uma vez quando ela quase

fez merda depois da morte dos seus pais adotivos, e intervirei novamente se eu souber que esse filho da puta ta levando ela pros vícios.

Ela se calou e André ligou o carro dirigindo por algumas horas até a casa onde eles moravam, desço do carro assim que ele estaciona, eu estava no limite, exausto pra caralho, cansado, fraco, me joga na rede do jardim assim que dá e fecho meus olhos com força, ouço André falando algo com a Mari e logo depois ele some de vista, estou quase pegando no sono quando sinto uma mão em minha orelha, abro os olhos devagar e era a Mari com cara de choro, ela me olha quieta e não sai dali, respiro fundo e me afasto dando espaço pra ela se deitar, ela deita no meu peito e ouço seu choro baixo, limpo algumas lágrimas e fico fazendo carinho em seu cabelo, antes dela cair no sono sussurro:

— Vai ficar tudo bem.

+

Acordo no dia seguinte com a Marília deitada no meu peitoral. Acabamos pegando no sono na rede, me levanto com cuidado e desço da rede entrando na grande casa, não conheci direito os pais dos dois, mas eles sempre falavam de ambos com muito carinho. Assim que atravesso a sala encontro André e mais alguns amigos dele ali jogando vídeo game:

— Chega mais Cobra — chama ele.

Sento-me com os caras, eram gente boa até, um era um tal de Luís, outro se chamava Alexandre e o outro, o único que não fui com a cara foi um tal de Pedro.

— Tua vez moleque — diz o Luís me entregando o controle.

Era futebol, jogo contra o Xandeco, apelido do tal Alexandre e ganho, ia começar uma nova partida com o Pedro quando meu telefone toca, vi que era a coroa e saí pra atender dando minha vez pra alguém:

— Bom dia querido — ouço a voz de Nina do outro lado da linha. — Tu foi pra aula já?

— Ih mãe — falo me lembrando na hora.

— Hugo Toledo, eu não te criei pra ser um ninguém não, tu vai nessa aula agora. Eu não to acreditando que tu se esqueceu — diz ela decepcionada.

— Foi mal mãezinha — falo calmamente — to indo agora, se cuida. Amo tu e o pai, hora do almoço to ai.

Ela me manda ficar com Deus e desliga, volto pra sala e vou dar tchau pros caras:

— Ai, — falo pegando meu boné no sofá — to indo nessa, vida de estudante é foda.

Na mesma hora todos se levantaram, André desligou o vídeo game e subiu dizendo que tinha

compromisso, o tal Pedro e o Luís se levantaram também:

— Tu ta na faculdade Hugo? — pergunta o Luís.

— To sim po — digo — na central, e tu?

— A mesma — responde — vou nessa que as patroas vão ficar putas se não for buscá-las.

— Ih, lek, tu namora? — pergunto debochando.

— Eu não porra — responde ele — só esse bichinha aqui que ta apaixonado, mas não assume — e apontou pro tal Pedro.

Assinto com a cabeça, assim que eles foram embora peguei as coisas e segui meu rumo, estava subindo na minha moto que ficava guardada aqui, quando a Mari aparece na minha frente e quase a atropelou:

— Qual foi maluca? — dou risada.

Ela bufa e me dá um beijo no rosto:

— Agora podemos ir — fala animada subindo na moto.

— Pra onde tu vai maluca? — pergunto confuso.

— Estudar bebê, esqueceu que to na mesma que tu? — me dá um tapa na cabeça.

Concordo e pilotei até o estacionamento da tal faculdade, estava lotado. As aulas haviam começado há uma semana, mas os papéis da minha matrícula só haviam ficado pronto sexta-feira. Desci da moto depois da Marília, ela me entregou o capacete e arrumou os cabelos.

Começou a caçada, a maioria dos caras olhava para seu corpo na cara dura, dou risada quando ela percebe o porquê, guardo um dos capacetes na caixa e o outro coloco no braço, caminhamos rindo em meio a conversas até a entrada da faculdade, esbarro o olhar com os caras de mais cedo e o Luís nos chama, Marília levanta um olhar curioso pra mim, mas me acompanha até a mesa onde estão eles:

— Eaí — falo cumprimentando todos.

— E ai moleque — Luís aperta minha mão.

— Oi gente — cumprimentou Marília bem atrevida — sou amiga desse ogro aqui — disse ela me fuzilando.

— Marília, esses são Pedro, Alexandre e Luís — apresentei-os — e essa é a Marília, ou melhor... — quando ia terminar três garotas pararam em frente a mesa rindo alto, uma delas abraçou o Luís e a ouvi dizer:

— Olha quem chegou — entregou um saco de pipoca pra ele — a fila estava enorme e a Ceci não parava de reclamar.

Assim que a outra respondeu fiquei sem reação, e parece que ela também porque a sua amiga a cutucou e seus olhos encontraram os meus, ela logo se recompôs e beliscou a amiga:

— Não reclamei não — disse ela mordendo os lábios nervosa — só disse que iríamos almoçar mais tarde e que não tinha necessidade de ficar na fila daquela lanchonete.

— Tá quase babando aí — ouvi alguém dizer e me virei, pares de olhos me estudavam incluindo o da Cecília, Marília soltou uma risada e a morena a acompanhou provavelmente entendendo a piada.

— E ai, qual teu nome? — a morena perguntou.

— Hugo po — respondo e abro um sorriso.

— E o de vocês? — pergunta Marília se intrometendo.

— O meu é Gabriela — a morena respondeu, — o dela é Sofia e apontou pra outra morena que estava ao lado do Pedro, e essa reclamona aqui é a Cecília.

O sino tocou e cada um foi pra tua aula, estava sentado na carteira quando vi que a Sofia e a Cecília entraram, ela estava com um sorriso enorme no rosto provavelmente por algo que sua amiga disse, assim que me viu o sorriso desapareceu. Elas se sentaram uma carteira atrás de mim e eu me virei encarando a mesma sem vergonha:

— Perdeu alguma coisa? — zombou ela.

— Perdi não marrenta — disparo.

Ela bufa e quando ia me responder o professor apareceu nos pedindo silêncio. Ri sozinho.

8. Preço a Se Pagar

Marília está na roda dos colegas do Cobra do dia anterior quando seu telefone vibra, ela o pega e assim que vê de quem se trata fica agitada, deu uma desculpa qualquer e se afastou para atender:

— O que você quer? — diz curta e grossa.

— Calma gracinha — responde José do outro lado da linha — pra que tanta grosseria?

— Talvez porque você seja um escroto — responde se certificando de que estava sozinha.

— Acho que você não aprendeu nada na última vez, tá com muita marra pra cima de quem te desbanca em um segundo — responde ele grosseiramente — Tá vendo aquele carro preto parado perto do portão da

tua faculdade?

Ela não estava acreditando, olhou na direção da saída e havia um carro todo preto ali perto, dele saíram dois ogros que já havia esbarrado por aí, ambos a encaravam, ou era isso que ela pensava até levar um susto com Cobra ao seu lado:

— Mari — chama ele — tu tá bem? — pergunta quando percebeu sua cara assustada.

— Você não pode fazer isso — sussurrou ao telefone e pediu pro Cobra esperar.

— Tu tem exatos cinco minutos pra entrar nesse carro, ou alguém vai se machucar.

Estava prestes a responder que faria quando sentiu lágrimas te preenchendo, Cobra entendeu na hora e seguiu seu olhar, pegou o celular da sua mão e desligou a chamada:

— Porque você fez isso? — gritou não controlando o choro — tu tem noção do que você fez, seu idiota?
— começou a bater nele.

Ele ficou em silêncio encarando aqueles caras e a puxou pra si com força fazendo com que ela desmoronasse no teu peito, ela chorava compulsivamente, assim que se acalmou um pouco ele levou a mão ao seu rosto e segurou o mesmo a fazendo olhá-lo:

— Ninguém vai te machucar — ele disse.

— Você não o conhece — sussurrou.

Ela se virou e não viu mais o carro ali, pela primeira vez teve medo, mas sabia que era o preço a se pagar por ter se deixado levar por uma noite de diversão com aquele babaca. Ela estava arrasada, se sentia tonta e Hugo a pegou foi até um de seus novos colegas avisando que iria levá-la embora, estava tão sonolenta que tudo não passou de um borrão.

Desde que sempre fez de tudo pra ser melhor do que era quando seus pais adotivos morreram. Nunca é fácil pra uma criança de apenas um ano ser deixada em um orfanato, ser rejeitada pelos pais biológicos, quando chegou no orfanato se sentia a pessoa mais feliz do mundo, pois era apenas uma menina e não tinha consciência do ocorrido, quando fez 7 anos reparou nele, um menino engraçado, a maior parte do tempo ele ficava sozinho, então se aproximou, de cara se apaixonou, e viraram amigos, ele a defendia das meninas mais velhas, e ela o enchia de atenção, eram a dupla perfeita, todas as freiras lhes diziam isso, juntos conseguiram o mundo, ela o amava mesmo não tendo idéia do que isso significava, quando ficava doente ele estava lá e o mesmo com ele, ele segurou sua mão no seu primeiro tombo, participava das suas travessuras, era seu confidente, até que foi adotada, nunca mais o viu.

+

Quando ela foi adotada fora alegria e tristeza misturadas, ela lembra até hoje, dona Maria a freira

preferida deles nos viu brincando e veio em passos rápidos a eles, Mari estava no balanço e Hugo estava brincando de carrinho ao seu lado, ela se agachou frente a Mari sorrindo:

— Querida — disse acariciando seus cabelos — tenho uma surpresa pra você.

— O que é titia? — responde com a voz embaralhada.

— O que foi Maria? — pergunta Hugo curioso.

— A sua irmã — ela se referia a eles como irmãos — vai pra casa dos novos papais dela.

Primeiro ela pulou do balanço e abraçou a freira, depois olhou o Hugo em silêncio e sentiu a tristeza invadir:

— Mas e ele? — perguntou com medo da resposta.

— Tem uma família que está entrando com os papéis para adoção de Hugo, mas não é nada confirmado — diz ela gentilmente.

— Viu Go — falou o abraçando — nós vamos sair daqui.

Ele abriu um sorriso triste:

— Não quero me afastar de você — disse ele.

— Nós não vamos, nunca — falou com certeza.

— Como você sabe? — ele se levantou chateado — você vai embora, está aí toda alegre, vai me deixar.

— Você preferia que ela ficasse aqui pra sempre? — perguntou Maria carinhosamente.

Ele ficou calado, se levantou, pegou seu carinho, limpou as mãos e saiu correndo dali, Mari sentiu seus olhos se encherem d'água, dona Maria percebeu e acariciou seus cabelos:

— Não fica assim Mari — disse ela carinhosa — um dia ele vai entender.

Jurou a si mesma que não ia deixar o egoísmo de Hugo atrapalhar sua felicidade, assim que parou de chorar Maria a levou até seu quarto, onde arrumaram sua mochila com as pequenas coisas que havia ganho, e apenas um pingente que Maria disse que viera junto de sua cesta quando chegou:

— Vamos? — perguntou ela estendendo a mão quando arrumaram tudo.

— Sim — falou se animando.

Deu a mão a ela e caminharam pelo corredor, alguns dos seus colegas corriam pra se despedir, quase chegando à saída do refeitório viu Hugo de longe, seus olhos estavam vermelhos, parou e pediu um minuto, assim que Maria parou também largou a mão dela e correu até seu melhor amigo, o abraçou tão forte e choraram juntos:

— Eu nunca vou te esquecer — falou pro mesmo. — Você é meu melhor amigo.

— Promete que um dia iremos nos encontrar? — perguntou ele.

— Nem que seja a última coisa que eu faça — sorriu.

Maria a chamou. Ela olha pro seu amigo ali e se vira correndo até a Maria, foram até a recepção e lá estava um casal alto, e atrás deles um garoto um pouco mais velho do que ela agarrado a perna da sua mãe, assim que as viram os olhos da adulta se encheram de lágrimas:

— Oi meu amor — ela se soltou do marido e se aproximou ficando da mesma altura que Mari.

Abriu um sorriso tímido, soltou a mão da tia Maria que a incentivou a ir até a moça na sua frente, foi o que fez, caminhou até a ela e a abraçou:

— Oi mamãe — conseguiu dizer.

Ela abriu um enorme sorriso, apresentou o marido e o seu novo irmão: André. Na hora de ir se despediu de Maria, e então saiu dali com seus novos pais para seu novo lar.

9. Lar doce Lar

Anos se passaram, Marília cresceu, já estava no terceiro ano do ensino médio, amava sua família, nunca se viu como sendo a filha "adotada" e sim como a filha legítima de Marcos e Luciana, com pais amorosos, um irmão maravilhoso e muito ciumento, protetor com ela, eram uma família feliz. Levantou de manhã e estava frio, olhou o horário no despertador da escrivaninha e eram: 10h35min, fez suas higiênes no banheiro, trocou a camisola e desceu as escadas, seus pais ainda dormiam, apenas André estava acordado vendo futebol na televisão:

— Bom dia mano — falou se sentando do seu lado — Quem tá jogando?

— Corinthians — respondeu ele e a deu um sorriso voltando a prestar atenção.

Ficaram lá vendo o time ganhar, sim, ganhou e quando perceberam sua mãe estava na cozinha

preparando o almoço:

— Bom dia filhos lindos — disse papai descendo de banho tomado e todo arrumado com terno e tudo o mais.

— Bom dia — ela e André responderam juntos.

— Vem almoçar crianças — a mãe deles insistia em chamá-los assim, mesmo ela já estando com 17 anos e o André com 19.

Levantaram-se, pois o jogo tinha acabado. Mari desligou a TV como sempre e se sentou à mesa por último, esperou seu pai se servir, e recebeu um prato cheio de macarrão das mãos da mamãe:

— Hmmm — falou terminando de comer — estava uma delícia mãe.

— Agora a louça é entre vocês — disse dona Luciana dando um beijo em cada um e se retirando pro quarto.

— Eu vou trabalhar — disse Marcos se levantando — de noite temos aquele jantar, não esqueçam — sorriu gentilmente.

— Bom trabalho — desejou ao mesmo se levantando também e tirando a mesa levando as louças sujas pra pia.

— Bom maninha, acho que só sobrou você — disse André na cara de pau:

— Não mesmo — reclamou — da última vez eu que lavei. Engraçadinho.

— Ok — disse ele, por fim — só vou levar o lixo e já volto.

Ela concorda e se joga novamente na almofada, ouve a porta bater e dá de ombros, dez minutos depois e o André não havia voltado, foi até a cozinha e xingou o mesmo mentalmente. Ele havia escapado novamente e o lixo ainda continuava ali, ela caminha até a pia depois de praguejá-lo diversas vezes em pensamento, lava a louça toda e leva o lixo pra fora.

Depois fica vendo TV até dar o horário de ir pra escola, quando estava perto sobe, toma um longo banho, coloca a saia azul cor lápis, a sapatilha e a camisa branca, hoje dispensou a meia cinza pois estava calor demais, deixou seu cabelo com um rabo de cavalo e fez um laço com uma de suas fitas, estava pronta quando sua mãe adentrou o quarto também arrumada:

— Vamos que hoje eu tenho uma reunião — disse ela, mas parou assim que a viu — Como você cresceu, nem parece a garotinha que era.

— Fiquei mais bonita né — brinca Mari terminando de me arrumar.

— Você foi nosso melhor presente — disse ela emocionada.

Ela até sua mãe se sentando a seu lado:

— Não, vocês foram meu maior presente, vocês me deram uma família e sou eternamente grata, eu amo vocês e não os vejo como meus pais adotivos, vocês sempre foram meus pais.

Ela sorriu e se abraçaram.

+

— Tchau filha, boa aula — disse Luciana para Mari assim que essa desceu do carro em frente ao colégio.

— Bom trabalho — a loira se apóia na janela do carro — amo você.

Após a despedida ela se afasta e sua mãe a manda um beijo saindo de lá com o carro. Mari entra no colégio e encontra Bruna, uma colega sua com o namorado dela, assim que a viu ela se separa dele e vai até onde a loira está:

— Bom dia — e a deu dois beijos no rosto.

— Bom dia Bru — falou risonha — ansiosa pro baile de formatura?

— Muito — responde ela saltitante — e você?

— Um pouco — confessou — Viu o Mateus por aí? — pergunta.

Mateus era seu quase namorado, ficavam sério, mas ele ainda não a havia pedido em namoro. Ela sorriu de lado e negou dando de ombros, deu um tchauzinho e voltou até o namorado que a esperava. A loira vai caminhando até a biblioteca e o encontra dormindo em uma das mesas, toca gentilmente seu ombro e ele abre os olhos devagar sorrindo ao vê-la:

— Oi docinho — fala ela selando seus lábios.

— Bom dia Mari — responde ele após o selinho.

— Está cansado? — indaga percebendo seus olhos inchados.

— Um pouco — responde.

— Ainda quer ir ao jantar de hoje? — perguntou mordendo os lábios esperançosa.

— Sobre isso, não sei ainda pequena — responde ele claramente decepcionado — Meus pais estão se separando e eu tenho que cuidar da Mabel.

— Entendo — forçou um sorriso.

— Pô linda — disse ele segurando sua mão — eu vou tentar, mas não prometo nada. Pode ser?

— Pode sim — já foi suficiente para se animar um pouco.

Ficaram conversando ali até serem expulsos pra aula, saem da biblioteca e vão pra sala, ele se senta ao lado dos seus amigos e ela se senta ao lado da Bruna e das amigas dela, que logo se calaram, a loira fica sem entender mas não pergunta nada pois Fernando, seu professor de filosofia entra na sala.

Na hora de ir embora não encontra nem Bruna e nem Mateus, estava saindo pra ir pra casa quando vê Gabriel, namorado da Bruna na esquina com uns caras, até que ele era gente boa, mas não se arriscava em fazer amizade, pois Bruna era ciumenta demais:

— E aí Mari — disse ele assim que a viu.

— Oi — dei meu sorriso mais educado.

— Tá indo embora? — pergunta ele e dá um olhar pros seus dois amigos que pareciam ser mais velhos.

— Estou sim — responde ela normalmente — até mais.

Virou-se para andar até o ponto de táxi quando sente a mão dele segurar seu braço com um pouco de força:

— Pô princesa, fica mais, tava louco pra conhecer a amiguinha da minha namorada — responde ele com malícia.

Os amigos dele deram risada:

— Me solta — fala fuzilando os olhos dele — ou eu juro que vou gritar.

— Tenta a sorte vadia — o cara com as tatuagens sinistras disse após jogar seu cigarro no chão e pisar apagando o mesmo.

— Ela é atrevida, viram só? — Gabriel segurou seu braço com mais força e a loira sentiu lágrimas de dor, tentou se soltar e foi em vão, tinham poucas pessoas ali e ela ficou com medo de gritar, pois sua ameaça não foi em vão:

— O que você tá fazendo? — perguntou quando ele a arrastou pra longe.

— Você verá. — riu.

10. Cativoiro

— Fica quieta — ordena Gabriel enquanto a amordaçava.

Ela chorava desesperada, era seu segundo dia ali, já deviam ter a procurado e até agora nada. As mãos dele encontraram seus seios e ela sentiu o nojo crescendo dentro de si, quando gritou novamente sentiu sua mão em seu cabelo e ele deu um forte puxão fazendo seus olhos arderem com a dor — Você é minha vadiazinha — disse ele próximo a sua boca.

— Meu pai vai te encontrar, e eu juro que quando isso acontecer você estará morto — usou as últimas forças que restavam pra lhe atingir.

— Quando isso acontecer — ele disse e segurou seu rosto próximo ao dele — eu já estarei bem longe daqui — riu — e você, morta.

Sentiu seu estômago revirar ao o ouvir dizer aquilo, e um medo incontrolável começou a crescer dentro dela. Os últimos dois dias haviam sido uma tortura, o que ele e os amigos dele a fizeram passar, seu rosto estava todo vermelho, o corpo todo sujo, cheio de hematomas e marcas, ela só queria desesperadamente morrer, talvez isso fosse mesmo melhor:

— Acaba logo com isso — gritou. — me mata de uma vez.

— Na hora certa — respondeu ele a ignorando totalmente.

Ouviu a porta ser batida e o silêncio tomou conta, Mari olha sua situação, o quarto era pequeno — havia percebido isso no instante que a jogaram ali — havia uma cama de solteiro com um colchão horrível, não

havia travesseiro e a única coisa que tinha era um fino lençol que parecia estar ali há anos devido ao cheiro de mofo, o chão era frio e havia um banheiro que cheirava a esgoto, o quarto era todo com rachados devido provavelmente a aguaceira em chuva, e havia uma estante com vários tipos de coisas, havia principalmente facas, correntes, fósforos, baldes enormes provavelmente com álcool pela cor e sacos de lixos.

Isso tudo a deixava assustada, além dele e de seus amigos ninguém aparecera aqui, não conseguia dormir e mal se alimentava, o pão que davam era velho e duro e a água suja, ela estava no inferno. Se bem que até o inferno era melhor do que isso. Levantou-se com dificuldade e sentiu uma dor fortíssima no ventre, levou a mão com cuidado e quando olhou havia sangue, sangue de verdade, não conseguia andar, deu um passo e caiu novamente no chão, sua perna estava inchada devido a ter sido acorrentada diversas vezes, seu cabelo parecia uma palha. Ela só queria sua casa, ela não entendia o porquê isso estava acontecendo consigo.

Ela foi invadida, estuprada, abusada, machucada e maltratada por alguém que conhecia. Ali ela pensava na Bruna, no Mateus, como eles estariam se soubessem, coisa que eu duvido que soubessem, se perguntava se esse inferno iria acabar, se ficaria pra sempre assim, se seus pais estavam atrás dela, porque ele estaria fazendo isso, pensava no passado, e chorava. Quando finalmente não havia mais lágrimas se levantou novamente com dificuldade e chegou até a cama, quando ia se deitar ouviu vozes, se ajeitou rapidamente, era uma voz feminina? A porta foi aberta e seu queixo caiu:

— Surpresa com a visita? — Bruna deu risada.

+

Seus olhos não estavam enxergando direito, ou estava enlouquecendo. A Bruna estava ali, rindo de si:

— Fez um bom trabalho — disse ela a Gabriel olhando meu estado, com deboche.

— Foi você? — ouviu sua voz dizer.

— Porque acha que ninguém veio atrás de você ainda? — disse como se fosse natural.

Ela não esperou uma resposta, porque ela também não saberia o que responder:

— Gabriel além de fazer um ótimo trabalho com vadias como você, também é um ótimo assassino. Você deveria saber que foi muito fácil forjar a sua morte e de seus pais, pena que a deles não foi tão mentira assim. - disse se aproximando e se sentando ao seu lado.

A loira não acreditou no que ouvia, sentiu vontade de chorar e uma raiva incontrolável, estava pronta pra arrancar o cabelo daquela vagabunda, mas ela se levantou e continuou a falar:

— E a sua meu amorzinho — sorriu fingindo gentileza — será tão real quanto a deles.

— Você matou meus pais? — perguntou.

Ela apenas concordou:

— Tinha que ver a cara do seu irmão, coitado. Ficou tão desolado, não acharam o seu corpo e o dos seus pais estava irreconhecível demais para fazer um enterro digno. E vamos ser sinceras, seus pais não mereciam merda nenhuma — falou friamente.

— Por quê? — conseguiu perguntar.

— Você acha que é fácil? Ver seu pai se matando aos poucos porque sua mãe foi burra suficiente pra se apaixonar por outro?

— E o que isso tem haver com a minha família? Comigo?

— Seu pai era namorado da minha mãe, quando descobriu que ela era casada e uma infiel, ele a largou, meu pai descobriu através de uma ligação e entrou no estado que está hoje, ele amava demais minha mãe. Depois de anos conseguimos seguir em frente, minha mãe aos poucos voltava a ser a mãe amorosa, e esposa dedicada que era, não me importava se por dentro ela estava morta, ela devia isso a meu pai e a mim, pelo que nos fez. E tudo estaria bem se você e sua família não tivessem aparecido.

— Meu pai não tinha culpa se sua mãe era casada — gritou.

— Não, não tinha. Mas também não devia ter voltado pra essa cidade, com esposa, filho e com uma garotinha recém adotada. Você deve saber que quando entrou no colégio eu não te conhecia, e já te odiava. Não me leve a mal, mas eu odiava toda a sua família. — continuou — você para nós era sem rosto e sem nome, até ser matriculada no mesmo colégio que eu iria estudar, na mesma sala, até eu te ver todo dia com aquele sorriso ridículo na cara toda vez que seus pais apareciam pra te buscar, ou quando você dava uma de princesinha indefesa. No começo eu tentei tirar isso da cabeça, minha família estava em paz, você e seu irmão não tinham culpa.

Senti a raiva crescer no olhar de Bruna:

— Até minha mãe descobrir que o grande amor da vida dela estava casado, com dois filhos. Então se matou. Você nunca iria entender isso, ela se matou porque não era feliz, porque não amava meu pai, e não me amava.

Gabriel apenas assistia ao fundo, sentia o vômito crescer dentro de si, e ela estava cada vez mais irritada:

— Eu sinto muito — tentou dizer e sentiu sua mão em cheio no seu rosto, um tapa.

— Cala a boca - rosnou ela — você não sente porra nenhuma.

— Bruna — alertou Gabriel, mas se calou ao ver que iria sobrar para ele.

— Eu adoro brincar sabia? — disse Bruna com um sorriso no rosto correndo os dedos pelas prateleiras onde havia as coisas a qual observou. — e adoraria brincar com você.

Ela se virou examinando algumas coisas e Mari pôde ver o metal prata em sua mão, uma faca pequena,

nessa hora tentou se levantar e começou a implorar:

— Por favor, eu não tenho culpa de nada, me deixa em paz Bruna, me deixa sair daqui.

— Pra você sair correndo e me dedurar pra polícia? — ela riu.

— Eu juro que não, se me deixar sair daqui eu prometo que ninguém nunca vai saber sobre esses dias.

— Claro — disse ela... — Gabe, me ajuda aqui?

Mari pareceu aliviada e sorriu para a ex amiga, estava preste a agradecer quando sentiu uma agulha perfurar seu braço, olhou para ela desesperada e perguntou:

— O que você fez?

— Boa noite cinderela — foi a última coisa que escutou antes de desabar nos braços do Gabriel em um sono profundo.

+

Marília acorda suando, seu cabelo está molhado, sua feição assustada e seu peito acelerado:

— Você está bem? — ouço alguém dizer.

Assim que se vira encontra o olhar protetor de Hugo, ele segurou seu rosto com as mãos e a olhou preocupado:

— Foi só mais um pesadelo — fala a loira calmamente.

O mesmo pesadelo, mesmo depois de anos essa cena a persegue, não se sabe o que restaria de si se naquela noite não tivesse sido encontrada, pelo que Hugo e André a contam, ela estava desmaiada quando seu Jorge pai de Hugo, o tal detetive e o filho dele, Hugo a encontrou, depois de parar no hospital com hemorragia interna e entre a vida e a morte ela não se lembra de nada daquela noite, apenas se lembra o dia em que chegou, e algumas horas na mão daquelas pessoas, depois tudo não passa de borrões, mas esse sonho, ele me persegue todas as noites desde a morte de seus pais:

— novamente aquele pesadelo? — perguntou o mesmo.

Concordou:

— Já passou, encontramos você, está tudo bem. A Bruna pagou por todo mal que fez, foi pro manicômio e o cúmplice dela está morto.

— Eu sei — fala Mari com a voz falhando — mas ela matou os meus pais, ela me afastou do Dé, nem

meus avós entendem direito como eu sobrevivi.

— A culpa não é sua — responde.

— Eu devia ter sacado logo de cara o quão falsa ela era. Talvez assim, só assim meus pais estariam vivos, eu estaria com o Mat, e minha família estaria feliz.

— E não teríamos nos reencontrado — ouviu-o dizer baixinho.

—Eu iria te encontrar, sempre. — se ajeitou em seus braços fechando os olhos — eu te amo Cobra.

— Eu também te amo Mari, muito. — sorriu alegremente

— Sou grata por te ter na minha vida — sussurrou depois de um tempo.

— Está com fome? — pergunta ele com o mesmo sorriso nos lábios.

—Muita — concordou.

— Vou pedir o almoço, só um segundo — responde se levantando e indo até a sala de onde ligou para um restaurante e pediu comida.

O celular de Hugo começou a tocar e ele a pediu que atendesse:

— Alô — respondeu assim que atendeu.

— Quem é gatinha? — pergunto entrando no quarto.

Ela apenas me olha e me passa o telefone, se levanta e sai correndo pra sala, olho meu celular e levo a orelha:

— Alô? — chamo.

— Querido — era minha mãe.

— Oi mãe — fico mais tranquilo — tudo bem?

— Não querido, — ouço a mesma fungar do outro lado da linha.

— O que aconteceu? — pergunto me levantando em um pulo.

— Seu pai — responde ela rouca — foi baleado, deu entrada na UTI, está em cirurgia.

— Como assim? — pergunto desesperado — em que hospital vocês estão? Quem está ai com você?

Então me cai a ficha, corro até a sala e pego minha carteira e chaves do carro, Marília se levanta com os olhos vermelhos e eu a abraço, pego em sua mão e saímos dali descendo as escadas até a garagem, entro no carro e ela fez o mesmo, enquanto mamãe me explica o ocorrido. Um filho da puta os pegou na saída do teatro e simplesmente baleou meu pai e fugiu. Desgraçado. Eu vou matar aquele desgraçado.

Marília permaneceu quieta o caminho todo, peguei meu celular e liguei para André, assim que atendeu, ele que estava na casa dos nossos amigos disse que logo nos encontraria. Estaciono em frente do hospital e desço, fico parado ali em frente ao carro, dou um chute na roda e soco a porta, sinto meus olhos arderem e choro, sim... Choro, encosto minha cabeça na mão e fico ali por um tempo, sinto braços me envolverem, Mari me aperta e chora comigo:

— Porque Mari? — pergunto baixinho após longos minutos de silêncio.

— Me perdoa — implora e se afasta.

Seguro sua mão e me viro ficando de frente pra ela, olho em seus olhos e a puxo contra meu peito enchendo ela de beijo na testa, eu havia parado de chorar e podia sentir o coração da gata acelerado contra mim, estava quase dizendo para entrarmos quando ao longe a vejo, está acompanhada de André e Luís, completamente linda, um vestidinho de menina mulher que ia até os joelhos, o cabelo recém lavado e a feição preocupada, seus olhos eram profundos e estava com uma rasteirinha, segurava o celular na mão e assim que me viu seu sorriso de canto apareceu, eles se aproximaram e Mari se soltou de mim:

— E aí mano — cumprimenta André com um tapinha no meu ombro.

Mari me olha, sorri fraco e nos abraçamos novamente, ficamos ali conversando até eles resolverem levá-

la pra casa:

— Acho que vou ficar — falou Cecília indecisa me olhando.

Luís parou e a analisou:

— Você a deixa em casa depois? — me perguntou.

Apenas concordo, eles foram embora e Cecília me encarou, estava sem saber o que fazer, me desencosto do carro e faço menção de caminhar, ela fica ao meu lado, estendo a mão roçando de leve nossos braços e o improvável acontece, ela desliza seus dedos por dentro dos meus e entrelaça nossas mãos. Andamos em silêncio até dentro do hospital e fomos a recepção:

— Boa noite, o que desejam? — uma senhora simpática nos recebe.

— Sou filho do Jorge Toledo — falo.

— O paciente está em cirurgia — diz a recepcionista docemente. — Vocês podem esperar na sala de espera se quiserem.

— Onde fica? — Cecília pergunta.

Ela nos explica e vamos até a sala, quando chegamos, ela segura firme minha mão e entramos, Nina está sentada com a cabeça no colo e as mãos juntas, provavelmente em oração, dou um passo em direção a ela e Cecília permaneceu onde está, sorriu agradecido e me abaixo até ficar frente a minha mãe, assim que me vê ela me envolve com os braços me abraçando:

— Oh meu querido — diz novamente se debulhando em lágrimas.

— Estou aqui mãe — respondo acariciando seus cabelos.

— Eu estou com medo — confessou me olhando.

— Vai ficar tudo bem — garanto segurando firme tuas mãos.

— Você está bem meu menino? — pergunta me avaliando.

— Estou mãe, só estou cansado — a tranquilizo com um sorriso.

— Já almoçou?

— Ainda não mãe — respondo.

— Tem que comer Hugo, já não basta isso com seu pai, não quero outra pessoa nesse hospital — me dá uma bronca.

— Mãe — peço apontando a visita.

Ela segue meu dedo e sorri ao ver Cecília mordendo a unha, dou uma risada leve e ela para nos observando, suas bochechas coradas, ela se aproxima sentando ao lado da minha mãe:

— Oi — diz gentilmente tocando nas mãos da mesma.

— Oi minha querida — disse minha mãe carinhosa. — Você é muito bonita, é namorada do meu filho?

Nessa hora não sabia onde enfiar a cara, ela riu e fez que não com a cabeça:

— Pois devia ser — disse mamãe — esse menino precisa tomar jeito.

— Mãe — a repreendo.

Caímos na risada, ficamos assim conversando por um tempo. Eu me sentia leve, e não tão sozinho, estava com alguém que havia me criado, e me cuidado, meus pais eram tudo que eu tinha, seguido da gatinha, nunca fui de me envolver com ninguém, mas sentado ali, pela primeira vez, desejei ser notado, desejei conhecer a garota de olhos profundos e sorriso fácil, a garota que mesmo sem me conhecer direito estava ali, do meu lado, no momento mais difícil pra mim, estava ali tirando risos da minha mãe, e estava ali não porque se sentia obrigada, pois não tinha obrigação nenhuma e sim porque de tantos lugares que a mesma poderia ir, resolveu ficar, naquele momento olhando em seus olhos, sabia que estava condenado e jurei a mim mesmo conquistá-la.

Estávamos há uma hora naquele lugar, minha mãe dormia recostada na cadeira, eu estava de pé andando pra lá e pra cá e Cecília falava ao telefone com a mãe, pelo que me pareceu explicando onde estava e etc. Assim que ela desligou o médico apareceu:

— Parente do paciente Jorge Toledo? — nos olhou.

Minha mãe abriu os olhos e se levantou:

— Me acompanhe, por favor — pede ele a Nina.

Ela me fita e eu apenas assinto, eles saem dali em direção a sala do médico. Cecília desliga o telefone e me observa:

— Desculpa, era minha mãe — se explica.

— Tudo bem — respondo e me sento ao seu lado.

Ela parece estar desconfortável, mas sorri me aproximo e toco seu rosto com o polegar:

— Você é mesmo linda.

— Hugo — diz Cecília baixinho fechando os olhos quando a toco.

— Cecília — respondo, ela sorri.

— Eu sinto muito pelo seu pai — diz com sinceridade, seus olhos me encaram.

— Obrigado por estar aqui — desço minha mão por seu ombro até encontrar sua mão, levo até meus lábios e beijo.

— Não foi nada, eu só não queria te deixar sozinho — confessa.

— O que você tá fazendo comigo? — pergunto e seguro teu rosto com as duas mãos colando minha testa na sua, sinto sua respiração e seu coração baterem rapidamente, seus olhos se fecham quando acaricio suas bochechas, estou quase tocando seus lábios com os meus quando somos interrompidos:

— Filho — minha mãe aparece na sala.

Cecília abre os olhos e se levanta se afastando de mim, me viro frustrado e minha mãe sorri, o médico está a seu lado:

— E então? — pergunto a ela sobre meu pai.

— Ele saiu da cirurgia — responde calmamente — mas ainda não acordou, ele está na UTI por precaução.

— A bala atingiu a cabeça do paciente e por pouco não o matou, mas ele perdeu muito sangue e estava desacordado quando chegou, nós o colocamos em coma induzido, mas ainda não sabemos se ele irá acordar bem ou se irá acordar — diz o médico.

— Ele pode receber visita? — pergunto tentando manter a voz calma.

O médico não estava tão convicto assim, mas minha mãe o olha e praticamente implora, ele respira fundo e acena pra que eu o acompanhe:

— Eu vou pra casa — diz Cecília de repente.

Minha mãe se vira para ela e eu paro no lugar, peço um minuto ao médico e vou até ela:

— Fica — peço pegando em sua mão — por favor?

Ela morde os lábios indecisa, mas não nega, sorrio, beijo minha mãe e saio dali com o médico, ele me entrega a vestimenta necessária para UTI e entramos. Paramos no quarto 202 e ele me dá passagem pra entrar:

— Você tem 10 minutos — me informa.

Eu apenas concordo, ele me deixa ali, seguro firme a maçaneta e entro, meu pai está de olhos fechados esticado na cama com a cabeça toda enfaixada, me sento em uma das cadeiras que tem por ali e pego tua mão devagar, está gelada, mas por causa do frio, observo teu rosto sereno, ele parece estar em um daqueles sonos gostosos que tiramos no fim do dia sabe? A máquina ligada ao seu lado fazia alguns barulhos, respiro fundo e aperto gentilmente a mão dele:

— Estou aqui com você pai — começo a dizer, — e estarei aqui todos os dias, sei que vai sair dessa, pois mamãe e eu precisamos de você, ela precisa de você, e eu mais ainda. Faz dois dias que não nos

vemos, não é mesmo? Você saiu apressado pro trabalho e eu fui para a faculdade, te disse que te amava e você parou na porta, voltou e me abraçou. Você tem que me prometer que não vai desistir de nós, que vai ser forte e sair dessa, vai acordar e rir, fazer uma das suas piadas que nós amamos e então vamos pra casa, você vai ajudar a mãe com o almoço e vai brigar comigo por eu estar magro demais, depois vamos sentar frente à TV pra assistir basquete, e você não vai parar de alfinetar os jogadores. - faço uma pausa - Volta — peço.

12. Conselho

CECÍLIA

Assim que Hugo saiu para visitar seu pai no quarto, eu e sua mãe ficamos sozinhas. Pego minha bolsa e coloco no ombro, me aproximo dela e toco seu ombro gentilmente:

— Eu vou descer até a cafeteria — comento quando tenho sua atenção — quer um café?

Ela me olha e sorri:

— Não minha querida, vá pra casa descansar — aconselha.

— Eu... — ela me interrompeu: — eu me viro com ele, fica tranquila. Obrigada pelo que está fazendo por nós, nunca irei esquecer sua bondade.

— Eu faço isso porque foi me ensinado assim — respondo calmamente — porque Hugo é amigo dos meus amigos, e não gosto de ver ninguém assim.

— E pra você? — me perguntou.

Demonstro confusão:

— O que Hugo é pra você? — pergunta novamente.

— Seu filho é incrível — ela me lança um olhar com um sorriso, respiro fundo e começo novamente: — Eu não sei Nina, desde que o vi eu ando pensando nele, e eu nem o conheço direito, é normal isso?

— Isso se chama conexão — responde ela totalmente feliz com a resposta que dei. — Só te peço uma coisa minha filha, cuide dele. Se estiver disposta a conhecê-lo, saiba que não vai encontrar ninguém igual a ele, o que eu vi entre os dois a muito tempo eu não via em ninguém, é como se um olhasse pro outro e visse a alma, é como se a luz dos olhos de vocês refletissem tudo aquilo que escondem. Se me permite dizer não é porque é meu filho, mas eu entendo das coisas, quando isso acontece raramente saímos ilesos.

Eu a escuto atentamente e apenas concordo com a cabeça:

— Obrigada pelo conselho — agradeço. — Pode dizer ao Hugo que tive que ir pra casa? E pedir desculpas? — peço.

— Claro, se cuide.

Sorrio e saio dali em direção a rua, encontro um ponto de ônibus e me sento ali enquanto espero o ônibus. Chego em casa e Luana está jogada no sofá conversando com o namorado no telefone, ela me vê e acena voltando a prestar atenção na chamada, subo até os quartos e passo pela porta da minha mãe, ela e meu pai estavam ali, ouço suas risadas enquanto ele faz cócegas em sua barriga, então ele para e a puxa, os dois se olham como se a vida deles dependesse somente daquilo, ele segura seu rosto e a beija, de um jeito que a faz rir.

Saio dali em direção ao meu quarto e me jogo na cama exausta. Mas afinal, a questão não era essa? Achar alguém que te tirasse os pés do chão, alguém que te fizesse perder a noção do tempo, que te deixasse sem palavras ou que no silêncio se dissesse tudo, aquela que estaria com você em momentos como esse, que te diria o quão está errada em uma briga e depois iria atrás de ti, pois não aguentava a saudade, eu não sei quais sentimentos se encontravam persistentes em mim no momento, mas se os olhos são as janelas do coração, não fazia sentido dizer que não senti nada. Aquele momento a sós, o toque dele em meu rosto, o nosso olhar, a respiração dele se confundindo com a minha, o nosso quase beijo. Eu não sei como seria o dia de amanhã, mas uma coisa eu sabia, Hugo estava tirando minhas barreiras

+

Acordo no dia seguinte com uma dor de cabeça horrível levanto e desço as escadas em direção a cozinha, tomo um remédio e me jogo no sofá, ligo a TV e fico assistindo enquanto ninguém acorda:

— Bom dia — diz Luana aparecendo depois de um tempo saltitante.

— Qual foi dessa alegria toda? — dou risada.

— Hoje vocês vão finalmente conhecer meu namorado — fala ainda sorridente.

— Já estava na hora — implico com ela.

— Cala boca — ri, pegou uma maçã e veio se sentar do meu lado.

— E você Narizinho — me pergunta — não tá com ninguém não?

— Com toda certeza não — falo rápido demais.

Ela me observou e ri, alto demais.

— Bom dia minhas princesas — diz papai descendo todo arrumado:

— Já vai trabalhar? — pergunto olhando no relógio, estava cedo.

— Sim — ele responde — tenho uma reunião pra preparar.

— Tudo bem — concordo — se cuide, e não chega tarde.

— Tudo bem mãe — brinca ele.

Minha mãe desce, tomamos café e depois meu pai vai trabalhar, restando apenas as mulheres:

— Mãe, cadê a Babi? — perguntei notando que ela não aparece desde sexta.

— Foi passar uns dias com os avós maternos. — responde ela terminando de secar a louça.

— E você não liga? — pergunto com curiosidade.

— Claro que não — responde Luana me dando um tapa na cabeça — é a família dela também, eles tem direito de ver a neta.

— E quando ela volta? — pergunto ignorando Lu.

— Não sei bem, mas vai demorar pelo que parece ela iria viajar de férias com os avós. — diz mamãe.

— Mãe — chama Luana — não esquece que hoje temos um jantar pra ir.

— Finalmente irei conhecer meu genro? — até ela brincou.

— Vocês são duas chatas, só estamos namorando há dois meses, não era a hora — se justifica.

— Imagina se fosse seis — brinco e subo correndo antes que ela me xingue, entro no quarto rindo.

Pego meu celular em cima da cama e tinha mensagem do grupo, meu, da Gabi, Luís, Pedro e Sofia:

— E aí — mensagem do Pedro — o que vão fazer nas férias?

— Dormir — era a Gabi — dormir, e dormir.

— Eu vou viajar pras montanhas — disse Sofia.

— Nossa, que rica — brinca Luís.

— Me leva — Gabi pede.

— Vamos? — Sofia animou, — a casa é enorme, meus pais estão querendo que eu vá pois no último verão eu fiquei em casa enquanto eles viajavam.

— Animo totalmente — eu intrometida mando.

— Olha quem apareceu — diz Gabi.

— Não seja dramática — Luís fala — Cix, como foi lá ontem?

— Como assim? Onde você foi? — Gabi indaga.

— Ela estava com o Hugo no hospital, o pai dele foi baleado — Luís fofoqueiro.

— O QUE? — Gabriela sempre histérica.

— Depois eu te explico — respondi — ele está em coma induzido Lu, Hugo foi ver ele ontem, não sei de nada, pois eu vim pra casa cedo.

— Cara, que merda — responde ele.

— Total — Sofia disse.

— Preciso ir — falo — tenho que estudar pra essas provas, ou eu não irei passar.

— Quem vê pensa que é estudiosa — diz Pedro.

Todos deram risada:

— Temos que pensar em algo pra agora, — Gabi disse do nada. — Temos que chamar a turma e sair.

— Hoje? — mando — sair dia de semana é foda pra mim.

— Sim po, tem um barzinho super massa que abriu aqui perto de casa, é bom pra galera se encontrar po, vamos? — responde ela.

— Pode ser — Pedro e Sofia mandam.

— Se o Luís for — falei torcendo pra que ele não pudesse.

— Bora — responde ele anos depois.

— Fechado, vou avisar aos outros — disse Gabi.

13. Jantar

Fico estudando a tarde toda e quando dá 17:00 recebi uma mensagem da Gabi dizendo que haviam marcado para 20:00 direto no bar. Deixo o celular na cama e vou até o quarto da minha mãe, ela lê um livro na cama e quando me vê o deixa de lado:

— Oi meu amor, vem cá — diz batendo a mão na colcha.

Tiro o chinelo e subo na cama com ela, me sento ao seu lado e ela começa a fazer carinho no meu cabelo:

— Que horas é o jantar? — pergunto.

— Sete horas meu amor — diz ela — seu pai vai sair mais cedo do trabalho só por isso.

— Está ansiosa? — pergunto olhando para ela.

— Com esse encontro? Você quer saber se aprovo esse namoro?

Concordei.

— Sua irmã já tem 22 anos meu bem, por mais nova que achamos que ela seja nunca nos decepcionou, se ela o acha um rapaz bom, então nós a apoiamos. E quanto a estarem juntos a meses sem que conhecêssemos eu entendo, se sabemos que algo pode não dar certo, então esperamos, do que adiantaria em uma semana ela nos apresentar o rapaz e no dia seguinte o namoro acabar? Desde muito novas eu e seu pai sempre conversamos com vocês três sobre os riscos da relação a dois, sobre como um relacionamento era, — ela sorriu — você se lembra não é?

Respondo que sim, ficamos ali conversando até dar seis e meia, quando chegou perto do jantar me arrumo e desço pra esperar meu pai chegar, Luana está na casa do rapaz e irá com ele para o restaurante, mamãe se arrumou e quando papai chegou ele trocou de roupa e fomos:

— Você está linda meu amor — me elogia.

— Obrigada pai, você também está maravilhoso.

Ele pisca pelo retrovisor e chegamos ao restaurante da família do tal rapaz, assim que meu pai estaciona descemos e vamos até a entrada onde encontramos Luana com o celular na mão, provavelmente tentando saber onde estávamos ela nos vê e vem ao nosso encontro:

— Achei que não viriam mais — diz ela abraçando um por um — Vamos, Mateus guardou um lugar para nós.

— Então o rapaz tem nome — meu pai a provoca.

Demos risada e acompanhamos seus passos dentro do restaurante, era simples e ao mesmo tempo elegante, tinham várias mesas dispostas pelo salão e um palco com uma banda tocando música acústica ao vivo deixava o ambiente mais aconchegante, ela nos leva até a mesa perto da banda e o Mateus se levanta todo desajeitado assim que nos vê ele era bonito, e parecia ser mais velho:

— Boa noite senhor, senhora — diz ele aos meus pais com educação.

— Boa noite rapaz — diz meu pai tomando a frente e apertando sua mão.

— Boa noite — diz mamãe, — bonito lugar — elogia.

— Obrigado, meus pais amam isso aqui.

Acenei gentilmente a ele e sentamo-nos à mesa.

+

O Jantar foi muito bom, conversamos sobre tudo. O Mateus é muito gentil, e me pareceu estar mesmo apaixonado pela Lu, sempre que tinha oportunidade não tirava os olhos dela, sempre carinhoso quando falava dos dois, os pais dele vieram se apresentar e também conhecer a nora, foi divertido, eu havia aprovado. Ele tinha 24 anos, trabalhava com o pai e fazia faculdade de Contabilidade, tinha uma irmã chamada Mabel de 15 anos, morava sozinho desde os 20, seus pais haviam se separado, mas depois de alguns anos reataram, era estudioso, não se metia em encrenca, não bebia e nem fumava, era perfeito pra Luana, havíamos acabado de comer a sobremesa quando meu telefone começou a tocar:

— Cadê você louca? — Gabi grita, havia muitas vozes ao fundo, deduzo que já estão no bar. — São 21:00 e nada de você aparecer.

— Eu já estou indo — respondo — estou no jantar com os meus pais, comentei.

— Ah sim, o namorado da sua irmã é gato?— pergunta na maior cara de pau.

Dou risada, trocamos mais algumas palavras e desligo, meus pais foram pagar a conta, mas a mãe do Mateus não permitiu dizendo que era por conta da casa, nós agradecemos e fomos pra saída:

— Pai, tem como me deixar em frente ao condomínio da Gabi? — pergunto.

— Tem que ser agora filha? — pergunta — eu e sua mãe queríamos dar uma volta.

— Eu pego um táxi— falo negando — vão se divertir.

Eles se despedem e entram no carro, estou esperando um táxi passar quando minha irmã e Mateus aparecem:

— Ainda ta ai doida? — me pergunta ela.

— Sim, papai e mamãe foram dar um passeio e nenhum táxi passa aqui — reclamo.

— Aonde tu vai? — sorri — quer carona?

— Lá na Gabi — respondo, — se tiverem indo para aquele canto.

— O que tu vai fazer essa hora na casa dela? — brinca.

— Vamos num bar que inaugurou lá, toda a galera da faculdade e amigos vão — respondo entrando no carro com eles — Querem ir?

— Vamos amor? — pergunta ao Mateus.

Ele concorda, dou o endereço do tal bar e em pouco tempo chegamos até lá, descemos enquanto ele disse que iria procurar uma vaga, pois estava lotado, entramos no bar e logo achamos as mesas onde a galera estava:

— Oi gente — chamo a atenção de todos.

— Olha quem apareceu — grita Gabi já meio bêbada.

— Não grita louca — dou risada.

Puxamos três cadeiras e nos sentamos, eu estava ao lado da Gabi, Luana do meu e havia uma cadeira pro Mateus ao lado dela e da Marília.

— O que vão beber? — pergunta o garçom a nós duas.

— Eu quero um refrigerante — peço.

— O mesmo pra mim — responde Lu.

— Então Lu, trouxe o garanhão também? — pergunta Gabi.

— Ele está estacionando — dá risada da minha amiga.

— Cadê esse boy — Mari entra no papo — até eu to curiosa, Gabi não parou de falar um segundo disso.

— Fica quieta — diz Gabi por ter sido dedurada.

— Ali está ele — diz Luana se levantando.

Mateus entra no bar olhando para os lugares e assim que nos vê sorri, mas fecha o sorriso e demonstra surpresa, Mari se vira e seu rosto também dá lugar a surpresa:

— Você?

— Mari? — pergunta ele.

14. Surpresa

— Vocês se conhecem? — pergunto confusa.

Quando ele ia responder Hugo apareceu:

— Mateus? — perguntou, alternando seu olhar entre ele e Marília.

— Hugo — Mateus responde — quanto tempo cara — deu um tapinha em seu ombro.

— Tu sumiu né viado — brinca.

— É, muito tempo mesmo — disse Mari, com um meio sorriso.

— Senta aí, como chegou aqui? — Hugo se senta ao lado de Mateus.

— Vim com minha namorada — responde ele meio sem jeito.

— Oi — Luana cumprimenta.

— Oi — ele responde. — Não sabia que tu namorava a irmã da Cecília.

— Pois é — responde — conheci a família hoje.

— Como estão seus pais? — pergunta Marília.

— Estão juntos — diz educadamente.

Ela sorri, Hugo e ele conversam por um bom tempo, em determinado momento saí pra ir ao banheiro, havia acabado de usar e fui lavar as mãos quando Mari entra, a cara dela indicava que não estava muito animada:

— Mari — falo preocupada, — você está bem?

— Não — responde se apoiando na pia.

— O que você tem? — pergunto me aproximando.

— Eu tentei Cecília, por um mês inteiro eu tentei porque eu o amava, mas deve saber que quando acontece algo que muda nossas vidas não permanecemos os mesmos. E então, descobri que enquanto eu estava sendo torturada, ela o estava roubando de mim:

— Tá falando da minha irma? — pergunto confusa.

— Não, da única pessoa que chamei de amiga quando eu tinha 17 anos. Ele me jurou que nunca faria nada pra me magoar, mas eu me sentia suja cada vez que encontrava com ele, então terminei. Mas eu o amava, e ele também me amava. Mas eu não podia ficar junto dele, pois iria sempre me lembrar daqueles dias, do que passei. Eu perdi parte da memória depois de quase estar morta, deve saber que quando ela foi enviada ao manicômio foi um alívio, mas então seu pai me culpou. O namorado dela na época morto, eu nunca iria superar isso. E Mateus — ela diz pausando e respirando fundo — não precisava lidar com meu passado conturbado.

— Eu não entendo — respondo ainda confusa.

— Eu e o Mateus namorávamos, acontece que algo ruim aconteceu comigo... Tentaram me matar, assassinaram meus pais — diz ela começando a chorar — seduziram meu namorado, eu não conseguia olhar pra ele sem lembrar o que ela me fez.

— E o que ele fez? — pergunto.

— Ele insistiu em continuarmos juntos, disse que estaria comigo e me prometeu que passaríamos por isso juntos, mas eu não consegui.

— E como ele e o Hugo se conhecem?

Nessa hora Hugo entra no banheiro e a puxa pra si, me olha de canto e eu entendo, saio de lá e vou até a mesa. Mateus e Luana estão em silêncio, Gabi está discutindo com Sofia sobre política, Luís quase dormindo na mesa e os outros já tinham ido embora. Sento-me do lado da minha irmã e ela me dá um sorriso:

— Ela está bem? — pergunta.

— Não sei dizer, — resolvo ser sincera.

— Eu não queria causar nada disso — diz Mateus.

— Eu sei que não — respondo — ela não está chateada com você, e sim com ela mesmo.

Eles foram embora depois disso e eu fiquei.

+

— Acho que vou nessa — diz Luís batendo a mão fechada de leve na mesa, Gabi que agora está quase dormindo também se levanta seguida de Sofia

— Você vai ficar ai? — pergunta Gabi com a voz embaralhada.

Faço que sim.

— Se cuida então — se despede e me abraça.

— Tchau — Sofi acena.

Ambos saem pela rua rindo, vejo Luís deixar as duas na casa da Gabi e depois vai embora de carro, repouso minha cabeça na mão e fecho os olhos, estava um friozinho gostoso. Quando estou quase adormecendo sinto uma mão roçar levemente meu cabelo:

— Oi — digo ainda de olhos fechados — você demorou.

— Não sabia que estava aqui — diz com a voz rouca. — Vou deixar a gatinha em casa, e depois te levo, pode ser?

Abro os olhos devagar o que foi o erro, o rosto dele está a centímetros do meu, sinto seu hálito de menta e noto sua boca formar um sorriso;

— É feio encarar os outros assim — diz trazendo minha atenção de volta.

Sinto minhas bochechas coraram, desvio o olhar, levanto e ergo os braços me espreguiçando, ele faz o mesmo, Marília está na saída, seguimos até onde ela está e pego em sua mão, ele não diz nada, apenas as observa unidas e continua andando:

— Achei que íamos dormir aqui — brinca Mari já um pouco alegre.

Ela nota nossas mãos juntas e sorriu, mas não diz nada. Entramos no carro, eu atrás e ela na frente com ele, fui o caminho todo em silêncio encostada com a cabeça no vidro, de olhos fechados, mas sabia que ambos conversavam, o carro para e abro os olhos, Mari beija Hugo e se vira pra mim:

— Tchau viu — sorri — obrigada por me ouvir hoje, e se cuida.

— Eu que agradeço por me deixar ajudá-la — falo. — Você também.

Ela pega as coisas dela e desce do carro, faço o mesmo e pego a frente, Hugo espera que ela entre para a casa e volta a atenção pra mim:

— Tá cansada? — leva a mão ao meu cabelo tirando um fio do meu rosto.

— Um pouco — confesso e deixo escapar um bocejo.

— Quer ir pra casa? — pergunta me olhando atentamente.

— Se você quiser — respondo devolvendo o olhar.

— Fica comigo hoje — pede roçando seu polegar no meu rosto.

— Tudo bem — respondo.

— Isso é serio? — ele para com o roçar e me observa.

— Sim — morde meu lábio — eu quero passar a noite contigo.

Ele abre o sorriso mais lindo de todos, liga o carro e dirige até um apartamento, estávamos chegando, ele pega minha mão e leva aos lábios, eu sorrio feliz.

— Chegamos — diz ele ao estacionar o carro na garagem.

— É o apartamento de quem? — pergunto.

— Meu — respondeu, — ganhei de presente dos meus pais quando completei 20 anos, mas não quis me mudar, venho aqui às vezes pra deixá-los sozinhos, mas é só.

— Entendi.

Sigo Hugo até o elevador e subimos em silêncio até o quinto andar, ele pega a chave no bolso e abre a porta, o apartamento é todo mobilhado, entro com antes dele, e assim que entra ele fecha a porta:

— Bem vinda — diz ele atrás de mim, me viro e ele sorri me puxando pra si em um abraço gostoso — Mi casa, tu casa — responde.

Eu sorrio quando ele diz aquilo e envolvo meus braços em seu pescoço:

— O que você tá fazendo comigo? — ele pergunta com seu rosto próximo demais.

— Não me lembro de sentir algo assim desde a adolescência — dou risada.

Os olhos dele me intimidavam, sua mão sobe do meu rosto ao meu cabelo e sinto seus dedos percorrerem por dentre os fios longos, ele fecha sua mão em torno formando um rabo de cavalo frouxo e faz nossos corpos colarem, peito com peito, cintura com cintura, respiração no mesmo ritmo. Eu não consigo parar de olhá-lo. Ele é lindo, percorro meus dedos por seu braço analisando suas tatuagens, enquanto seus olhos cheios de malícia me acompanham, toco seu abdome e ele solta um suspiro alto:

— Se você fizer isso, eu vou te beijar — diz segurando minhas mãos em seu peitoral.

— E porque não beija? — me ouço dizer fechando os olhos e encostando minha testa na dele.

Ele abre aquele sorriso maroto e segura meu rosto com uma das mãos puxando minha cintura e passando o dedo sob a mesma, sinto seus lábios próximos ao meu:

— Cecília — ouço meu nome ser chamado.

— Hugo — sussurro envolvendo meus lábios nos dele.

— Cecília — alguém me sacudia.

A imagem de Hugo desaparece e me vejo sendo sacudida, acordo em um pulo e ainda estou naquele bar, olho pra trás e vejo Hugo e Marília me encarando, assim que percebo ambos com um sorrisinho no rosto sinto minhas bochechas ganharem vida se transformando em tomates:

— Há quanto tempo estão aí? — consigo perguntar me levantando.

Essa pergunta era dirigida a Hugo, mas foi Mari que respondeu após uma troca de olhares:

— O suficiente — e abriu um sorriso solidário. — Você praticamente babou na mesa.

Eu sentia meu rosto em chamas, Hugo não disse nada:

— Vocês ouviram algo? Eu disse algo? — pergunto não querendo saber.

— Sim — disse Mari — você chamava pelo Hugo, e dava uns gritinhos.

Eu não conseguia acreditar até ela começar a rir, dou uma bolsada nela e rio também:

— A parte do meu nome eu sinto em dizer que escutamos — diz ele também meio sem jeito.

— Eu sei que o sonho estava bom — ela nos traz a atenção — mas o bar está querendo fechar a uma meia hora e está tarde, preciso trabalhar amanhã, então, vamos casal?

Hugo me olha e eu concordo andando atrás dos dois, enquanto eles vão até o estacionamento me preparo pra seguir até o condomínio da Gabi depois do mico que passei:

— Aonde você vai? — pergunta ele correndo até mim.

— Vou embora — respondo como se fosse óbvio.

— Eu te deixo em casa — diz.

— Não precisa — me apresso em dizer — além do mais acho que já tivemos coisa demais pra uma noite só.

— Por favor — pede.

Uma fina chuva começa a cair, no carro Marília buzina, estou prestes a respondê-lo quando seu telefone começa a tocar:

— Espera — pede ele ao pegar o celular — não saia daí, é um segundo.

Ele se afasta e eu o observo atender, aproveito sua distração pra sair dali o mais rápido possível. Não iria conseguir vê-lo de novo, não depois de hoje.

15. Filho? Ex?

HUGO

Atendo o telefone me afastando um pouco dali, por causa da fina chuva que caía:

— Mãe? — falo, pois era o número da mesma.

— Oi querido — disse ela — onde você está?

— Indo pra casa — respondo. — Está tudo bem?

— Sim querido, é só que — a ouço fechando o que imagino ser uma porta e uma voz que seria irreconhecível ao fundo — Já vai querida — diz minha mãe.. — Vanessa está aqui, e quer te ver.

— O que? — pergunto surpreso, quando me viro para onde havia deixado Cecília ela já não está mais lá. Praguejo mentalmente e corro até o carro, pois a chuva aumentava. Marília dorme encostada no vidro com minha jaqueta cobrindo a si e o som ligado baixinho.

— Eu não sei — minha mãe sussurra — ela chegou faz uma hora, eu estava dormindo.

— Já estou indo — falo descontente — só vou deixar a Gata em casa.

Ela concorda. Despeço-me e entro no carro o ligando e saindo da vaga em direção a casa de André e Marília, paro em frente a casa e abro o portão eletrônico com a chave que André havia me dado após a morte de seus pais, estaciono na área coberta e pego Marília que dorme tranquila em meu colo, a carrego

até seu quarto e a deixo na cama, tiro seu salto e seu cabelo do rosto, puxo sua coberta até o pescoço, deixo um beijo em seu rosto e saio dali entrando novamente no carro e indo pra casa, assim que chego vejo o Mercedes Benz prata de Vanessa estacionado, nem ao menos coloco a chave na porta e giro minha mãe abre um largo sorriso, atrás dela posso ver minha ex namorada observando algumas fotos do raque, assim que me vê seu rosto se acende:

— Bonjour chère, sentiu minha falta? — diz naturalmente como se não tivesse passado cinco anos desde que me deixou pra ser modelo.

— O que está fazendo aqui Vanessa? — pergunto sem um pingo de gentileza.

— Vim te ver mozinho — disse fazendo bico e se aproxima de mim — além do mais, estava com saudades da minha sogrinha... — Ex sogra — corrijo. Ela faz biquinho, — como eu ia dizendo, e senti falta do Brasil.

— Ótimo — digo pegando em seu braço e caminhando até a porta — Já nos viu, agora se nos der licença são — olho no relógio — 04:50 da manhã e preciso dormir, minha mãe precisa dormir. — falo seco.

— Porque tá me tratando assim? — diz ela. — O que eu te fiz?

— Você ainda pergunta? Me largou no dia que iríamos completar dois anos de namoro, simplesmente sumiu, depois mandou sua mãe me dizer que havia saído do país após receber uma ótima proposta de emprego na França. — respondo — está satisfeita ou quer que eu te conte também sobre um mês depois você aparecer nas revistas aos beijos com outro cara, ou quando você saiu naquela entrevista dizendo que não sentia falta do Brasil, e que estava feliz com seu parceiro e sua nova vida.

Ela fica em silêncio e minha mãe nos olha com a fisionomia cansada:

— Então, se lá estava tão bom, se sua vida era maravilhosa porque você voltou?

— Porque eu estava grávida, você é pai Hugo — diz.

— Isso que está dizendo é muito sério Vanessa — dona Nina diz a interrompendo pela primeira vez desde que cheguei.

— Eu não estou brincando — diz Vanessa — Hugo é pai do meu filho.

— Você espera mesmo que eu acredite nisso? — pergunto.

— Eu esperava que dissesse isso — diz com olhos tristes — por isso fiz questão de trazer pessoalmente o exame de DNA.

— Como conseguiu isso? — pergunto — que eu saiba é preciso meu sangue... — me calei. — Você já sabia que isso iria acontecer.

— Eu sinto muito — a mesma disse pegando na bolsa um envelope de uma clínica e me entregando.

— Quando foi feita? — pergunto novamente.

— Ontem — respondeu ela sem muita animação. — Estou aqui há dois dias já.

Abro o envelope rapidamente encontrando a pequena folha de papel, respiro fundo e desdubro encontrando o meu tipo sanguíneo juntamente com os meus dados, e os do Conrado, que seria o meu filho.

— Está vendo? — disse ela — está tudo aí, nascido no dia 21 de Setembro de 2011, tem seis anos, filho de: Vanessa Aguiar e Hugo Toledo, natural de Brasil, nascido na França. Tipo Sanguíneo: A+

Fico sem saber o que falar, minha mãe se aproxima de mim e pega o exame de minha mão, analisando o papel, largo o braço de Vanessa e caminho até o sofá encarando ela parada na porta:

— Porque nunca nos contou? — minha mãe diz balançando o papel nas mãos. — Achou que Hugo não merecia conhecer o filho? Achou que eu não merecia ter um neto?

— Foi minha mãe — responde ela com a voz rouca, prestes a chorar. — Ela me obrigou a ir pra França, disse que não aprovava esse namoro, que você não era o rapaz que ela sonhou pra mim.

— Raissa nunca gostou do meu filho — concorda Nina — mas porque fez a vontades dela?

— Hugo havia sido recusado para a faculdade, por causa da minha mãe. — começa a dizer — ela havia me dito que se eu não o largasse ele não teria futuro, ela iria fazer com que as portas se fechassem pra ele. Então eu concordei, mas não imaginava que estava grávida de você, implorei pra que ela me deixasse ter o bebê, mas ela me obrigava a fazer coisas, inclusive foi ela que não me deixou te contar, ela que te ligou, eu nunca pedi pra que ela falasse com você, não porque eu queria te deixar e sumir, e sim pelo contrário, eu esperava que essa loucura toda dessa passasse quando o nosso filho nascesse, mas apenas piorou Hugo, eu sofri tanto. — então ela começa a chorar — Tantas vezes peguei o telefone, quis te ligar, quis fugir dali, mas você finalmente tinha entrado na faculdade dos seus sonhos, e eu sabia que se entrasse em contato com você ela acabaria com isso. Ela já me ameaçara também, ameaçou tirar meu filho.

— Como conseguiu vir pra cá? — pergunta mamãe emocionada.

— Graças a Deus tive oportunidade de conhecer pessoas boas, que me escutaram e estiveram comigo quando eu precisei. Hoje minha mãe está falecida, e pude respirar aliviada, você não sabe quantas vezes sonhei com esse momento — diz se agachando na minha frente:

— Eu quero conhecê-lo — falo por fim.

— Claro — sorri.

16. Sangue do Meu Sangue

Combinamos que eu o encontraria amanhã, para conhecê-lo.

— Bom — diz minha mãe quando ficamos sozinhos — O que acha sobre isso?

— Não sei — confesso — tem coisas que batem, mas faz tanto tempo... Quem me garante que o pai sou eu?

— Então porque quer conhecê-lo? — pergunta confusa.

— Eu preciso de tempo pra saber o que vou fazer e ao mesmo tempo o garoto está com seis anos ao que aparenta, ele mais do que ninguém deve conhecer a Vanessa, e farei um novo DNA.

— É o certo — diz e boceja — meu filho, vou dormir... Foi muita emoção pra uma noite só e amanhã acordo cedo pra ficar com seu pai no hospital.

— Como ele está? — pergunto.

— Nada ainda, não acordou mas está estável. — diz com um meio sorriso.

— Amanhã eu vou visitá-lo — falo — posso levar alguém?

— Você que sabe meu amor, ele iria adorar — responde ela.

Aproximo-me e a abraço beijando sua testa. No dia seguinte quando acordo ela já não está em casa, respiro fundo e pego minhas coisas, iria até o hotel onde Vanessa e Conrado estão hospedados, pego a moto, coloco o capacete e piloto até o hotel no centro, estaciono na vaga e adentro o local indo até a recepção:

— Estou procurando por Vanessa Aguiar — falo quando a recepcionista pergunta o que desejo.

Ela checa algo no computador e depois abre um sorriso:

— Ela está a sua espera — e me entrega um cartão — ela está na área onde está sendo servido o café da manhã.

— Obrigada — falo pegando o cartão e andando por onde ela me explicou.

Chego até um local aberto, há uma piscina enorme e várias cadeiras dispostas pelo ambiente, há mesas com proteção ao sol nas gramas e um parquinho pras crianças, o restaurante é num canto externo e há muitas pessoas por ali, observo o ambiente e encontro Vanessa ao longe sentada em uma das mesas, ela está com um chapéu, óculos escuro, biquíni e uma saída, além de pulseiras, ao lado dela está um menino com a idade do tal Conrado, deve ser ele, veste uma bermuda e chinelos, está sem blusa e usa óculos, assim que me vê, Vanessa tira o chapéu e os óculos e acena, caminho até ambos e ela se levanta quando paro em sua frente:

— Bom dia — diz com um enorme sorriso.

— Bom dia — falo educado.

— Conrado — chama carinhosamente.

Ele se levanta ficando agarrado à perna da mãe:

— Oi garotão — falo me abaixando na sua altura.

— Oi — responde tímido. — Você é o papai?

Olho pra Vanessa e ela acaricia os cabelos dele:

— Acho que sim — abro um sorriso — estava ansioso pra te conhecer.

— Eu também — diz e se solta da mãe me abraçando.

— Você é grande em — brinco com ele em meu colo.

— Eu quero ser do seu tamanho — devolve rindo.

— O que quer fazer hoje? — pergunto ao deixá-lo no chão.

— Quero ir à piscina — diz alegremente — Mas minha mãe disse que só podia ir depois que você chegasse.

— Bom, então porque não vai lá enquanto eu converso com sua mãe um pouco? — pergunto.

Ele concorda, dá um beijo na mãe e vai.

— Quer se sentar? — pergunta Vanessa quando ficamos sozinhos.

Sento-me onde Conrado esteve e ela faz o mesmo:

— Ele gostou de você — diz com um sorriso brincando nos lábios.

— Ele é esperto — confesso — bom, vou ser direto. Quero um novo exame de DNA, e dessa vez eu escolho o local e quero estar presente em tudo.

— Tudo bem — diz neutra, sem o sorriso anterior. — marque e nós estaremos lá.

— O que esperava Vanessa? — pergunto sabendo que ela não gostou da idéia.

— Esperava que por causa dos dois anos que passamos juntos, soubesse que eu nunca mentiria pra você — diz.

— E já que você não está mentindo não vejo porque fazer caso de um novo exame — explico.

— Não — diz um pouco alto demais — não estou mentindo, eu não precisaria mentir. Como fui burra, achei que quando enfim estou livre e posso te procurar você me recebe desse jeito.

— Eu não disse isso Ness — respondo no automático.

— Senti sua falta — diz abaixando a cabeça.

— Ei — falo segurando seu rosto, fazendo com que ela me olhe — está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Mamãe — disse Conrado que aparece correndo todo molhado — porque está chorando?

Ela levanta o rosto e limpa as lágrimas rapidamente, olhando pro menino que a observa assustado:

— Não foi nada meu pequeno. — e o pega em seu colo.

— Mas mãe — começa ele e eu o interrompo: — Acontece que sua mãe é uma chorona e tava aqui me contando como foi seu nascimento e se emocionou — falo a ele e olho pra ela que sorri agradecida.

— Queria que vocês estivessem juntos — diz e correu do colo da mãe pro parquinho.

Dou risada:

— Chega de tristeza — digo a ela — querem almoçar em casa?

— Claro — responde — ele vai adorar.

— E você também — falo.

Depois de um café da manhã tranquilo fico brincando com Conrado no parquinho enquanto Vanessa resolve algumas coisas, que não quis me dizer. Estava quase ligando pra ela quando a vejo descer já vestida e vir até nós:

— Podemos almoçar? — pergunto.

— Só preciso trocar a roupa do Caco e podemos ir — diz ela pegando ele pela mão.

Concordo e enquanto eles sobem aproveito pra ligar pra Nina dizendo que teremos visita, ela fica animada e ao mesmo tempo com medo de que ele não goste dela. Dou risada, e lembro que estou de moto, desligamos e os dois chegam:

— Vamos? — diz Caco todo arrumado.

— É que eu vim de moto — falo ao me encostar na parede.

— Sem problemas, vamos no meu carro e depois você busca a moto — sugere ela.

— Pode ser — concordo.

Caminhamos até onde está estacionada sua Mercedes e entramos, vou conversando com Conrado e ele me conta sobre os anos que passou na França, sobre a relação com a avó e com a Mãe, conta que sempre perguntou de mim e que Vanessa nunca escondeu a minha existência e que aquele era um segredo dos dois, que quando soube que voltariam pro Brasil pra me conhecer ele ficou ansioso e feliz. Vanessa estaciona na frente de casa e descemos, minha mãe está na porta com um sorriso.

— Oi mãe — falo quando entramos em casa.

— Oi meu filho — diz beijando meu rosto.

Vanessa e Conrado entram logo a seguir, assim que Nina os vê abre um sorriso:

— Olá querida — diz Vanessa depois se aproxima de Caco e fica na altura do pequeno — e você deve ser Conrado? Sua mãe falou muito bem de você.

— Oi — diz acanhado — você é minha vó?

— Sou sim querido — diz emocionada, mas segurou — sou sua vó.

— Oba — disse ele e a abraçou.

Eles ficaram assim por um tempo, e logo engataram em uma conversa sobre a escolinha dele, eu e Vanessa fomos pra cozinha e colocamos a mesa também conversando:

— E como estão as coisas? — pergunto. — ainda trabalha como modelo?

— Isso? — diz ela colocando os talheres — acho que sim, desde que voltei ainda não fui atrás disso, mas estou querendo sair das passarelas e abrir meu próprio negócio.

Terminei de por os pratos e me sento na beirada da mesa, enquanto ela de pé me olha:

— Que tipo de negócio? — pergunto curioso.

— Algo relacionado ao mundo da moda mesmo — responde.

— Entendi, e faculdade terminou?

— Sim — responde — fiz Design de Interiores na França.

— E gostou? — era bom ter um papo tranquilo assim.

— Gostei. O pessoal acha que é uma área pobre, mas hoje tudo tem um pouco de Design, seja em casas, hotéis, escritórios, enfim... É um bom investimento. — sorriu — e você? Terminou Engenharia?

— Larguei — falo como se fosse natural — atualmente faço direito.

— Sério? Achei que Engenharia fosse sua paixão.

— E era, mas as coisas se complicaram em casa... Então decidi por algo que meu pai sempre sonhou e hoje em dia não me vejo fazendo outra coisa — confesso.

— E quer trabalhar em que área? — pergunta.

— Criminal.

— Uma boa área, — concorda — perigosa, mas boa.

— Um pouco de perigo é bom. — sorri.

— Vamos comer? — diz mamãe aparecendo com Conrado no colo e o colocando sentado na cadeira.

— Vamos vovó, estou morrendo de fome — diz Caco.

— Ele puxou a mim — dei risada — não para quieto quando o assunto é comida.

— Nem me fale — diz Vanessa se sentando — ele adora.

Ajudo Nina a colocar a panela de carne com batatas na mesa, o arroz, o refrigerante e o feijão e nos sentamos. Eu e Vanessa nos servimos e Nina serviu a si e ao neto, era até engraçado de ver como ela gostou do menino.

— Está uma delícia Nina — elogia Vanessa — você sempre teve mãos de fada na cozinha.

— Obrigada querida — agradece ela, enquanto dá comida pro Caco.

Como em silêncio enquanto ouço-a contar a Nina histórias sobre a frança, em determinado momento a sinto roçar sua perna na minha e ergo o olhar, ela está corada, sorri e ela pede desculpa com o olhar. Éramos jovens quando começamos a namorar, ela foi minha primeira namorada e a primeira pessoa que dormi, assim como fui o primeiro dela em tudo, era engraçado tê-la novamente aqui, costumávamos ser inseparáveis. Nina sempre dizia que parecíamos doces de tão melosos que éramos juntos. Ri sozinho lembrando isso.

— Acorda louca — fala Gabriela cutucando Sofia que está desmaiada na minha cama desde que chegamos em casa depois do bar.

— Bom dia — diz Cix se espreguiçando no colchão do lado.

— Bom dia Nari — fala a morena — me ajuda a acordar essa louca.

— Deixa ela descansar chatice — diz Narizinho indo até o banheiro e fechando a porta.

Ela tenta mais uma vez e desiste bufando, vai até o armário e veste uma legging, uma blusa qualquer e desce, sua mãe havia ido trabalhar, vai até a sala ligando a TV e está passando um especial da Alcione. Aumenta o volume e vai pra cozinha, lava a louça e coloca água pra esquentar, prepara três omeletes no capricho, e começa a cantar a música enquanto cozinhava:

— Porque você não vai embora de vez, porque não me liberta dessa paixão... — cantarola enquanto vira a frigideira.

— Mas tem que me prender, tem, tem que seduzir só pra me deixar louca por você — Cix aparece cantando — essa musica é sua cara e a do Luís.

— Não viaja — falou irritada.

— Para Gabi, você tem que tomar uma atitude cara, vocês enrolam demais, brigam demais, mas são loucos um pelo outro.

— Ele não me quer não louca — ela diz na defensiva.

— Só você que acha isso — Cix diz dando de ombros e se sentando na sua frente.

— Pelo menos não sou eu que ando tendo sonhos em mesa de bar chamando pelo cara — ela começa a rir — eu queria muito ter visto a cena.

— Vai se foder — diz rindo — nunca te conto mais nada.

— Pra que tanta gritaria? — diz Sofia aparecendo com a mão no rosto. — me deixem dormir porra.

— Essa ai também — diz Cecília — não sabe se vai ou se fica nessa enrolação com o Peu.

— Tira meu cavalinho da chuva — diz ela se sentando conosco — até porque eu e ele ficamos.

— Quando isso? — pergunta Gabi sem acreditar.

— De tarde, ontem. — diz com um sorriso — ele é tão maravilhoso.

— Como foi? — pergunta Cix curiosa.

— Eu saí da aula né, já que eu não tenho essa vida boa pra ficar faltando — as duas reviram os olhos — e ele estava na saída, tão lindo, todo arrumadinho me esperando. Ele perguntou se podia me levar em casa e eu aceitei, fomos conversando sobre coisas normais, e quando vimos estávamos em frente a minha casa. Eu fui pra me despedir e ele me beijou.

— AIIII MEU DEUSSS — grita a morena.

Elas se assustam:

— O que foi louca? — pergunta Cecília sem entender.

Gabi aponta pra Luís parado na porta da cozinha, elas começam a rir:

— Filho da mãe — joga um prato de pano em sua direção e ele desvia — Quer me matar do coração?

— Tu é louca cara — diz dando risada — eu toquei a campainha e tudo.

— Ah claro, e aí sai entrando assim do nada? — rebate.

As meninas iam saindo de fininho:

— Cecília e Sofia — chama irritada — fiquem aqui.

Mas elas já tinham ido pro quarto.

— O que tem de comida? — diz Luís aparecendo do seu lado e bisbilhotando o que ela estava preparando.

— Omelete, — respondeu tirando a frigideira de perto dele — Mas aquelas loucas me pagam, também vou comer a parte delas.

— Dá um pra mim — pede.

— Sai — falou empurrando ele — você é chato.

— Sou chato Gabriela? — diz irritado — Sou chato, mas quando tu precisa de carona o chato aqui te ajuda não é, quando precisa chorar ou te bancar eu sirvo, to cansado cara. Tu é um porre todo dia comigo, eu to cansado de brigar Gabriela, to cansado — diz um pouco alto demais.

— Só você né? — ela faz o mesmo batendo nele — Você é um idiota, você só sabe brigar comigo, mas depois vem pro meu colo, quando uma das suas peguetes te dão pé na bunda, ou quando precisa de ajuda pra estudar, só me procura pra isso. Eu não sou uma boneca não porra — xinga ele e vai pra sala irritada.

— Gabi — diz me seguindo — qual foi po, tu é uma das minhas melhores amigas — ele se senta do seu lado — só quero parar de brigar.

— Eu não quero ser sua amiga Luís — falou tão baixo mas pela sua expressão percebeu que ele entendeu.

— Porque não cara? — perguntou ele — O que eu te fiz?

— Mas você é muito burro mesmo não é? — ela bufa — Vai embora daqui.

Ele fica em silêncio e então segura seu rosto e a beija, um beijo calmo, mas cheio de desejo, Gabi sem reação, ele segura seus pulsos a impedindo de sair dali e explora sua boca com sua língua, foi ali que ela acordou, fechou seus olhos e levou as mãos até sua nuca correspondendo seu beijo, sua língua sugava a dela, abriu um sorriso sem atrapalhar o beijo e ele fez o mesmo, ficaram se beijando até ouvirem passos e alguém tossir atrás dos dois, se soltaram e olharam, Cecília estava com um enorme sorriso no rosto:

— Finalmente porra — diz ela — já estava quase pegando os dois pelas mãos.

— Não exagera — diz Luís, mas também estava sorrindo.

— Agora vou deixar os pombinhos a sós — dizendo isso ela volta pro quarto, carregando um prato com

duas omeletes, os dois dão risada.

Luís se vira pra ela e brinca com seus dedos em seu cabelo:

— Assim tá melhor? — pergunta.

— É sério isso? — perguntou a morena sem acreditar.

— Quer que eu grite pra todos ouvirem? — negou. — Eu quero você Gabriela, você com essa marra e mau humor, quero você manhosa, quero você brigando comigo porque não dormi direito, quero te fazer feliz.

— Por que nunca me disse? — perguntou.

— Se eu tivesse te dito antes — responde ele roçando os lábios pelo seu pescoço — perderia toda a graça de ver você irritadinha achando que eu não queria nada.

— Como você? — perguntou e entendeu — Eu vou matar a Cecília — gritou um pouco alto demais no intuito dela ouvir.

Do quarto puderam ouvir sua risadinha:

— Ei — diz chamando sua atenção — para, o que importa é que nós dois sabemos dos nossos sentimentos, e vamos ficar juntos.

— Vamos? — perguntou mordendo o lábio.

— Você quer Gabi, você aceita esse ogro todo sem jeito? — ela balança a cabeça concordando.

— Espera — diz ele se levantando

Ela o vê mexer em algo da sua mochila, tirando de lá um elástico e volta onde eu estava:

— Gabriela, aceita namorar comigo? — pergunta.

— Sim — responde o abraçando.

Ele coloca o elástico em seu dedo.

Estava na sala de aula esperando a professora chegar quando sinto um papelzinho acertar minha cabeça, olho pra trás e bufo ao ver Hugo rindo, ele faz um sinal pra que eu pegue o papelzinho e faço isso, assim que abro sinto vontade de esmagar o mesmo:

— Obrigada por ler esse papel, joga fora pra mim? — era o que tinha no papel.

Eu estava prestes a levantar e fazê-lo engolir o papel quando Sofia entra e se senta do meu lado:

— Oi — diz animada.

— Oi — respondo ainda fuzilando Hugo que só ri.

— O que foi? — diz percebendo minha irritação.

— O que você acha? — dou de ombros.

Ela se vira pra trás e ri. Olho também e vejo Hugo fingindo que não tinha feito nada, nos viramos e pergunto:

— E aí, animada pras férias?

— Muito — diz — Lembra que eu disse que iria pras Montanhas, e chamei vocês? Então, meu pai liberou, melhor que isso... Disse que é pra eu levar quantos amigos eu quiser e que eles não irão nos atrapalhar.

— Achei que fosse passar as férias lá com seus pais — digo me animando com a idéia.

— Sim, mas eles iam ficar pouco de qualquer forma e minha mãe sempre o acompanha nas viagens a negócios — me explica.

— Já sabe quem vai chamar? — pergunto.

— Mari, Luís, Gabi, Pedro, Hugo, — ela ri da cara que faço — Luana, Mateus. — termina.

— Não vai chamar o irmão da loira? — digo me referindo a Mari — e também tem o irmão do Lu.

— É — diz — eles também.

A professora entra e nos calamos, deixa as pastas na mesa e rabisca no quadro com giz "Prova Suspensa". A galera toda comemora:

— Não comemorem tão cedo — diz quando percebe o alvoroço. — Teremos um trabalho pro final do semestre que será entregue na volta das férias. Serão duplas — nessa hora eu e Sofia nos olhamos — e eu irei decidir as duplas.

— Tudo bem — falo pra ela — contanto que não seja com ele.

Sofia ri. Olho pra trás e Hugo está deitado na carteira de olhos fechados e com o boné cobrindo o rosto.

— Sofia e Sérgio — diz a professora começando a formar as duplas. Falou a maioria e depois chegou à minha vez:

— Cecília e Hugo — estava prestes a reclamar quando ele levanta todo atrapalhado e olha pra professora, confuso:

— Presente — diz.

Todos riem:

— Isso aqui não é quarto para dormir Toledo — adverte a professora. — Sei que está ai, mas não é da chamada que se trata o assunto. Sua dupla e você terão que trabalhar juntos para entregar o trabalho no primeiro dia após as férias.

— E quem é minha dupla? — pergunta.

Bufo, a professora ia responder, mas ele entende.

— Bom, agora eis o que devem fazer, quero que peguem um daqueles casos que trabalhamos no semestre passado e escolham quem irão defender, quero que planejem toda a defesa e também a acusação, valendo o ponto que seria pela prova — como se tivesse lido minha mente ela responde — não trocarei as duplas, se não conseguirem trabalhar juntos darei 0 a dupla. É isso, estão dispensados.

— Essas férias vão ser um saco — reclamo.

Sofia ri.

Estou saindo com a Sofia quando sinto segurarem meu braço. Sofia para e ficou sem entender, me viro dando de cara com quem eu estava querendo matar:

— Oi Hugo — diz Sofia sempre muito educada.

— Oi Sofi — diz e se vira pra mim, — posso falar contigo Cecília?

— O que você quer? — pergunto seca — além de levar um soco na cara, claro.

— Estressada você em garota — devolve na mesma moeda.

Sofia nos dá tchau e me deixa ali sozinha, eu ia matar aquela menina:

— Fala — digo depois que ela se vai.

— Quero falar contigo sobre o trabalho pô, — diz com aquele maldito sorriso maroto — podíamos marcar pra fazer ele né?

— Eu te aviso quando eu estiver disponível — falo saindo dali, mas ele me impede:

— Deixa de ser grossa — diz — tô falando namoral contigo, e tu tá nessa. Ainda não entendi por que.

— Porque você é idiota? — pergunto — e se acha a última pessoa do planeta? Tem atitudes de criança? Além de ser um grosso?

— Pode parar por aí — ele pede seco — Nunca fui grosso com você garota, tu tá é viajando aí, sempre te tratei com gentileza. A única maluca aqui é você.

— Então porque ainda perde tempo falando comigo? — questiono e o deixo pensando no assunto, dou as costas pra ele e vou pra saída, fico surpresa ao encontrar meu pai me esperando encostado do lado de fora do carro, quando estou entrando vejo Hugo no pátio com seus amigos. Sei que posso estar sendo injusta, mas é que ele me irrita, aquele sorriso idiota, as brincadeiras, e pior eu nem tinha tanto motivo pra isso, mas depois do que aconteceu no bar não conseguia agir de outra forma, eu havia passado por uma situação ridícula na frente dele e da sua melhor amiga.

Falar em Marília ela era um amor, depois do bar ela me enviou algumas mensagens no Whatsapp e começamos a conversar. Gabi e Sofia também adoraram a mesma e vice-versa, assim que chegamos em casa meu pai sobe pra chamar minha mãe pois tinham um comunicado a fazer, Luana e eu estávamos quase dormindo no sofá quando os dois aparecem:

— Meus amores — diz mamãe parando em frente a nós duas.

— Conta logo — peço curiosa.

Luana concorda:

— Eu e seu pai fazemos aniversário de casamento, e como não tivemos uma lua de mel dos nossos sonhos — responde ela — nós resolvemos tirá-las nas férias, iremos para o Rio de Janeiro — completa papai.

— AI MEU DEUS — comemoro subindo no sofá — eu fico tão feliz por vocês — falo com sinceridade.

— Vocês merecem — diz Luana levantando e os abraçando.

— Obrigada meus bebês — mamãe diz.

— Quando viajam? — pergunto.

— Sexta-feira. — responde papai.

— Amanhã? — pergunto sem acreditar.

— Sim — diz mamãe — Vocês vão ficar bem aqui sozinhas?

— Na verdade — falo me levantando — eu e Luana temos planos para férias.

Ela me olha surpresa e nossos pais também:

— E quais seriam? — pergunta mamãe.

— Sofia nos convidou pra ficar uns dias na casa que os pais delas tem nas montanhas — falo com um sorriso.

— Opa — diz Luana — tô dentro.

Papai e mamãe se olharam, mas permitiram.

19. Semana do Saco Cheio

— HUGO NARRANDO —

Cecília sai dali e me deixa falando sozinho, dou de ombros. Se ela quer ficar nesse cu doce iria começar a fazer o mesmo, pego minha mochila e o boné e caminho pra fora dali em direção ao pátio, André e Alexandre estavam ali, me aproximo e os moleques estão rindo:

— E aí, qual foi da piada? — pergunto jogando a mochila na mesa e me sentando com eles.

— Conta pra ele Xandeco — diz André morrendo de rir.

— Beleza, sabe a Camila, a professora de estudos sociais?

Concordo com a cabeça e ele continua:

— Tu sabe que ela é casada, não é? — faço que sim pra que ele continue.

— Ela deu moral pro nosso amigo aqui — diz apontando pro André.

— Tá zoando — falo — ela é gata pra caralho.

— Não te disse — concorda Alexandre — só que esse viado não quer pegar ela por causa do marido.

— E tô certo porra — disse André, — já pensou se ele descobre? Come meu couro.

— Achei que tu fosse mais corajoso — zombo.

— Não é isso — responde ele.

— Não vai me dizer que tu é viadinho? — diz Xandeco.

André dá um soco de brincadeira no ombro dele e começamos a rir, ficamos ali conversando até a Marília passar por nós distraída:

— Psiu— chamo a mesma.

Ela se vira e vem a nosso encontro:

— Onde está indo apressada e distraída? — pergunta André a ela.

— Achei que você estava lá fora — diz beijando Xandeco no rosto e fazendo o mesmo comigo se sentando folgadona no meu colo.

— Entendi — diz — Vamos então? Temos que almoçar e ir buscar a vó no aeroporto.

— Ela já está vindo? — pergunta Marília.

Aperto o braço dela de leve tranqüilizando, ele apenas concorda. Eles nos dão tchau e vão embora, Xandeco segue o rumo dele também e eu faço o mesmo. Chego em casa e encontro Nina dormindo no sofá com Conrado. Desde aquele almoço ele sempre vinha nos visitar, Vanessa tinha viajado para o Rio de Janeiro a trabalho, combinamos que iríamos fazer o teste quando ela se acomodasse em São Paulo, concordei em dar esse tempo á ela pelo menino, e eu também curtia a companhia dele, deixo as chaves da moto em cima da mesa, e vou atrás de alguma coisa pra comer, dona Nina tinha deixado macarrão de molho branco no microondas, pego um prato e me sento na mesa, começo a comer acompanhado por uma cerveja, como com calma e quando termino lavo a louça e guardo, levanto e vou até dona Nina e Caco, toco o rosto dela para acordá-la, ela abre os olhos e se levanta tomando cuidado pro Caco não acordar:

— Chegou agora filho? — pergunta baixo — Já comeu?

— Já sim — respondo. — Vai descansar mãe, vou por o Conrado pra dormir também.

Ela concorda me dá um beijo e vai pro quarto, pego o meu moleque no colo e o escuto reclamar, dou uma risada baixa e subo até o meu quarto, deito o pequeno na minha cama, tiro seu tênis e deito ao seu lado cansado também, ele dorme tranquilamente, puxo a cobertura pra cima de nós e tiro meus sapatos, jogando o boné no armário, acabo dormindo rapidamente também.

20. Provas Finais

— CECÍLIA NARRANDO —

Estava em casa de boa quando meu telefone começa a tocar:

— Alô — atendo no segundo toque.

— Miga — diz Sofia do outro lado da linha, — tem como você vir até a lanchonete perto da faculdade?

— Claro — respondo — que horas?

— Agora — diz.

— Mas pra que tudo isso? — falo me levantando e subindo pro quarto pra me trocar.

— Reunião pra decidirmos as coisas pra viagem.

— Você já convidou todo mundo? — pergunto.

— Sim, — todos estão sabendo. — Você vem né?

Concordo.

— Te espero então — e desligou.

Troco de roupa rapidamente e desço, Luana está comendo torta de chocolate e assim que me vê me olha curiosa:

— Temos reunião pra viagem, quando eu voltar te conto tudo — falo.

— Espera ai — diz comendo rapidamente — vou com você.

— Anda logo então — falo conferindo o horário.

Ela termina de comer e deixa o prato na pia, corre pro quarto, e volta com a bolsa, de sapato e tudo mais.

— Vamos — diz pegando seu celular no sofá.

Saímos de casa e seguimos a pé até o ponto de ônibus, pra uma sexta-feira até que estava tranquilo, chegamos em frente da faculdade 10 minutos depois, descemos no ponto e fomos caminhando até a lanchonete, assim que entramos encontramos Gabi, Luís, Marília, André, Sofia e Pedro sentados conversando, assim que nos viram Gabi se levantou pra me abraçar:

— Demorou — Sofia diz só de brincadeira.

— A culpa foi minha — confessa Lu, se sentando e deixando a bolsa na cadeira.

Sento-me ao lado da Marília que me abraça também. Luís estava ocupado beijando a orelha da Gabi, pego um guardanapo e jogo nos dois:

— Dormiu comigo foi Luís? — pergunto provocando-o.

— Oi Narizinho — diz ele dando risada.

— Cadê o resto do povo? — falo mudando de assunto.

— Alexandre já esta chegando — diz André.

— Estou aqui por dois — diz Luana se referindo a Mateus.

— Hugo foi ver seu pai e já viria pra cá. — Mari dá de ombros..

No que foi tocado o nome, Alexandre e Hugo chegaram, se sentaram em lugares vagos. Sofia aproveitou que todos estavam ali e começou:

— Bom, a casa é nossa por toda as férias, ou seja, temos um mês e meio para aproveitarmos da melhor forma, a casa é enorme e tem diversos quartos, inclusive os pombinhos podem aproveitar as suítes, e os solteiros acho que tem quarto pra todo mundo.

— E quanto à comida? — pergunto.

— Cada um ajuda um pouco — sugere Luana.

— Acho justo — as meninas respondem e os meninos concordam.

— E quanto a fazer comida, organização e tudo mais? — Mari pergunta.

— Podia ser organizada uma tabela, com quem cozinha, e quem pode cuidar da casa, fazer as compras, e tal.

— Dividir tarefas — completo o raciocínio de Pedro.

— Eu topo.

— Que dia partimos? — Hugo se manifesta.

— Semana que vem temos as provas finais, podia ser sexta que vem, que tal? — sugiro.

Todos concordam:

— E quanto a carro? Quem vai com quem?

— Tenho carro — diz Hugo.

Outros se manifestam, fica: Eu, Luana, Mateus no carro deles, Marília e Hugo; Sofi e Pedro; André. Ale; Luís e Gabi.

Ficamos ali na lanchonete até a tardezinha, depois o pessoal foi indo embora, estava lá, eu, Gabi e Luís:

— Ei — falo para ambos no maior love — não sou obrigada.

Eles me olharam e se separaram. Luís se levantou:

— Vou indo — diz beijando Gabi — tenho que ajudar meu pai em algumas coisas.

— Tá bom amor — Gabi responde — qualquer coisa liga. Ainda vamos ao cinema mais tarde não é?

— Sim — ele se aproxima de mim me abraçando — Tchau narizinho.

— Se cuida em — falo bagunçando seu cabelo.

Ele foi ao caixa pagar a conta e saiu pro estacionamento, assim que some de vista Gabi se senta novamente:

— Já sei — digo a mesma — você está tão apaixonada.

— Nem me olha assim — responde Gabi com um sorriso — você também poderia estar com alguém se não fosse tão teimosa.

— Não começa — peço — já falei que eu não tenho nada haver com ele.

— Eu não disse que tinha que ser ele — diz pegando sua bolsa, faço o mesmo e saímos pra rua. — Não vejo você paquerando ninguém desde que voltou.

— Eu não estou desesperada pra ficar com ninguém — me defendo.

— Bom — diz encerrando o assunto — Depois não diga que não aconselhei.

— Pra onde agora? — pergunto mexendo nas franjas da minha bolsa.

— Casa — diz exausta — precisamos estudar, semana que vem começam as provas finais e eu preciso desesperadamente passar.

— Eu também — falo, desanimada.

Olhamo-nos e ela ri:

— Está pensando o mesmo que eu?

— E como — completo.

Passamos no mercado, compramos várias besteiras e passamos em casa, faço uma mochila com uma roupa e meus livros, pra estudarmos. Pegamos o caminho pra casa dela e quando chegamos lá dona Cláudia nos olha curiosa:

— Noite de estudo das meninas?

Apenas concordamos:

— Estarei no escritório se precisarem, mais tarde peço uma pizza.

Nossos olhos vibraram, assim que elas nos deixam ali vamos pro quarto da Gabi, jogamos as coisas da sacola na cama, havia um pote de sorvete, chocolates de monte, doritos, coca-cola, fini entre outras coisas. Pegamos os livros e começamos a revisar matéria por matéria, ela me ajudou em um texto sobre a área criminal e eu a ajudo a fazer um gráfico sobre a mortalidade infantil nas cidades e ficamos duas horas estudando, quando decidimos parar jogamos o que comemos fora e ajeitamos o quarto, depois ficamos vendo TV, dona Cláudia pede a pizza e comemos dando risada lembrando-se das trapalhadas da adolescência, assim que terminamos Gabi vai se arrumar pro cinema com o Luís e eu ajudo a tia com a louça, ela me dá boa noite e vai pro quarto, espero Gabi aparecer pra ir pra casa, ela estava maravilhosa:

— Uau — falo, quando ela para na minha frente — isso tudo é pra um simples cinema?

— Na verdade, sim — ela ri — tá muito exagerado?

— Não mesmo — falo me levantando, — você está linda.

— Obrigada — logo a campainha toca.

— Vamos? — falo pegando minhas coisas no sofá e chamando o elevador

— Vamos — diz ela entrando no elevador, faço o mesmo e descemos pra rua onde Luís esperava no carro.

— Se cuidem — digo.

21. Lua de Mel

— CECÍLIA NARRANDO —

— Pai, mãe — cumprimento quando chego em casa — já estão indo pro aeroporto?

— Sim filha — responde meu pai — só estávamos te esperando pra nos despedir.

— Nossa, passou rápido o dia de hoje — falo indo até os mesmos e os abraçando.

— Sim, a minha menina não parou em casa — reclama mamãe me apertando.

— Vocês vão ficar bem? — pergunta meu pai quando me vê triste.

— Sim — Luana aparece na sala — vamos ficar muito bem.

— Tudo bem, lembrem que eu deixei o cartão com vocês, não gastem muito — orienta papai.

— Nós voltaremos em uma semana — finaliza mamãe.

Assentimos e ela vem nos beijar novamente:

— O táxi chegou — chama meu pai. — Juízo mocinhas.

— Amo vocês — falo.

— Se divirtam — Lu diz e me puxa pra si — fiquem com Deus.

Eles sorriem e saem de casa, ficamos ali fora até o táxi sumir no fim da rua e depois me arrasto pra dentro me jogando no sofá.

— Que deprê é essa? — Lu diz quando percebe minha cara de poucos amigos.

— É que eu sei que eles merecem férias — falo devagar — mas eu fiquei fora por tanto tempo e por mim eu não ficaria longe deles mais.

— Ei — diz me puxando pra si — foi uma experiência nova pra você, que foi preciso, você não gostou de estudar em Londres?

— Gostei — respondo — é só que — me calei.

— O que foi Cix? Aconteceu alguma coisa nesses três anos?

— Eu nunca contei isso pra ninguém — começo já sentindo lágrimas me invadindo. — Eu fui pra lá, e passei o primeiro ano me adaptando, a família que me recebeu era maravilhosa, sempre me tratou como se eu fizesse parte da família, e tudo estava bem até eu entrar no segundo ano — lhe conto.

— E o que aconteceu? — pergunta.

— Eu conheci o Dave, era vizinho dos Harris. Ele era engraçado, me fazia rir, descolado e eu só uma adolescente.

— Aí você se apaixonou?

Concordo:

— Um dia fui conhecer a família dele, e me surpreendi como ele os tratava, eram como se fossem empregados dele, entende? A mãe dele era tão quieta que tinha medo até de respirar Lu — falo já emocionada. — o pai dele já era velhinho, sempre foi gentil com Dave e ele só sabia rir da cara dos pais, até que um dia ele saiu de casa, a gente tinha brigado, e nunca mais voltou. Eu ia visitar os Willians todos os dias, eles estavam devastados, eu perguntei a dona Matilde porque aceitava as grosserias de Dave e que as vezes era melhor ele estar longe, porque perto eles só se machucavam, ela me olhou e

disse:

— Ele sempre foi assim, mas nenhum pai e nenhuma mãe querem ver o filho longe por mais difícil que esteja a convivência, e tinham dias em que eles estavam bem, as cenas eram apenas para visitantes, ele sempre fora doce por dentro.

— E então você quis voltar — completou.

— Sim — respondo limpando o rosto — sentia falta de você, da Babi, dos nossos pais — sorrio — mas tem algo que até hoje não entendo, é normal sentir-se decepcionada com alguém e ao mesmo tempo sentir falta da pessoa? Não que eu goste dele, isso não. Mas dos momentos que tivemos Lu, foi especial.

Ela me abraçou forte.

+

UMA SEMANA DEPOIS

Estou em casa vendo filme com a Gabi, o Luís e o Alexandre, filmes de terror e eu odeio, eles estão vidrados e eu fazia de tudo pra arranjar uma desculpa e não ver:

— Tira isso — peço pela milionésima vez.

— Não — responde Gabi — para de ser medrosa.

— Eu odeio filme de terror e você sabe — devolvo irritada e levanto subindo até o quarto.

Fico lá por um bom tempo até ouvir mais vozes lá em baixo, fecho os olhos, coloco os fones de ouvido e estou quase dormindo quando alguém bate na porta:

— Entra — respondo me ajeitando e tirando os fones.

— Oi — diz ele com um sorriso.

— O que tá fazendo aqui? — pergunto.

— Sua amiga chamou a gente — fala entrando no quarto

— Gabi? — pergunto. — a Mari está aqui também?

— Está lá em baixo — dá de ombros — pediram pra eu te chamar pra comer.

— Tudo bem — falo me levantando e me arrependendo na mesma hora.

Eu estava com um short de dormir e a blusa mais velha que tinha no meu armário. Ele crava os olhos em mim e se aproxima:

— Cecília — diz ao me prender na parede com as duas mãos.

— Hugo — falo sem olhá-lo — me deixa sair.

— Não sem antes eu fizer o que tenho vontade há tempos — ele segura meu rosto com uma das mãos e cola nossos corpos, sinto seu hálito me invadir e ele roça seus lábios nos meus, eu queria mais, claro que queria, mas não podia dizer, então permaneço imóvel enquanto sua língua pede passagem pela minha. Foi sem eu perceber, sinto tua mão alisar minha cintura e fecho meus olhos correspondendo ao beijo, quem eu queria enganar, eu o queria tanto quanto podia falar:

— Continua — peço quando ele fez menção de parar.

Ele me olha com aqueles olhos curiosos e vejo brotar em sua boca um sorriso, me afasto dele percebendo o que fiz e o empurro pra fora dali fechando a porta com tudo atrás dele:

— O que você fez Cecília — falo comigo mesma.

Passo o dedo pelos meus lábios e posso sentir o beijo novamente, tiro esses pensamentos dali a força e troco de roupa descendo em seguida:

— Olha quem apareceu — Mari diz se levantando e me abraçando.

— Oi linda — correspondo ao abraço, apertando a mesma — senti saudade.

— Ei — Gabi joga um pedaço de papel em mim — estou aqui em, você não me disse nem um oi direito — reclama.

Dou risada, vou até ela e a abraço também:

— Menos mal — sorriu.

— cadê o Lui e o Xandeco? — pergunto.

— Foram comprar nosso jantar — comemora Gabi.

— Você sabe que amanhã temos que ir ver nossas notas, não é? — a lembro.

— Sim — diz parando quieta — nem me lembre, estou tão ansiosa.

— E a viagem? — Hugo pergunta aparecendo não sei de onde.

— O que tem? — pergunta Mari pegando uma maçã da mesa e mordiscando.

— Tá chegando — diz como se fosse óbvio.

Dou risada, assim que os meninos chegam ficamos comendo e conversando.
No dia seguinte estava na faculdade olhando minhas notas na lista dos aprovados:

— Fui aprovada — comemoro quando acho meu nome, Sofia estava comigo.

— Nós fomos — diz me abraçando contente.

22. Malas Prontas

Depois de ver as notas eu e todas as meninas fomos ao shopping, e os meninos ao mercado fazer compras pra viagem:

— Eu to cansadona — comento quando paramos na praça de alimentação.

— Vamos sair que horas daqui de São Paulo hoje? — pergunta Mari a Sofia.

— Assim que tudo estiver arrumado, malas, etc. — é a Gabi que responde.

— Ou seja, — completo — à noite.

— Acredito que umas 17:00 e estejamos lá até umas 18:30 — Sofi responde.

— Onde fica mesmo, que você disse? — pergunto.

— Fica em Cotia — responde Sofia entrando na fila do MC Donald's. — É uma casa de campo, muito boa.

— Pega uma casquinha pra mim? — Gabi pede com carinho de dó.

— Folgada — reclamo seguindo Sofia.

Fizemos os pedidos e depois nos sentamos pra lanchar:

— Sabe o que eu acho? — pergunta Gabi tomando um gole de coca.

— O quê? — perguntamos juntas.

— Que vai ser muito bom essas férias — responde com um sorriso — Não tem como ser de outra forma, estando com as pessoas especiais.

Nós sorrimos:

— Own — aperto as bochechas dela — até parece que é fofa.

Terminamos de comer e cada uma foi pra sua casa arrumar as malas, combinamos de nos encontrar na praça em frente a casa de Sofia. Chego em casa e Luana está passando pano nos móveis:

— Já arrumou sua mala? — pergunto enquanto procuro algo na geladeira pra comer.

— Sim, e também tomei liberdade de arrumar a sua — diz.

— Sério? — comento — nossa, eu nem acredito — vou até ela e a beijo.

— Não se acostume não — ri.

— Você colocou quais roupas na mala? — pergunto já na escada subindo até o quarto.

— Vê ai — diz passando pelo meu quarto até o banheiro.

— Mateus vai vir nos buscar que horas? — grito enquanto confiro as roupas na mala, acrescento algumas a mais, e coloco as que comprei no shopping, fiz uma mochila com roupas íntimas e coisas de higiene por precaução, guardo sapatos diversos em uma bolsa própria, separo uma roupa e vou tomar meu banho, levo alguns longos minutos e saio enrolada na toalha, coloco a roupa, fiz uma mini maquiagem, e calço o all star, Luana também tomou banho e está pronta, desço minhas malas e espero Mateus aparecer, mas minha surpresa é maior quando tocam a campainha:

— Que demora — comento logo que abro a porta.

— Oi — dizem eles.

— O que? Tá me perseguindo? — pergunto a Hugo parado na porta, pois Marília já havia entrado.

— Obrigada Hugo — diz Luana aparecendo com suas malas, — não sei o que faríamos, Mateus teve essa reunião de última hora e só vai poder ir amanhã, Sofia ficou de falar com os outros, mas a maioria está de casal, e como André e Alexandre vão de moto, sobraram vocês.

— O que? — a olho sem poder acreditar. — Quando ia me contar que iríamos com ele? — aponto para ele.

Ele apenas ri e não se ofende:

— Achei que já tivesse dito a ela — Hugo diz e pega as malas colocando no carro, me levanto e o sigo pronta pra protestar:

— Não começa — pede Lua me interrompendo. — Nós vamos com ele, e deve agradecer por irmos hoje.

— Ok — respondo e entro em casa.

Marília estava deitada com a cabeça na bolsa quase dormindo, dou risada e a cutuco:

— Acorda dorminhoca — ela se espreguiça assustada.

— Vamos? — Luana aparece depois de um tempo, com Hugo atrás dela.

— Já guardou tudo? — pergunta ele pra Luana, mas seus olhos estavam em mim.

Ela concorda, Mari se levanta e me puxa pra fora, Luana fecha a casa e entramos no carro, tinha cheiro de carro recém lavado, deixamos a casa em direção a praça onde estavam os outros, Sofia ia à frente e nós a seguiríamos até a casa de campo de seus pais. A viagem não demora tanto e logo chegamos à entrada de um enorme condomínio, o portão se abre e Hugo dirige um tempo até a entrada da casa de campo, logo de cara vejo o lago e eu e as meninas nos alegramos, Sofia para o carro no estacionamento e fazemos o mesmo, ela desce e há um caseiro esperando por ela, deve estar na faixa dos 50 anos, mas parece simpático, entrega a chave e some por ali:

— Bom, a divisão dos quartos todos sabem?

— Mateus e Luana no primeiro quarto do andar de cima, a porta a esquerda, - aponta a mesma. - Marília e Cecília o primeiro quarto do andar de baixo é de vocês, uma cama de casal, e um sofá cama, Gabi e Luís, no segundo andar na porta dos fundos tem o quarto com cama de casal, André, Hugo e Alexandre aqui do lado da sala tem um corredor que dá pra três quartos com camas de solteiros e uma de casal em cada. Só peço que deixem tudo organizado, pois mesmo tendo pessoas para isso encontramos a casa limpa, então se sujarmos iremos limpar — e sorri.

— Há uma praia a alguns quilômetros daqui — diz o caseiro aparecendo novamente, — um restaurante a 20 quilômetros, e a cidadezinha também é perto, temos o lago como podem ver — e aponta a nossa frente — e também há piscina, churrasqueira, florestas, mercado e hospital próximo, pode ser feitas caminhadas, passeio a cavalo, natação, mountai bike, pescaria, trilha, equitação, também há caixas eletrônicos — nos explica.

— É maravilhoso — respondo.

— Vou me retirar, o jantar de boas vindas será servido as 20:30 se desejarem — e nos deixa sozinhos.

— Vamos entrar? — pergunta Sofia.

Arrastamos nossas coisas pelas pedras e entramos no enorme casarão, havia algumas redes no lado de fora, eu e Mari seguimos até nosso quarto, entramos e ela escolheu o sofá cama, fico com a cama deixando minhas malas ao lado do enorme armário que têm ali.

Arrumamos as coisas lá dentro, separamos uma parte do armário pra mim e outra pra ela, depois trocamos de roupa e resolvemos tirar uma foto juntas, assim que tiramos fomos até a varanda onde estava um friozinho gostoso, sentamos uma em cada rede e ficamos conversando até o resto do pessoal se juntar em frente à lareira, rimos muito.

O local era gostoso, atraente e havia muitas coisas legais, as companhias nem se fale, a tarde toda foi assim, depois jantamos, e todos foram pros seus aposentos cansados demais pra fazer qualquer outra coisa a não ser dormir.

23. Enfrentando o Passado

Marília acordou bem cedo, talvez porque havia tido novamente aquele pesadelo, Cix dorme tranquila em sua cama, Mari sorri comigo mesma e desce sem fazer barulho, eram seis horas da manhã e um frio gostoso invadia as enormes janelas da casa de campo, chegou a cozinha pra beber água e se surpreendeu com o cheiro de chocolate quente, fechou os olhos devagar e foi puxada para memórias:

— Mari — ouve alguém a chamar gentilmente.

Assim que abre os olhos e encontra os seus, por um segundo sorriu até se lembrar quem ela era e quem ele era:

— Mateus? — perguntou se afastando dele e indo até a geladeira — não sabia que estava aqui —

corrigiu — agora, achei que provavelmente estava com sua namorada.

— Cheguei faz vinte minutos — diz dando de ombros — vim hoje cedo, pois tive que trabalhar e cuidar de Mabel.

— Entendi — pegou a água, bebeu e deixou o copo na pia saindo dali o mais rápido possível, foi até os fundos e se sentou na rede em frente à montanha.

Mesmo depois de anos Mateus continua o mesmo, ela sempre foi apaixonada por ele, mesmo depois de tudo, claro que amadureceram com o passar dos anos e havia o trauma, mas ele foi seu primeiro namorado, seu primeiro em tudo, é considerável que fosse difícil esquecê-lo, e o que mais acabava consigo era mesmo depois de tudo que falou pra ele, desde o fim do namoro ele ainda a tratava da mesma forma, com carinho e atenção:

— Toma — diz ele aparecendo ao seu lado com um copo de chocolate quente cheio — vai te esquentar.

Pegou o copo de sua mão relutante e segurou com as duas, assoprou e deu um gole, como ela se lembrava, estava uma delícia. Ele se sentou ao seu lado claramente satisfeito e fez o mesmo, ficaram em silêncio tomando seus chocolate até o sol começar a nascer em meio a neblina:

— Mari — diz cortando o silêncio e se virando pra ela — queria te explicar uma coisa.

— Não Mateus — pediu se levantando e ele segurou seu braço:

— Marília, você nunca me deu a oportunidade de falar nada, achei que quando você se acalmasse, e comigo longe fosse te fazer entender melhor a situação:

— A que você dormia com a Bruna enquanto eu estava sendo estuprada? Enquanto ela matava meus pais?
— gritou já com os olhos em lágrimas.

— Eu não dormi com ela — diz me olhando — tudo que ela te disse foi pra te por contra mim, ela quis mesmo se aproximar, tentou de várias formas, deu uma de solidária, mas eu nunca tive nada com ela.

— Então porque eu encontrei aquelas roupas na casa dela? — pergunto.

— Porque minha mãe me contou que quando eu fui atrás de você com o detetive e o policial, ela apareceu em casa dizendo que havia esquecido uns livros, minha mãe acha que ela plantou aquelas coisas lá, mas até você aparecer não sabíamos o motivo e muito menos que ela tinha feito tudo aquilo,

— Ela se fez de amiga, e fez aquilo — responde limpando o rosto — independente de tudo, eu não podia ficar com você, e isso não mudou.

Ele se calou, se aproximou, beijou sua testa e saiu dali.

Ela se deixa cair no chão e começa a chorar deixando tudo vir à tona, toda a dor que sentiu quando tudo

aconteceu, toda a dor que senti quando ele foi embora, quando perdeu seus pais, quando viu seu irmão desesperado, quando viu seus avós no enterro dos filhos, tudo que aquele maluca a fez passar, senti alguém se agachar ao seu lado e me a trazer pra si, era a Cecília, chorou em seu ombro e ela apenas fica em silêncio sentada ali, Mari não se lembra por quantas horas ficaram assim, só sabe que acabou adormecendo, acordou com Cix a chamando:

— É melhor subirmos, alguns já estão acordados.

Ela concordou e entraram, por sorte não havia ninguém por ali, entraram no quarto e ela se jogou na cama exausta:

— Você vai ficar bem? — pergunta Cix se sentando ao pé da cama.

— Eu queria ser forte, eu queria muito não sentir nada porque eu sei que droga, você é irmã da namorada dele, mas eu não consigo Cix — confessou.

— Não é fácil ver quem a gente ama com outra — diz — como também é difícil deixar o passado pra trás quando ele está bem na sua frente.

— Eu fiz o que achava certo, eu nunca me sentiria limpa estando com ele, não pelo fato de estar com ele ou ele ser o problema, e sim porque eu sempre traria comigo as marcas daqueles dias, por mais que eu não me lembre de tudo.

— Você vai se lembrar — ela a acalma — e quando se lembrar, não vai doer mais. Dói porque estamos no escuro, sem saber o que aconteceu, então achamos que a culpa é nossa.

Nesse momento Hugo aparece na porta:

— Posso entrar? — pergunta.

Mari faz que sim e Cix faz menção de nos deixar a sós:

— Fica — diz ele tocando o braço dela de leve.

Ela se senta de novo e ele faz o mesmo:

— Você e Mateus conversaram hoje? — pergunta.

Novamente ela concorda:

— Tem que parar de puni-lo pelo que aquela garota fez — diz Hugo devagar — ele também ainda sofre com tudo isso, sabia?

— Eu tentei — falou — mas não é fácil esquecer assim. Eu nem me lembro de nada direito, só me vem aquele pesadelo que nem sei se é real.

Ele se levanta dizendo que já volta e vai atrás de alguma coisa, voltou dali a pouco com meu irmão e

ambos estavam com uma cara nada boa:

— Acha que já está na hora? — pôde ouvi-los dizer.

— Ela precisa seguir em frente — responde ele.

— Do que você se lembra? — pergunta seu irmão segurando sua mão.

— Fragmentos pequenos, me lembro de ter saído do colégio, então encontrei Gabriel e seus amigos do lado de fora, — responde — e então estou gritando e ninguém aparece, depois Gabriel vem e diz que vou estar morta, então.. — se cala.

— Bruna aparece — completa seu irmão — e te fala exatamente como que a mãe dela se apaixonou pelo meu pai, só que ela era casada.

— E a mãe dela se matou — Mari responde vendo as imagens em sua cabeça.

— E depois ela te conta como Gabriel fez com seus pais — diz Hugo um pouco baixo.

— Eu imploro pra que ela me deixe ir, então sinto Gabriel por algo em meu braço e desmaio. — completa sem acreditar nas suas lembranças. — Foi real? — pergunta ela.

Hugo assente.

24. A Verdade

— O que aconteceu depois? — perguntou ao seu irmão.

— Bom — começa André, — depois do colégio você não apareceu, papai ficou preocupado e começou a ligar pra todas as suas amigas ou colegas, mas ninguém tinha te visto, um zelador nos ajudou e disse que vira você na saída conversando com um rapaz, mas depois não a viu mais, seu pai havia contratado um detetive particular, que no caso era o pai de Hugo, então nossos pais apareceram mortos e eu fiquei sem saber o que saber, pois não sabia de nada, até Hugo aparecer na minha porta a mando do pai, dizendo que tinha algumas pistas, eu juntei todo o dinheiro que papai havia deixado pra mim e paguei por investigação até que te achassem, ao mesmo tempo estava desesperado, então quando a polícia disse que os meus pais e a minha irmã haviam morrido eu pensei em parar a investigação, mas Hugo me disse que meu pai havia os procurado há dias e que você não esteve com meus pais.

— Uma falha — responde Cix entendendo.

— Meu pai é um ótimo detetive, tudo que ele aprendeu foi ensinado pelo meu avô, mas aquele caso estava difícil, então ele me pediu um olhar, eu passei a noite toda procurando encaixar tudo, então resolvi falar com o Mateus, e perguntei se você já havia falado com algum rapaz mais ou menos na descrição que o zelador havia feito, foi quando descobrimos quem era o cara, no começo não imaginávamos que havia dedo da sua amiga no meio até chegarmos ao local onde você estava. Bruna estava se agarrando com Gabriel e você estava no chão estática, achamos até que já não estivesse resistido.

— Como souberam do local? — perguntou.

— Mateus conseguiu a informação, teve que se aproximar de Bruna sem que ela se aproximasse, e em uma conversa em que ela estava digamos um tanto bêbada ela soltou que seu pai tinha um rancho, uma antiga fazenda na cidade próxima, mas que nunca mais haviam ido lá desde a morte da mãe. Foi um tiro no escuro, mas acertamos, a polícia conseguiu capturar ela, mas Gabriel foi morto quando tentava fugir, o pai dela ficou desolado quando soube o que a filha fez e pediu a internação da mesma, que até hoje permanece lá, Mateus ficou do seu lado o tempo todo quando esteve no hospital e pra nós foi um alívio quando você acordou, mas não se lembrava de quase nada daquela noite, quando te revi você também não se lembrava de mim, estava desolada, vi você chorar a morte de seus pais por noites seguidas, vi seu término com Mateus foi aí que resolvi te ajudar, você me abraçou na noite em que contei quem eu era e pela primeira vez dormiu sem pesadelos, naquela noite eu prometi a mim mesmo que não deixaria você ficar como estava novamente, e só não te contamos antes porque achávamos que fosse o melhor pra você.

— O Mateus — ela diz sem acreditar — ele estava dizendo a verdade.

Hugo e André concordam:

— Ele sempre foi louco por você, e sofre até hoje por você não ter percebido isso.

Mari fica sem graça ainda mais porque a cunhada dele estava ali, mas ela parecia tranquila quanto ao que ouvira, eu também.

+

— Teus — pergunta Luana se sentando ao seu lado. — O que foi?

— Foi uma péssima idéia ter vindo — confessou se virando pra olhá-la.

— Você tem que dar tempo a ela — respondeu Lu — você ficou tanto tempo longe da vida dela e aparece assim, é assustador pra qualquer pessoa.

— Ela ainda me culpa pelo que aconteceu — responde fechando os olhos.

— Não te culpa, ela só tem medo, por vocês dois.

— Eu não entendo — diz — estive do lado dela o tempo todo e ela simplesmente me largou, me deixou pra ir embora, porque achava que não iria conseguir superar o que aconteceu, achava que eu não poderia fazê-la esquecer.

— Você tentou Mateus — Luana diz envolvendo seus braços em torno dele e deitando a cabeça em seu ombro.

— Você acima de tudo sempre cuidando de mim — sorriu sem graça.

— Sempre fui uma ótima amiga — responde dando risada.

— Tirando quando me envolve nas suas loucuras — falou. — Quando irá contar pra sua irmã?

— Tão logo eu conseguir ficar a sós com ela — diz respirando fundo.

— Acho que está mais do que na hora Luana, é a sua felicidade. — respondeu ele.

— Não sei nem como concordou com isso — viu um sorriso brotar em seus lábios.

— Porque conheço vocês — dá de ombros — e minha mãe te adora de qualquer forma.

— Acha que depois que contarmos a verdade, vocês... — ele a interrompeu.

— Isso nunca a impediu — falou. — acho que agora definitivamente acabou.

— E o que pretende fazer? — fez carinho em seu cabelo.

— Vou ficar até quando você me pedir, e então irei pra casa — responde. — ela não me quer aqui e não acho que ficando vai ajudar em algo.

— Tem certeza? — pergunta com aqueles olhos me fitando.

— Acho que sim — sorriu.

— Vem, — diz ela se levantando — vamos almoçar.

— Vamos, amor — ela ri.

Saímos dali e descemos até a cozinha, Sofia e Pedro estavam fazendo o almoço, André estava na sala vendo futebol, Alexandre estava praticamente dormindo na mesa, Gabriela e Luís estavam lá fora no lago. Não havia nem sinal da Mari, Hugo e Cecília.

— Bom dia — Mateus diz se sentando em uma das cadeiras vazias.

— Bom dia — responde Sofia educadamente — chegou quando?

— Po, — pensou para responder — cheguei de manhã e aproveitei pra descansar um pouco.

Luana comia uma maçã em silêncio.

— Bom dia — ouviu Cecília dizer e vir abraçar a irmã, ela acena pra ele e cumprimenta os amigos:

— Cadê a Marília? — perguntou.

— Ela está se trocando — diz — e quer falar com você.

— Comigo? — perguntou trocando um olhar confuso com Luana.

— Sim. Vai lá.

Ele olha novamente pra todos e vai até o quarto onde ambas dormem, encontra Hugo saindo, ele o olha com um sorriso e vai pra cozinha, quando entra Marília está de costas pra si colocando a blusa, Mateus tosse pra chamar sua atenção, ela se vira:

— Queria falar comigo? — pergunta.

— Sim — diz com um sorriso e se senta. Ele faz o mesmo. — Acho que te devo desculpas, por absolutamente tudo.

— O que? — não conseguiu assimilar direito.

— Me perdoa Mateus — diz séria — por ter duvidado de você, por ter te magoado.

25. Verdade ou Desafio

Cecília deixa o quarto e dá o recado a Mateus sobre o que Mari pediu, ele olha Luana sem entender, Ceci sabe que ele namora sua irmã, e não faria nada que soubesse que iria magoar ela, mas Mari só queria conversar com ele, acho que pelo menos uma amizade os dois podem ter. Ela se senta ao lado da irmã que come maçã:

— Precisamos conversar — diz para Cix.

— Sério? — responde preocupada — aconteceu alguma coisa?

— Bom dia — Gabi aparece e abraça Cix, Luís entra logo atrás dela.

— Depois te falo — Lu sussurra baixo.

Cix concorda. Hugo aparece e ficam conversando, ele não está tão insuportável assim, e desde que chegaram aqui conseguiram conversar civilizadamente.

— Tive uma idéia — comenta Cix enquanto almoçam — porque a gente não joga alguma coisa depois do almoço?

— O que? — pergunta Sofia.

— Verdade ou Desafio — Gabi e ela dizem juntas.

— Se todo mundo topa — Hugo dá de ombros.

Depois do almoço, Cix ajuda as meninas a lavarem a louça e vão para o quarto descansar antes do jogo começar, ela está deitada com Sofia entre suas pernas, Gabi deitada na cama esparramada e Luana sentada ali também:

— O que queria falar comigo? — pergunta a Luana.

— É só que — ela olha para as meninas ali, mas dá de ombros — eu e Mateus nós não somos namorados.

— O que? — perguntam todas juntas sem entender.

— Eu e ele fizemos um acordo, porque tive medo de mamãe e papai não aprovarem quem eu realmente gosto, eu sei que não é certo mentir pra eles, mas Mateus sempre foi apenas meu amigo — ela se explica.

— Então quem é o garoto? — pergunta Cix.

— André — solta num sussurro.

— O IRMAO DA MARÍLIA? — perguntou um pouco alto demais.

— Fala baixo — pede envergonhada — sim, eu o conheci na faculdade e não sabia que ela era irmã dele, assim como não sabia que Mateus e ela haviam namorado.

— Que confusão — Gabi diz.

— Totalmente — concorda Sofia.

— Quer dizer então que vocês não estão apaixonados? — pergunta Cix a irmã.

— Ele ama a Marília — Lu responde — e se dependesse dele nunca teriam terminado.

— Ai meu deus — dizem as meninas sem acreditar — alguém mais sabe disso?

— Só eu, vocês, André e Mateus.

— Quer dizer que Marília nem sonha que tu é namorado do irmão dela? — Sofia perguntou.

Ela fez que não.

— Porque ele nunca deu a entender que algo acontecia entre vocês? — perguntou em relação a André.

— Porque ele sabia que não era hora, que na hora certa iríamos contar aos outros e porque Mateus e ele sempre foram amigos.

— Que merda — é o que ela responde a irmã — e agora?

— Agora eu pretendo parar de esconder minha relação com ele, e torço para que a Mari e o Mateus se resolvam, pois eles se amam.

— Eu nem sei o que dizer — confessa. — Estou feliz por você, André é um amor, e nossa... Eu fico feliz e torço muito por vocês.

— Nós também — disseram as meninas — quando pretende contar a Marília?

— Não vou — diz — Mateus e ela tem que se resolverem sozinhos.

— Acho justo — sorri — ela vai ficar tão feliz, ou não.

Ficaram ali conversando.

+

Depois do almoço as meninas sumiram dentro do quarto e Hugo e os moleques, tirando a Mari que havia saído pra cavalgar com o André resolveram ir pra sala de jogos:

— Esse jogo é tenso — comenta Luís sobre verdade e desafio.

— Está com medo de que? — zomba Hugo.

E os meninos riem.

— Não estou — diz dando sua tacada no jogo de sinuca — só estou pensando que vai dar merda.

— Porque diz isso? — Alexandre que estava em sua vez pergunta antes de encaçar uma bola.

— Porque essa situação toda que tá rolando — logo entendemos.

Continuaram a jogar até as meninas aparecerem saltitantes:

— Vamos jogar? — pergunta Gabi indo até o namorado e o abraçando.

Luana e Mateus estavam perto um do outro, Cecília estava rindo de algo com Sofia, Pedro e Alexandre guardavam as bolas de sinuca, André entra com Marília e Hugo se junta aos dois:

— Como foi o passeio? — pergunta a ela.

— Reconfortante — e sorriu. — Na próxima vou te arrastar junto.

— Vai nessa — os três riram.

Cecília corre até o armário e tira de lá uma garrafa dessas de cervejas, colocando na roda que se forma:

— Eu começo — pede Hugo pegando a garrafa e girando.

Todos olhavam a mesma girar e ir parando aos poucos, o rosto de Sofia cora quando para nela e na Cecília:

— Verdade ou desafio? — pergunta Sofia a amiga.

— Verdade — não demora a responder.

— Verdade que você namorava quando estudava fora? — foi à primeira coisa, acredito que Sofia deva ter pensado.

Hugo esperava ansiosamente que ela dissesse que não, mas ela apenas dando de ombros:

— Verdade — e rodou a garrafa.

— Verdade ou desafio? — Mateus que estava sem jeito pergunta pra Mari.

— Desafio — responde.

Há um brilho em seus olhos quando responde, mas logo desaparece:

— Desafio você a contar um segredo que ninguém aqui saiba ou que quase ninguém saiba — pede.

— Eu já me envolvi com um traficante — a loira devolveu tão baixo que quase não escutaram.

Todos se calam, incluindo Mateus.

— Verdade ou desafio? — pergunta Mari a Luana.

— Desafio — sorri a mesma.

— Desafio você a nos contar algo sobre você que ninguém saiba — diz entrando na onda.

— Eu e o Mateus não somos namorados — diz Luana após trocar um olhar com ele.

Hugo fica chocado.

— Não entendi — falou o moreno. — Vocês não são namorados?

— Não — responde Mateus se levantando — eu sou um dos melhores amigos do André — e apontou para ele que até então estava em silêncio — e quando conheci Luana eles me pediram pra fingir ser o namorado dela, só por um tempo, até que ela conseguisse dizer aos pais.

Marília se levanta tão rápido, e sai dali.

— Vai atrás dela — diz Luana.

Mateus sai dali e segue ela.

— Agora me expliquem isso direito — pede Hugo encarando André e Luana.

— Acontece — intervém Cecília — que minha irmã não fazia idéia que Mateus e Marília haviam namorado, ela sabia dessa ex, pois por serem muito amigos ele havia dito, mas não que André, era irmã da Mari.

— E porque não disseram? — perguntou.

— Eu pedi — André responde ao lado de Luana.

+

— Espera Marília — Mateus segura seu braço.

— O que você quer? — diz com os olhos cheios d'água.

Ele abre a boca pra responder e fecha, puxa seu corpo até a parede próxima e a prende ali que se mantém imóvel:

— Eu quero você — responde — eu to cansado de esconder que eu sou, louco, apaixonado, em você — frisa a última parte colocando o polegar em seu coração.

— Eu não sou um brinquedo — seus olhos encontram o seu.

— Nem eu — responde sem pensar — eu não sou seu brinquedo, você não pode simplesmente terminar

um relacionamento de longa data porque é medrosa suficiente pra confessar que eu posso te ajudar, mas você não quis ajuda. Você estava tão preocupada em achar desculpas pra justificar o término que acreditou na sua própria mentira.

— VOCÊ DORMIU COM A BRUNA — gritou me estapeando.

— Eu não dormi — segura seus braços — olha nos meus olhos Marília, e vê se eu trairia você com sua melhor amiga?

Encara-a que retribuiu, puxa o ar com força e fecha os olhos a seguir:

— Por quê?

— Porque eu fingi namorar a Luana? Porque André é meu melhor amigo, porque os pais dela não são tão gentis, e porque eu nunca imaginei que encontraria você, mesmo que essa fosse sempre a minha vontade.

— Faz quanto tempo que você me reencontrou mesmo? — pergunta ela e ele entende.

Soltou seus braços e levou as mãos ao rosto:

— Eu não podia Mari — responde baixo — eu prometi.

— Bom, acho que essa conversa acabou — diz se aproximando — e sim Mateus, eu arranjei motivos toscos, porque você merece coisa melhor, e naquele momento eu não estava pronta pra qualquer tipo de relacionamento.

— Eu te amei todos os dias por isso — sussurra ele — e continuo te amando.

Ela fica em silêncio e ele segura sua mão, aproxima seu corpo do seu e traz seu rosto pra si ficando tão próximo quanto ele podia, e a beija. Seu rosto está vermelho e o choro é visível, mas ela faz o que ele menos esperava, segura seu pescoço e pula em seu colo retribuindo o beijo.

— Eu te amo tanto que dói estar ao seu lado sem você. — ela confessou.

Ele a aperta em seus braços saboreando o beijo que tanto quis.

— Atrapalho? — ouviram passos atrás deles e se viraram com Marília ainda no seu colo.

— Hugo — ela diz sem jeito, ele a solta, mas a mesma permanece ao seu lado.

— Vejo que se resolveram — sorri pra ambos os dedos juntos.

— Espero que sim — ele responde e ela ri.

Ela me puxa e se aproxima do amigo. Antigamente ele até poderia ter ciúmes do Hugo, mas hoje sabe que ele foi essencial pra este momento. Ela o abraça enterrando o rosto em seu ombro e ele retribui beijando sua testa e acariciando suas costas por cima da blusa:

— Eu te amo — diz — obrigada por trazê-lo de volta.

— Não fui eu — responde ele com um sorriso.

— Eu nunca fui embora — responde Mateus também — quando nos separamos eu sempre entrava em contato com seu irmão, mas conheci Hugo, e ele sempre esteve com você.

— Não mais o deixe ir — pede Hugo.

Ela concordou e Mateus sorri de volta.

26. Entrega

— HUGO NARRANDO —

Deixo os dois ali e entro, além da televisão ligada na sala de jogos vejo ao longe Cecília sentada em uma das cadeiras do lado de fora, com um livro na mão e fones de ouvido:

— Você gosta dela — Luís diz parando ao meu lado.

— Não posso gostar — encaro-o.

— Olha, eu tentei a mesma coisa que você — toca meu ombro. — e por pouco não perdi a mulher da minha vida.

— Não é assim — respondo — vocês não entendem como isso é totalmente impossível?

— Porque você quer que seja — diz e me deixa a sós.

Observo-a por um tempo e arrisco uns passos a mais, até onde ela está que continua lendo, assim que me nota tira os fones e abaixa o livro me fitando com um sorriso divertido:

— Não te vi ai — diz.

— Não quis atrapalhar.

Sento-me ao seu lado e a encaro, ela faz o mesmo se sentando de frente pra mim:

— Está tudo bem? — pergunta enrugando a testa claramente preocupada.

— Estou.

— Mesmo? — seu sorriso se alarga. — Acho que está doente — e coloca suas mãos em meu rosto.

Dou risada:

— Como alguém pode ser minha fraqueza e ao mesmo tempo o que me deixa em pé? — solto.

— O que? — diz confusa.

— Nada Cix — me levanto batendo de leve em sua perna — boa leitura.

— Hugo — chama ela se levantando.

Tudo acontece muito rápido, em um segundo seu livro está no chão e seus braços ao redor do meu pescoço com suas mãos em meu rosto e cabelo, ela morde os lábios e encosta os mesmos nos meus:

— Obrigada — finaliza o beijo.

— Você me beija e espera que eu aceite isso sem fazer nada? — falo mantendo minhas mãos em sua cintura.

— Exatamente — pisca.

— Não tão fácil — sussurro contra seu rosto.

— Então me mostra — pede pousando novamente seus lábios nos meus.

Seguro seus braços acima da cabeça prendendo seu corpo no meu e sugo teus lábios com minha língua explorando toda a sua boca, solto sua mão levando uma das minhas até seu cabelo e a outra a sua cintura apertando de leve.

— Isso é bom — confessa invertendo os lados, ela leva a mão por dentro da minha camisa e continua o beijo, mas dessa vez controlado, suspiro quando ela arranha meu peitoral com suas unhas e morde a pontinha da minha língua.

— Não faz isso — peço abrindo meus olhos e encontrando os seus com uma expressão divertida no rosto.

— Você que pediu — e se afasta.

— Aonde você vai? — pergunto quando a mesma recolhe seu livro e se aproxima da casa.

— Pra onde mais eu iria? — responde me desafiando.

Deixo que ela saia dali e levo a mão ao cabelo com um breve sorriso no rosto. Se a intenção dela era me enlouquecer, provavelmente não falta muito pra conseguir ou dependendo da merda já consegui. Droga, Cecília Amorim, você com certeza quer me enfraquecer. Tiro esse pensamento da cabeça e entro na casa, estão alguns na cozinha e dessa vez Gabi e Luís preparam a janta, passo pelo quarto de Cix e apenas Marília estava lá. Caminho pro meu quarto e ela está lá:

— Demorou. — diz.

27. Distração

CECÍLIA

— Bom dia — ele fala acariciando minha perna que pendia em cima da sua.

— Bom dia — abro os olhos devagar.

— Me prometa não fugir daqui — se vira pra mim — eu já volto, mas fica.

— É uma proposta tentadora — acaricio seus cabelos bagunçando os mesmos.

— Por favor — pede novamente.

— Preciso estudar Dave — respondo — e seus pais vão acordar.

Ele se levanta e me encara:

— Quantas vezes vou ter que dizer que não ligo — falou — eles te conhecem, até quando vai fugir toda vez que estiver aqui?

Eu me levanto um pouco me sentando na cama:

— Eu me importo — respondo — eles são seus pais, o mínimo que você pode ter é respeito.

— Então vai Cecília — diz grosseiramente.

— Sabe de uma coisa? Você só vai aprender a respeitar seus pais quando perdê-los — pego minha bolsa e desço as escadas.

— Até lá eu já estarei longe daqui — segura meu braço.

— Então some de uma vez — saio batendo a porta atrás de mim.

Acordo assustada, estou deitada em minha cama, Marília dorme no sofá-cama, me levanto devagar e vou até a sacada, está um vento gostoso e o tempo está nublado, novas imagens preenchem minha cabeça, memórias do intercâmbio, não as impeço:

— Dave — chamo por ele dentre seus amigos que estavam no parque.

Assim que me vê ele sorri vindo até mim:

— Oi linda — sela nossos lábios.

— Por onde andou? — pergunto o abraçando.

— Por aí — dá de ombros.

— Seus pais estão te procurando — comento.

— Deixe que procurem — responde normalmente.

— Porque é tão grotesco com eles? São seus pais Davied — retruco já me afastando.

— Aonde você vai? — pergunta ele.

— Pra casa — e saio dali sabendo que ele não virá atrás.

Deixo uma lágrima cair, e me afasto dali voltando pra cama. Eu não estava mal em si pelo Dave, e sim porque sentia até hoje as conseqüências dos meus atos quando mandei ele embora e ele foi, sem olhar pra trás. No dia seguinte seus pais me procuraram querendo saber se eu tinha algum contato com o filho, disse que o pai fora acordá-lo e encontrou o quarto praticamente vazio. Os últimos quatro meses que passei lá tentamos encontrá-lo de todas as formas, mas uma pessoa só pode ser encontrada se ela quiser.

Quando voltei fiz isso com o coração na mão, não contei pra ninguém porque não achei que fosse necessário, alcancei meu objetivo e voltei pra casa, era apenas isso que eu havia trazido de lá, pena que na prática é diferente, e as lembranças ficaram.

Assim que desço as escadas encontro Luís de sunga, e a maioria da galera em roupa de banho:

— A festa é hoje e ninguém me avisou? — brinco.

— Queremos ir até a praia, só falta você e a dona Mari. — Hugo diz com um sorriso.

— Cheguei — diz Mari aparecendo com um biquíni branco cheio de rendas.

— Acho que vou deixar essa passar — comento me jogando em um dos colchões.

— Não mesmo — Gabi larga o namorado e se aproxima:

— Você vai nem que seja amarrada — concorda Sofia.

Nós subimos as três e elas me fizeram por o biquíni.

28. Juntos?

HUGO

Eu diria que dentre tudo que aconteceu nessas férias aquela noite, à noite em que encontrei Cix em meu quarto, à noite em que finalmente a tomei pra mim, à noite em que a pude tocar por mais bonita que tivesse sido não se comparava nada ao que veio depois, estávamos cada dia mais próximos e dava pra ver que todos percebiam isso, eu não queria muito assumir mais sabia muito bem que ela estava acabando comigo, com aquele sorriso debochado, aquele jeito de menina mulher, ela estava me transformando em alguém melhor, Mari e Mateus estavam mais firmes do que nunca, pareciam até os dois namorados adolescentes que foram. Luana e André também faziam questão de não esconder de ninguém o quanto se amavam, ela e Mari até conversam, quem sabe não vira uma amizade? Sofia e Pedro que sempre estavam juntos viviam brigando, e ele havia voltado pra casa mais cedo, o mais engraçado era ver Xandeco praticamente fascinado nela e saber que ela o vê como amigo, quanto a Vanessa e Conrado haviam se estabelecido finalmente no Brasil, ela estava trabalhando e meu filho estava frequentando o colégio, dona Nina vivia no hospital com meu pai, que continuava em coma, sempre ligava pra conversar com ela ou com Caco, e prometi que quando as férias acabassem iríamos fazer um passeio, a vida não poderia estar melhor... Ah, quase ia me esquecendo, Gabi e Luís acham que estão grávidos, ou seja, já deve imaginar a loucura que a casa está, faltavam apenas dois dias pra voltarmos pra casa, estou deitado na rede tragando um cigarro quando Cix passa de fones de ouvido em direção ao lago, observo ela se sentar nas pedras com seu biquíni, tirar o cabelo do rosto e molhar os pés, joga o cigarro no lixo após apagar e me aproximo dela devagar, toco seu ombro e ela se vira pra trás dando um sorriso ao perceber quem é:

— Oi baby — diz tirando os fones.

— Tudo bem? — me sento ao seu lado.

— Apenas estou pensando — diz deitando a cabeça em meu ombro.

— Em que? — pergunto com a voz rouca acariciando seus cabelos.

— Na faculdade.

— O que tem?

— Não sei, eu amo demais e tudo mais só que direito não é o que eu quero, entende — fala e levanta o rosto pra me olhar, porém fecha a cara logo — você continua fumando Hugo?

— Sim — respondo e seguro sua cintura impedindo ela de sair.

— Que droga, isso vai te matar — bufa ela irritada.

— Eu já estou de qualquer jeito — ela me bate — Cix relaxa. O que eu quis dizer é que todos nós vamos morrer um dia.

— E por isso você precisa apressar as coisas? — comenta ela.

— Eu não vou parar — respondo.

— Ótimo — ela se levanta me dando as costas — se quer acabar com sua vida, que acabe sozinho — e entra em casa.

— Dia difícil? — Luís aparece alguns minutos depois aparentando cansaço.

— Você também? — pergunto rindo.

— Ela vai me matar qualquer dia — responde.

— Nem me fale — concordo.

Ficamos conversando ali e logos nos retiramos cada um pro seu canto.

29. Fim

Entro estressada após brigar com Hugo e fico vendo TV até pegar no sono, acordo no dia seguinte e estou em meu quarto, levanto devagar e pude ouvir som vindo da sala e risadas da cozinha, entro e dei de cara com o pessoal ali, Sofia e Xandeco preparavam almoço, Hugo estava no notebook, Gabi atrás dele parecia estar falando com alguém, André e Luís jogavam baralho na mesa, Mari e Mateus estavam dançando sozinhos, Luana fazia a unha alheia ao jogo dos meninos, assim que Gabi me vê ela me puxa:

— Você já conheceu o Conrado? — diz com um sorriso nos lábios.

Sim, eu soube recentemente que Hugo tinha um filho, assim que olho pro computador encontro dona Nina que fica feliz ao me ver mesmo por skype, e um pequeno em seu colo, tímido que só:

— Filho — diz Hugo me puxando pra perto dele enquanto Gabi ia azucrinar Luana, — essa é a Cecília.

— É sua namorada papai? — pergunta ele — vovó disse que era.

Fiquei sem saber o que responder, cumprimento ele e Hugo logo muda de assunto fazendo o garoto se esquecer da pergunta que tinha feito. Ajudo Sofia e Alexandre no almoço e depois nos sentamos todos pra comer:

— O que vamos fazer hoje, já que é nosso último dia? — pergunta Gabi batendo palminhas.

— Beber — eu e Sofia respondemos juntas.

— Podíamos pegar o carro e ir até a cidade, não iria ter um festival de rua essa semana?

— Podíamos ir — Luana responde se animando.

— Está decidido então, diz Mari.

— Vamos daqui uma hora? — sugiro.

Todos concordaram, após estarmos prontos pegamos a estrada até a cidade, chegamos lá eram 14:00 e as ruas estavam fechadas, encontramos uma vaga e caminhamos até o local do festival, as praias estavam lotadas, haviam barracas por todos os lugares, também tinham palcos montados e haviam bandas locais tocando, fomos até a área onde tocava pop e assim que começou a tocar uma das minhas músicas preferidas puxei Gabi, Mari, Sofia e Luana pra pista e começamos a dançar e cantar, enquanto os meninos

tinham ido comprar ingresso pro parque que também tinha ali, assim que eles voltaram trouxeram também bebida, Hugo me entrega uma cerveja qualquer e fica ali comigo, começo a dançar colado nele que apenas me observa, volta e meia bebe da cerveja:

— Cix — sussurra no meu ouvido.

Eu me viro erguendo o olhar pro si:

— Como vamos ficar quando o verão acabar?

— Não sei — confesso. — Quando o verão acabar tenho certeza que nem de mim você vai se lembrar — e dou um sorriso triste.

— É o que você acha? — não respondo.

Começa a tocar outra música e eu apenas fecho meus olhos me deixando levar pelo embalo, Hugo puxa meu corpo pro dele e ficamos dançando enquanto ele canta em meu ouvido, me viro e puxo seu rosto pro meu, tocando seus lábios devagar, mas ele queria urgência, logo sua língua pediu passagem por meus lábios e eu deixo, enquanto ele conduz o beijo algo dentro de mim me dizia que eu não podia perdê-lo, não mesmo.

+

Eu estava ruim, mas não queria ir embora, André e Luana tinham dispensado o parque e ido de táxi, Gabi, Luís, Marília e Mateus fizeram o mesmo assim que terminamos de comer e Alexandre e Sofia foram dar um passeio restando apenas eu e Hugo:

— Quer ir embora? — pergunta ele quando voltamos até um dos palcos.

— Não, quero ficar — respondo

— Não acha que tá tarde? — pergunta novamente depois de um tempo. — acordaremos bem cedo amanhã.

— Quero ficar Hugo — respondo grosseiramente me afastando — quer ir embora, vai.

Ele fica em silêncio, volto a dançar e por mais que meus pés estivessem doendo eu estava me divertindo, sabia que ele estava me observando, por isso quando um rapaz se aproximou não me afastei, ele dançava perto de mim e eu fingia me esfregar nele, ele segurou minha cintura e quando fui reclamar sinto alguém nos empurrando, Hugo parte pra cima dele com tudo que se escondeu atrás de mim, assim que me vê Hugo se afasta, mas eu já tinha caído de bunda no chão quando ele acerta um soco no rosto do garoto, sinto meu corpo doer:

— O que acha que está fazendo? — grito me levantando com dificuldade, quando ele percebe o que fez solta o garoto e vem até a mim.

— Desculpa, se eu soubesse que você tava no meio... — corto o mesmo.

— Teria o que, te impedido de dar uma surra nele? — grito mais alto.

— Eu nunca te machucaria — responde se aproximando.

— Não se aproxima — peço com raiva — você acha que é o que, meu dono?

— Você estava praticamente se esfregando nele — aumenta o tom de voz — porra, você tava me provocando.

— EU SOU SOLTEIRA — faço questão de falar pausadamente a última palavra.

— Já entendi — diz se virando.

— Aonde você vai? — pego meu salto e corro atrás dele, a galera toda nos olha.

— Eu vou pra casa — diz parando do nada o que me faz quase tropeçar.

— Tudo bem, acho que já deu por hoje mesmo — concordo colocando meu salto com pressa — precisamos... — ele não me deixa terminar.

— Eu, vou pra casa Cecília — responde seco — Você faz o que você quiser afinal você é solteira.

E se afasta me deixando sozinha ali. Seguro minha vontade de ir atrás dele, o pessoal vai se dispersando dali e eu me sento em uma das muretas, logo Sofia e Alexandre aparecem e quando me vêem estranham:

— Ei, o que faz aqui ainda? — pergunta ela entregando o algodão doce pra Alexandre.

Não consigo responder, apenas começo a soluçar. Abraço meus joelhos, eu não conseguiria chorar mais apenas soluçava, ela se abaixa na minha frente e me abraça:

— Vamos pra casa Cix — diz carinhosamente.

Fomos o caminho todo em silêncio, me deito no banco de trás e fecho os olhos, queria muito dormir e não acordar nunca mais, quando entro na casa ninguém está acordado, espero eles se deitarem e vou até a cozinha, pego um copo de água e um remédio, estou quase indo pro quarto quando vejo Hugo descer as escadas, dou um meio sorriso e quando ia falar algo ele apenas sobe novamente e ouço a porta bater, fui me deitar mas não dormi.

30. Último Trabalho

Chegamos em casa, eu e Luana no começo da noite. Mateus nos deixou aqui antes de voltar para sua casa. Assim que chegamos Lu foi pro seu quarto e eu para o meu. Estava totalmente cansada e estressada. Papai e mamãe chegariam no dia seguinte e de pensar que semana que vem já voltariam às aulas eu estava triste. Fiz toda minha higiene, coloquei meus pijamas fofinhos e deitei para dormir. Quando acordei foi com o meu telefone tocando, atendi sem ver quem era:

- Alô - atendo com a voz ainda sonolenta

- Oi Nari - Reconheço a voz da Gabi

- Oi Gabs, o que houve?

- Eu queria saber se eu podia dormir aí, queria conversar com você – ela diz e ouço alguém gritar no fundo.

- Tudo bem - concordo - estou te esperando. Vou pedir comida.

- Ok, beijo - e desliga.

Levanto-me, troco meu pijama por uma regata branca e um short desfiado azul marinho, faço um rabo de cavalo rapidamente e desço. Assim que desço encontro Lu e André dormindo no sofá. Sorrio com a cena e vou para a cozinha com o telefone que pego da mesa, disco o número do delivery e peço quatro lanches. Espero ele confirmar e desligo. Volto o telefone para o lugar e saio para a varanda, vejo que já anoiteceu e imagino que passam das 22:00. Fico ali por algum tempo até escutar a campainha e alguém bater na porta. Peço para que entre, pois sei que é a Gabi e atendo o interfone que é o entregador, peço para ele subir e corro pro quarto para pegar o cartão que papai deixou conosco. Volto pra sala e Gabi está sentada ao lado de Lu que agora está totalmente acordada e André fala com alguém no telefone na varanda.

- E minha mãe me chamou de irresponsável - diz com lágrimas nos olhos. - eu não sei o que fazer.

- Ei - Lu acaricia seu cabelo - dê um tempo a ela, é algo muito recente ainda e você é nova, ela só está preocupada.

Sempre soube que a mãe da Gabi não aceitaria de cara sua gravidez, desde que descobrimos, porém ao mesmo tempo em que entendia ela também entendia minha melhor amiga. Por isso me aproximo e a puxo para um abraço, Luana logo se levanta e se une a nos, formando um abraço triplo.

- Eu amo você - sussurro em seu ouvido.

- Eu também - diz ao se separar de nós.

Ouçó alguém bater na porta e dou passos até ela pronta para pagar o lanche, mas me surpreendi ao encontrar a última pessoa que esperava ver ali:

- Oi – ele diz com um sorriso segurando na mão nossos lanches. - Acho que isso é de vocês – e dá uma olhada para dentro da casa.

- O que você faz aqui? - pergunto completamente irritada mesmo sabendo que não tenho motivos.

- Precisamos conversar - pede calmamente - na paz.

- Tudo bem - cedo - entra.

Hugo abre um sorriso e entra em casa deixando o lanche na cozinha, ele cumprimenta aos outros e após pegarem seus lanches eles vão para o quarto de Lu enquanto eu e Hugo ficamos a sós na sala:

- Pode falar - comento seca.

- Não quero que permaneçamos assim - ele se senta me encarando.
- A culpa não foi minha - respondo - eu tentei ser gentil, e até me desculpar e você virou as costas para mim.
- Eu estava irritado porra - diz essa ultima palavra um tanto alto.
- Não grita Hugo - retruco - Eu não quero saber. Primeiro você me deixa sozinha no parque, depois você me ignora quando tento me aproximar e agora simplesmente "não quer que fiquemos assim?" - explodo. - Vai se foder, seu idiota. Eu não sou um brinquedo pra você fazer o que quer, eu já te disse isso.
- Eu nunca pensei isso de você - diz agora baixinho. - Você sabe como me deixa louco, eu não sei o que fazer. E talvez você não se lembre que me provocou, e depois esfregou na minha cara que era solteira.
- Mas eu sou - afirmo baixinho. - Eu sou solteira - dessa vez digo com firmeza.
- Tudo bem - diz se levantando - então acho que o que vai acontecer agora é que iremos fazer o trabalho da faculdade e depois cada um irá pro seu canto, ok?
- Ok - respondo tão rápido, mas não pareço verdadeira.
- Boa noite - diz e sai porta a fora.

Estou ferrada.

Gabi aparece e sem dizer nada me abraça. Então coisa que talvez nunca tenha acontecido antes, sinto meus olhos marejados e algumas lágrimas teimosas caírem:

- Você gosta dele, não gosta? - pergunta ela quando estamos sentadas no sofá.

Não respondo, mas não preciso. Ela sabe que sim. Volto a chorar mais dessa vez não tento impedir as lágrimas. Durante esse período pude conhecer um lado de Hugo impressionante, um lado que não condiz com o cara desapegado que ele parecia ser. Um cara incrível que me levou ao paraíso e ao inferno o mesmo tempo. Tentei, tentei de todas as formas impedir que ele crie raiz dentro de mim, que ele se aproximasse e percebi que nunca devia ter impedido. Agora posso tê-lo perdido e sei bem como ele costuma cumprir com o que diz.

- Ei, se acalma. Ele estava nervoso, você também estava. Dê a ele um tempo - diz ela carinhosamente - e tenho certeza que ele também é louco por você.

- Obrigada - consigo dizer quando paro de chorar.

- Eu não fiz nada - sorri.

Passamos a próximas horas vendo filme, após André ir embora Lu se juntou a nós e após maratonarmos

quatro filmes de romance fomos para a cama. Naquela noite dormi bem, e quando acordei estava razoavelmente feliz.

31. Tempo

Assim que chego em casa após ter ido na Cecília aproveito que Mari havia saído com o Mateus e soco a parede mais próxima do meu quarto. Caco e Nina estavam no hospital após o médico ter ligado dizendo que queria conversar com ela. Como eu não estava em casa ela levou ele junto. Continuo dando socos não me importando ao ver uma fina linha de sangue escorrer pela mão e nem a dor que estava sentindo. Eu não queria ter dito nada daquilo, mas eu não estava disposto a ter meu coração arriscado por uma garota que não sabe o que quer. Eu mais do que ninguém não sou capaz de lidar com inconstantes, preciso de certezas e no momento Cecília não é uma. Talvez nunca seja. Mesmo assim não há como voltar atrás, dei minha palavra e irei cumpri-la.

Vou até a cozinha onde abro o armário até encontrar uma das garrafas de bebida que havia deixado ali a um tempo. Pego um copo de vidro no armário ao lado e encho o copo até a metade do pequeno líquido cor cobre, assim que bebo um gole sinto a garganta queimar, mas não paro. Termino a bebida em alguns minutos e novamente encho o copo, guardando a garrafa quase vazia no armário novamente. Balanço o copo até ver o líquido cintilar e tomo de uma vez sem fazer caretas. Pronto, estou medicado.

Deixo o copo na pia e volto pro quarto tirando toda a roupa e entrando no box onde tomo um banho demorado me enxaguando duas vezes antes de por uma cueca box e me deitar na cama exausto. Não estou com sono, porém amanhã será um longo dia, e também quero ir visitar meu pai cedo no hospital. Então fecho os olhos e forço a mente a relaxar, tão logo relaxo o sono vem.

- Filho, filho - ouço me chamarem, mas o sono está tão bom. - Acorda Hugo, seu pai acordou.

Não é preciso que dona Nina me chame outra vez, assim que ouço essas palavras me levanto e a abraço.

- Que horas? - pergunto já me trocando.

- De madrugada, algumas horas depois que chegamos. O médico ligou, porém disse que só essa manhã ele poderia receber visita. Fui visitá-lo, ele quer ver você.

- Que horas são? – pergunto, mas eu mesmo confiro no celular e não acredito no que vejo - porra mãe, são 15:00 horas, já?

- Você parecia cansado então te deixei dormir - diz culpada.

- Tudo bem, cadê o Caco? - pergunto ao pegar as chaves do carro.

- Está vendo televisão - diz - vem, guardei um almoço pra você.

- Agora não mãe - digo e explico - vou pro hospital, mas deixa guardado que eu como quando voltar.

Ia sair quando dona Nina me chama com um olhar preocupado:

- Você andou bebendo ontem?

Não precisei confirmar, ela baixou seus olhos para minha mão machucada e pedi desculpas com o olhar antes de dar um beijo em sua testa, beijar Caco e sair para a garagem até a moto.

+

Chego ao hospital e vou direto ao quarto do meu pai, pois sei que o horário de visitas ainda não acabou. Bato na porta e entro, ele está sentado e assim que ouve o toque seu olhar para na porta e seus olhos brilham quando me vêem:

- Pai - digo sem esconder a emoção - como o senhor está?

- Estou bem meu filho - sua voz está cheia de ternura - venha até aqui.

Vou até ele como me pede e sento na cadeira ao lado de sua cama, seguro sua mão que está quente e sorrio:

- O médico disse quando o senhor poderá ter alta? - pergunto.

- Assim que alguns exames que ele me pediu saírem. – ele responde.

- Vai ser rápido - afirmo mesmo não tendo certeza - logo o senhor estará em casa.

- Queria estar agora - ri.

Estou pronto para responder quando alguém, ou melhor, Cecília invade o quarto toda desastrada carregando consigo uma bandeja com dois cafés e um pão e assim que me vê se cala:

- Querida - diz meu pai antes que eu possa dizer algo - você voltou.

- Aqui está seu café Jorge - diz e se aproxima deixando a bandeja em seu colo antes de pegar pra si o outro café. - Acho melhor eu ir embora.

- Não, fique. Você conhece meu filho? - pergunta ele, mas com certeza já sabe que sim.

- Hmm - diz ela - sim, nos conhecemos. Temos amigos em comum.

- Essa grande jovem – explica meu pai para mim - teve um belo gesto outro dia, que sua mãe me disse. Ela ficou aqui com você quando fui internado, não é mesmo?

Vejo Cecília engasgar e corar.

- Pai - começo - aposto que ela tem que ir embora, e eu quero passar um tempo com você.

Ele olha para mim e para Cecília e apenas concorda:

- Tudo bem filha - diz ele após uma leve tosse - obrigada pela visita, se cuide.

- Obrigada Jorge - diz ao se aproximar e beijar seu rosto.

Cecília volta seu olhar pra mim e eu o sustento, mas logo ela sai dali rapidamente nos deixando a sós. Eu me preparo para as encharcadas de perguntas que virão a seguir.

32. Alguém como Você

Sim, fui visitar Jorge. Sei que parece intromissão, porém dona Nina me encontrou no mercado logo cedo e me contou que seu marido havia acordado sem delongas me disse que ele iria adorar que eu o visitasse. Então aceitei seu convite e combinei de encontrá-la lá depois do almoço. Voltei pra casa e eu e Lu almoçamos juntas, depois ela saiu e eu aproveitei para dar uma revisada em uma matéria, quando se passou uma hora decidi me arrumar e ir para lá. Quando cheguei Nina já estava de saída, estava com o Conrado e ele me deu oi tímido antes de saírem do hospital após Nina me dizer que Jorge estava me esperando. Quando entrei o senhor deitado na cama não parecia surpreso, apenas sorriu gentilmente:

- Olá querida, Nina me contou sobre você.

- Oi - sorrio tímida - é um prazer conhecê-lo. Nina e seu filho disseram coisas maravilhosas sobre você.

- É gentil da sua parte me dizer isso.

Então foi assim que iniciamos uma conversa sobre diversos assuntos e meia hora depois perguntei a ele se estava com fome e resolvi ir até a lanchonete do hospital. Pedi dois cafés e um pão para ele e após pagar resolvi me sentar um pouco e responder a mensagem da minha mãe dizendo que chegariam á noite e que sairíamos para jantar. Quando percebi estar enrolando voltei para o quarto e toda atrapalhada sai tagarelando e quase não percebi Hugo ali, que me olhava surpreso.

Não é preciso ser um gênio para saber que ele não estava à vontade comigo ali. Então entreguei a seu pai a bandeja, peguei meu café e comentei que deveria ir embora. Jorge insistiu que eu ficasse, porém após Hugo comentar que eu "teria coisas para fazer" me despeço do gentil senhor e saio dali rumo à minha casa. Já á noite após ter passado o restante da tarde ajudando Luana a arrumar a casa papai e mamãe chegaram e nos esperavam na rua. Eu já estava pronta a algum tempo e Lu estava terminando de se arrumar. Quando ficou pronta saímos de casa e entramos no carro saudando papai e mamãe animadamente:

- Minhas lindas filhas - disseram juntos - sentimos tanta saudade - diz papai e mamãe confirma.

- Nós também - respondo por nós duas.

Conversamos durante todo o caminho até o restaurante preferido da nossa família. Pegamos uma mesa perto do jardim e nos fizemos nossos pedidos após nos sentarmos:

- E aí - pergunto - como foi a lua de mel de vocês?

- Foi perfeita - mamãe diz com um olhar apaixonado para meu pai que sorri - o Rio é lindo, as praias, o Cristo, tudo... Daremos um jeito de irmos todos juntos da próxima vez.

- Oba, vai ser ótimo - diz Lu que tem seu olhar longe.

- E vocês - papai pergunta - como foi a viagem? Divertiram-se?

- Sim - respondo - foi maravilhoso - mas o meu sorriso não acompanha meus olhos.

Papai percebe, mas não diz nada, após comermos em meio a conversas sobre a vida, papai paga a conta e vamos em silêncio apenas com a rádio ligada para casa. Naquela noite me deito cedo, e durmo mais cedo ainda.

+

Ainda estava no meu quarto quando recebi sua mensagem sobre nos encontrarmos para o trabalho. Respondo ok e levanto indo até o armário. Tiro de lá uma camiseta com estampa do RHCP e pego minha jaqueta do colegial cinza. Visto minha calça cintura alta e calço meu All Star branco novinho. Prendo meu cabelo, faço uma maquiagem leve que se resume a pó+base, rímel e lápis. Pego minha bolsa na cama colocando os materiais que irei precisar e desço as escadas, encontro a sala vazia então apenas deixo um bilhete na mesinha de centro e saio dali indo até o ponto de ônibus mais próximo.

Pego o ônibus e desço no ponto que preciso algum tempo depois. Ando alguns minutos e encontro o endereço que ele havia me dado. Era seu apartamento, quase não notei que parecia muito com o do meu sonho no bar - quase - porém notei. Sem delongas vou até a portaria e interfono, logo aviso ao porteiro aonde vou e ele libera minha entrada dizendo que Hugo me aguarda. Agradeço e vou em direção aos elevadores, pego e subo até seu andar encontrando a porta entreaberta.

Bato de leve e entro indecisa. O vejo concentrado diante da mesa do jantar, ele veste uma bermuda e está sem camisa com seu óculos, suas tatuagens a mostra me chamam atenção e me recordo claramente do momento em que as toquei a algumas noites atrás. Ele se vira quando arranho a garganta para chamar sua atenção e tira os óculos:

- Oi - é o que digo.

- Oi - responde ele - teve dificuldades de achar o endereço?

- Não - respondo - já andei por esse bairro algumas vezes, foi fácil.

- Que bom - vejo um pequeno sorriso, porém ele logo fecha a cara - vamos trabalhar?

Ele aponta para mesa onde seus cadernos e apostilas estão e eu vou até a cadeira vaga a sua frente tirando minhas coisas da mochila. Ficamos fazendo o trabalho por horas. O caso era simples: traição. A mulher volta do shopping e pega o marido com a amante, tudo que ela quer é vingança. Então ela mata a amante - isso é o que a defesa do marido diz - e alega inocência.

Resolvemos parar depois que ficamos presos em uma questão, minhas mãos estão doendo de tanto escrever e meus olhos ardendo. Olho para Hugo e ele também está incomodado, ele se levanta e se alonga. Peço licença após perguntar onde fica o banheiro e vou à direção que ele aponta. Assim que entro fecho a porta atrás de mim e prendo meu cabelo molhando o rosto com água. Respiro fundo e encaro minha imagem no espelho: cansaço. Eu sabia que teríamos muito mais a fazer, porém estava louca pra ir embora.

Mesmo que tenhamos nos mantido ocupados durante todo o trabalho me pegava diversas vezes observando, como sua testa criava uma ruguinha bonita quando ele estava escrevendo concentrado, ou como volta e meia ele estalava o pescoço e balançava as mãos quando cansava de escrever. Como a voz dele era suave enquanto ele expunha uma idéia ou quando me perguntava algo e como ele nem sequer em nenhum momento se distraiu do assunto.

Tirando isso da cabeça seco meu rosto e saio do banheiro voltando para onde estávamos. Hugo fala no telefone e assim que me vê desliga e se aproxima perto o suficiente sem exagerar:

- Tomei a liberdade de pedir algo para nos comermos, você está com fome, certo? - diz ele.

- Sim - agradeço mentalmente - totalmente. Não sei se conseguiria escrever mais nada com a barriga vazia.

- Eu também não - e ri.

Sua risada é a melhor coisa do mundo, acabo rindo também. Enquanto a comida não chega tentamos resolver a questão que empacamos e após quebrarmos um pouco a cabeça achamos uma solução. Faltando apenas a conclusão do trabalho o interfone toca e ele se levanta para atender me deixando ali enquanto desce para buscar a comida.

Aproveito sua ausência para olhar pela casa. A sala é simples, mas aconchegante, há um sofá com uma mesa de centro e uma televisão média em cima de um raque preto. Nas prateleiras do raque há alguns porta retratos e reconheço alguns rostos; como o da Mari, André, seus pais, ele mais novo porém é um atrás da que ele está quando criança que me chama atenção, me abaixo o suficiente pra alcançar o porta retrato e o observo.

Nele está uma garota de cabelos louros, e ele a segura no ar enquanto se beijam totalmente apaixonados. Ouço passos e guardo rapidamente a foto onde estava voltando para a mesa. Sento-me e finjo estar copiando algo. Logo depois ele aparece carregando uma caixa do Habbibs e um refrigerante. Sorrio e me levanto para ajudá-lo. Pego o refrigerante e coloco na mesa enquanto ele deixa a caixa aberta também na mesa. Ele vai até um dos armários e pega de lá dois pratos, copos e talheres colocando na mesa. Assim que nos servimos e comemos em silêncio voltamos para o trabalho e finalmente terminamos. Apenas faltaria passar para o computador, o que ele disse que faria hoje mesmo. Guardo minhas coisas após entregar minha folha para ele e o ajudo a arrumar a bagunça da comida. Tento lavar a louça, mas ele não deixa. Ele guarda suas coisas e eu resolvo ir embora.

- Hmm - chamo sua atenção - é isso. Vou embora.

- Tudo bem - concorda - vou te levar até lá em baixo.
- Não precisa - me apresso a dizer já com a mochila nas costas - não precisa se incomodar.
- Tudo bem, boa noite.
- Boa noite Hugo - digo antes de ir para porta - Te vejo por aí.

Vou embora sem olhar para trás, mas minha vontade era correr para os seus braços. Porém sei que não há nada que eu possa fazer no momento. Só depende dele e somente dele. Darei tempo ao tempo.

33. Ultrassom

Domingo chegou e foi embora. Gabi passou a tarde na casa do Luís e seus pais foram maravilhosos

consigno, a receberam de braços abertos o que a deu um aperto no coração ao lembrar que sua mãe não estava do seu lado, era triste. A segunda chegou e quando acordou sua mãe já havia saído de casa, desde que contou a ela sobre a gravidez tem sido assim. Ela faz de tudo pra evitar. Ela levanta devagar sentindo uma leve protuberância na barriga quando se olha de lado no espelho: estou de dois meses.

Engraçado né? Veste um dos seus vestidos preferidos, calça uma sapatilha e arruma seu cabelo. Sai de casa faltando alguns minutos pra que Luís a busque, quando desce não dá dois passos e Cecília vem de sua casa correndo.

- Preciso de carona - explica quando para ao seu lado e respira.

- To vendo mesmo - brinca - tá toda corrida aí.

- Achei que não fosse dar tempo - da de ombros. - E como você e meu ou minha afilhado (a) estão nesse lindo dia?

- Muito bem – ela ri com seu comentário e automaticamente passa a mão na barriga.

- Você está bem? - pergunta ela agora séria. - de verdade?

- Estou - confirma - sei que isso com minha mãe uma hora ou outra vai tomar um rumo e quanto aos pais do Luís me receberam de braços abertos como sua nora e mãe de um filho seu.

- Isso é ótimo - sorri.

Luís chega e elas entram. Gabi o beija e ele e Cix se cumprimentam antes de irem para a faculdade. Eles encontram o pessoal na mesa de sempre: Mari está sentava ao lado de Mateus; Sofia e Pedro estão em lados opostos, Xandeco está ao seu lado e comenta algo com ela lhe tirando um riso. André está conversando com Mateus e Pedro estava quieto. Eles se aproximam e cumprimentam um a um.

- E então, cadê o cobra? – pergunta Gabi, mas sabia que Cix a agradeceria pela pergunta.

- Ele foi levar a... A - disse Marília pensando no que falar - ele foi mostrar para uma amiga a faculdade.

Não é preciso ser vidente pra saber que ela falava de sua ex, quase certeza. A morena observa Cix disfarçadamente e a vê murchar. Gabi abre seu maior sorriso quando Luís a puxa para um abraço, dizendo algo em seu ouvido e ela sorri.

- Bom - comenta não agüentando mais esconder - tenho novidades.

- O que? - todos perguntam animados.

- Hoje terei minha primeira ultrassonografia para saber como está meu bebê.

- Ué, primeira? - pergunta Mateus. - mas você já não fez para saber se estava grávida?

- Foi, mas será a primeira ultra tendo certeza da gravidez, iniciarei de uma vez meu pré natal.

- Seu pai te ajudou nessa? - pergunta Cix

- Sim, ele e a esposa ficaram felizes e ele fez questão de bancar tudo. Minha mãe é claro, não gostou.

- Imagino - Mari diz, mas se cala assim que alguém, no caso Hugo e uma garota se aproximam:

- Oi - diz ele para ninguém em especial - essa aqui é a Vanessa. - comenta sobre a loira ao seu lado - Vanessa esses são meus amigos.

E a apresenta de um a um. Todos falam um oi em uníssono e ela também e então logo o sinal toca.

+

De rabo de olho Gabi percebe Cobra se despedir de todos e dela que diz ter um compromisso e observa Cix que permanece inexpressiva. Vão para suas salas. As aulas passam voando e Gabi já está em casa almoçando. Quando termina de almoçar, lava a louça e está quase indo deitar quando escuta a porta se abrir e vozes no corredor. Não se espanta ao ver seu pai e sua mãe aos beijos. Dá algumas tossidas e logo ambos se separam completamente em choque. Mamãe se prepara para se explicar, porém é papai quem faz:

- Precisamos conversar. - diz ele com um sorriso.

Eles se sentam á mesa da cozinha e seu pai começa a dizer:

- Bom primeiro antes que sua cabecinha comece a criar paranóias de que estou traindo sua madrasta e submetendo sua mãe a isso, eu e Renata não estamos mais juntos. Ela foi embora com o antigo noivo, porém eu não fiquei bravo... Bom ninguém gosta de ser deixado – Gabi vê sua mãe corar - mas isso foi bom, pois percebi que queria recuperar minha família de volta.

- Quando, quando isso começou? - pergunta se referindo a cena de hoje.

- acredite se quiser - diz Cláudia seria - mas essa cena de hoje ocorreu: hoje. Vínhamos nos falando desde que você foi viajar, saímos duas vezes. Ele foi romântico, porém nada aconteceu. Exceto hoje quando fomos almoçar. Ele queria conversar sobre você – ela se surpreende.

- E então aconteceu – diz seu pai segurando sua mão - não sei se vamos nos entender totalmente, porém queríamos que você soubesse.

- Uau – é o que ela diz - estou feliz, claro. Se for o que vocês querem – comenta sincera, se levanta e os abraça.

Ficam assim por um tempo até ele ter que ir embora para resolver algo no trabalho. Gabi vai para o quarto e está se arrumando para ultrassom quando Cláudia entra no quarto arrumada:

- Está pronta? - pergunta observando a filha.

- Estou - sorri - Luís bem me buscar.

- Eu vou te levar - diz ela abrindo um sorriso o a faz virar. - Acho que te devo um pedido de desculpas Gabriela - diz se aproximando.

- Mãe – Gabi sente seus olhos marejados - Eu fiquei com tanto medo de você não me apoiar.

- Isso jamais iria acontecer - a conforta - eu jamais iria te deixar sozinha. Eu só precisei me acostumar com a idéia que terei um neto ou uma neta.

Ficam ali mais algum tempo e então saem para a clínica onde ela faria o acompanhamento. Enquanto sua mãe preenche a ficha ela estava sentada aguardando ser chamada. Ela observa o corredor e sorri quando a figura do Luís todo apressado aparece carregando um buquê pequeno de rosas. Ele se aproxima e quando a vê se abaixa ficando da sua altura e entrega as flores após um beijo longo.

- Oi linda - diz colocando seu cabelo atrás da orelha.

- Oi amor - sorri boba com as flores - obrigada.

Cláudia volta, eles se cumprimentam e conversam enquanto não é chamada. Chega sua vez e estou totalmente nervosa, Luís a acompanha enquanto sua mãe espera ali. Ambos são levados pela enfermeira até a sala onde fará o exame. Ela é preparada e deitada na maca enquanto pede que aguardemos o médico.

34. Noite das Garotas

Quando o médico aparece ele se apresenta como Dr. Eduardo e logo começa a mexer na máquina e a pergunta se está pronta. Ele passa um líquido sobre sua barriga e um pouco abaixo e logo aponta para uma pequena televisão onde começam a aparecer algumas imagens. Ele aumenta e os dois conseguem ver algumas pequenas coisas que ele explica ser o bebê. Gabi se apaixona, ao seu lado Luís também está emocionado.

- Logo poderemos saber o sexo da criança - diz o médico quando encerra a ultrassom entregando um papel contendo a primeira foto do bebê.

Os dois o acompanham até sua mesa onde ele faz as explicações necessárias, recomendações e tudo mais e os libera após marcar uma próxima consulta pro mês que vem. Ambos saem dali e encontram Cláudia ainda no mesmo lugar.

- E aí, como foi? - diz ela com expectativa.

- Maravilhoso - é Luís que responde e Gabi a entrega a fotografia.

Ela se emociona:

- É lindo meu amor - diz e devolve.

Ela se despede de Luís que precisa ajudar o pai com algo e lhe dá a foto para que mostre a eles. Juntas mãe e filha saem dali, que a deixa em casa antes de ir trabalhar. Ela está deitada entediada quando decide ligar para Cecília, assim que pega o celular para discar ouve baterem na porta e se levanta para atender dando de cara com ela ali acompanhada das meninas:

- Viemos fazer uma tarde/noite das garotas - diz animada entrando seguida de Sofi, Mari, Lu e Guria.

- Uau, era disso que eu precisava - confirma e sorri ao ver que trouxeram muita coisa pra comer além de coisas para fazer a unha e alguns filmes.

- Falei com a dona Cláudia e ela não se importou - explica Cix após nos sentarmos no quarto já de pijamas.

- Celulares desligados, mandem a mensagem padrão no Whatsapp e desliguem - pede Mari.

Após fazerem o que ela pede e entrando no clima, Gabi vai até seu som e liga colocando uma música animada para tocar. Elas comemoram:

- Bom o que faremos primeiro? - pergunta Lu.

- Conversar - sugere Sofia - Preciso de conselhos.

Ninguém discorda. Parece que todas elas têm uma batalha a se vencer.

+

- Sabe - começou Sofi enquanto comem em silêncio. - Desde que conheci Pedro me encantei, entendem? - Concordam. Apenas Guria parece deslocada, mas não diz nada. - Então nós nos aproximamos e foi lindo. E quando ele foi embora nas férias eu fiquei mal, realmente mal. Quer dizer, era pra ele estar ali comigo curtindo cada momento, mas ele não estava.

- Eu entendo você - sussurra Cix tão baixinho que quase não ouviram.

- Eu gosto dele, mas ele está tão frio, tão distante e eu não sei o que eu fiz. - confessa.

- Já tentou falar com ele? - pergunta Mari.

- Não - diz depois de um tempo - estou com medo dessa conversa.

- Você precisa disso - Cix diz - precisa, pois a cada dia que olho para vocês vejo que estão mau um sem o outro. E ele pode ser até bom em esconder os sentimentos para você, mas não para nós.

Todas concordam.

- E você – Gabi cutuca Cix que está ao seu lado. - Nada com Hugo ainda?

Ela suspira.

- Eu não posso forçar uma aproximação - diz. - Vocês me conhecem, eu não faria isso.

- Ele gosta de você - diz Mari - mesmo, porém é complicado demais quando ele toma uma decisão. Pois é difícil pra ele voltar atrás, agora com a volta da Vanessa e o filho deles - e se cala. Todas entenderam.

Eles estão se reaproximando e é claro que ela ainda é louca por ele. Cix não diz nada mais ela sabe que saber disso a abalou. As meninas passam a tarde e à noite toda assim e depois vêem os filmes, comem, conversam mais, fazem as unhas, jogam e vão dormir quando estão cansadas demais pra fazer outra coisa.

Gabriela acorda no meio da noite assustada, seu peito dói e sua barriga dá algumas pontadas como se fosse um facão. Levanta-se devagar e com medo vai até o banheiro e o que vê a assusta, de sua perna escorre sangue. Volta para o quarto e acorda Cix que se enche de preocupação assim que a vê. Ela a senta na patente e pega o celular ligando para Luís antes de ajudá-la a tirar a roupa e a por dentro do chuveiro. Quando Gabi está limpa ela aparece com roupas e Cláudia está ali. As únicas das outras meninas acordada é Mari que também se preocupa, porém após Cláudia afirmar que está tudo bem volta a se deitar.

Ceci avisa que Luís chegou e descem até o lado de fora, Cláudia diz para ligar a ela assim que tiverem notícias e os deixa ir. Luís está tenso, dirige rápido até o hospital mais próximo que atende 24hr não se importando em infringir algumas leis. Ela também está muito preocupada. Mais alguns minutos e Luís estaciona em frente ao hospital e junto com Cecília ajudam a Gabi a descer do carro. É instantâneo quando desce, sente sua barriga doer e vê novamente respingos de sangue no chão. Ceci os deixa ali e corre até dentro do hospital trazendo consigo uma enfermeira que a coloca na maca e entra com ela para exames.

Não se vê mais nada, ela tenta se levantar mais sua cabeça dói então permanece deitada, seus olhos ardem quando tenta abri-los então desiste. Escuta alguém conversando ao seu lado, quer chamar a pessoa, mas sua garganta está seca. Voltando a cair num sono profundo.

35. Instante

O mundo parou. Não literalmente, mas naquele instante é como se nada existisse e o chão tivesse sido tirado de nossos pés. O médico conversa conosco calmamente antes de permitir que visitas sejam feitas. Lógico que Luís foi primeiro, ele também não estava acreditando. Foram nove semanas, eu nem sabia que algo assim podia acontecer. Mas como Eduardo disse era algo comum acontecer, talvez não muito em jovens, mas às vezes acontecia. Era questão de tempo, a sentença foi dada. Gabi perderia o bebê. Assim que entramos no hospital ela foi levada e se passaram horas sem que tivéssemos alguma notícia. Quando enfim tivemos já estava amanhecendo e o médico nos chamou pra conversar:

- Sentem-se - pede ele.

- E então doutor, como eles estão? - pergunto.

- A Gabriela está bem, está no quarto dormindo - diz antes de continuar - porém há algo que vocês precisam saber. É algo raro de acontecer com garotas da sua idade, mas não impossível. A criança entrou em aborto. Parou de se desenvolver. Não há o que fazer apenas esperar que o corpo de Gabi expulse os tecidos. Se isso não acontecer dentro de duas horas, faremos manualmente.

- Eu não sei o que dizer - confesso segurando a mão de Luís que está chorando.

- Porque isso aconteceu? - pergunta ele. - Estivemos aqui ontem.

- Não há como explicar, se trata de algo muito mais comum do que parece rapaz - diz ele ameno. - Vocês poderão visitá-la um de cada vez, mas peço que não a acordem.

- Tudo bem - respondo - ele vai primeiro.

Vejo-o agradecer por isso antes de sair dali com o médico. Ele me deixa na sala de espera e resolvo não avisar a Cláudia - não ainda. - Quero que Gabi faça isso quando se sentir pronta. Passam-se algum tempo quando Luís volta calado, assim que me vê seu sorriso diminui:

- Ela está acordada. Ainda não contei a ela. - ele diz quase em um suplico.

- Tudo bem, eu farei isso - e o abraço saindo dali sendo acompanhada pelo médico que me deixa na porta de Gabi:

- 20 minutos. - diz e sai me deixando sozinha.

Entro sem bater, ela está quieta olhando pela janela, mas se vira assim que me vê:

- Oi - sorrio ao me aproximar de sua cama me sentado na beirada.

- Oi - diz baixo

- Você nos assustou - comento mais calma por vê-la bem.

- Desculpe por isso.

- Nahh, tudo bem. O que importa é que está bem.

- E meu bebê? - faz a pergunta mais difícil de todas.

- Gabi - começo e seguro sua mão, porém ela me corta um misto de reconhecimento e dor passando pelo seu rosto.

- Não precisa me dizer, reconheço os sintomas. Apenas esperava que fosse um mal entendido.

- Infelizmente não é - digo sem saber como agir.

- Eu, eu perdi meu bebê - e começa a chorar.

- Eu sinto muito - digo puxando seu corpo para mim em um abraço. - Eu sinto muito mesmo.

Deixo que ela chore por um longo tempo. Apenas saio dali, pois o médico quer examiná-la para saber se os tecidos já saíram ou se terão que fazer isso. A segunda opção ocorre e duas horas depois ela é

liberada.

36. Partida

No dia seguinte da noite da garotas Sofi foi a primeira a levantar. Mari, Guria e Lu ainda dormiam. A Gaúcha estranhou não ver Cix e nem Gabi ali, porém encontrou tia Cláudia na sala agitada que lhe contou o que havia acontecido de madrugada. Automaticamente ela volta para o quarto e acorda as garotas para contar o que tinha acontecido:

- Será que ela perdeu o bebê? - todas pensaram isso, porém Guria disse em voz alta.
- Espero que não - diz Mari verdadeiramente - ela está tão feliz com a notícia. Às vezes é só um susto.
- Tomara – fala Sofi.

Almoçaram ali e depois de arrumar tudo saíram junto com tia Cláudia que iria ao hospital e as meninas foram pras suas casas. Pediu um uber e foi parar na casa do Pedro, sim. Precisavam conversar. Ele a recebe rapidamente surpreso por vê-la ali, a deixa passar e logo estão no seu quarto conversando:

- E então - pergunta ele guardando seu material. Ele estava estudando - aconteceu alguma coisa?
- Gabi deu entrada no hospital hoje de madrugada, achamos que ela pode ter perdido o bebê.

- Isso é ruim - diz - muito ruim. Teve notícias?
- Ainda não - nega. - Pedro - chama-o que se vira. - Precisamos conversar.
- Eu acho que sim - diz largando o que estava fazendo e se senta em sua frente na cama.
- Eu queria saber por que você foi embora das montanhas. - solta de uma vez.
- Eu tinha coisas para fazer aqui - diz.
- Mas era pra serem as nossas férias - retruca.
- Já disse Sofi - diz meio impaciente - eu precisava estar aqui.
- Por quê? - pergunta.
- Porque vou voltar pra Santa Catarina - ele simplesmente diz antes de se levantar e se virar fechando os olhos devagar. - Meu pai não consegue se adaptar aqui, o emprego que ele tem mal tem dado pra pagar as contas então concordei em voltar para SC e morar com minha vó. Pelo menos até as coisas melhorarem.
- E como ficam sua vida aqui, seus amigos, sua faculdade?
- Você acha que eu deixaria meu pai passando dificuldade sendo que eu posso e tenho uma solução?
- Mas e você - insiste - porque não tenta um emprego?
- E você acha que eu venho fazendo o que desde que cheguei em São Paulo? Eu sabia que não seria fácil estar aqui, depois de mil tentativas frustradas eu desisti. Estava esperando a resposta de uma entrevista que fiz antes de viajarmos - diz - e adivinha. "Seu currículo é muito bom, porém já preenchemos a vaga."
- Eu, eu – ela tenta dizer algo - eu entendo. – diz derrotada.
- Que bom - ele volta a se virar dessa vez parando na sua frente - porque eu não sei o que faria se você não ficasse do meu lado.
- Quando você vai? - pergunta com seus corpos próximo demais.
- Assim que as aulas acabarem. - diz e cola seus lábios nos dela.

Sofi fecha os olhos e corresponde ao beijo entrelaçando seus dedos por dentro do seu cabelo. Ele a puxa pra mais perto e envolve suas mãos na sua cintura apertando a mesma de leve. Intensificando o beijo com expectativa para o que vem a seguir. Ele leva uma das mãos a sua nuca e com a outra a pega no colo caminhando com ela com todo o cuidado para sua cama. Ele a deita e se ajeita em cima de seu corpo tomando cuidado com seu peso. Não desgrudam suas bocas, apenas para tirar cada uma de suas roupas. Quando sente ele sobre si é o paraíso, a cada sensação. A cada toque ela sente ir ao céu e voltar. Quando tudo acaba está em seus braços, seu fino lençol os cobre parcialmente e ele está dormindo

tranquilamente. Sem fazer barulho ela se levanta, observa sua expressão serena. Pega uma folha de seu caderno e caneta, escreve a ele um bilhete, veste suas roupas e sai dali sem olhar pra trás.

Talvez ela tenha se precipitado, mas o que eu pode fazer, ele vai embora. É certo isso, mas ela sabe que se for da vontade de Deus ou se o destino quiser talvez seus caminhos se cruzem novamente. Também sabe que não é nem se trata de um Adeus, pois ainda o verá por um tempo antes das aulas acabarem. Mas é que nunca foi boa em despedidas. Sempre achou que seria a garota que chora após uma noite com um cara, mas não queria que essa fosse sua última lembrança. Queria que fosse mágico como a tarde. É essa com certeza é uma coisa da qual ela não pode simplesmente esquecer.

37. Oficialmente Pai

- HUGO NARRANDO -

Estava em casa assistindo televisão quando a porta se abre e meu pai entra acompanhado de dona Nina que tem um sorriso no rosto. Eu sabia que ele teria alta hoje, mas dona Nina não deixou que eu os buscasse. Queria almoçar a sós com o marido, matar as saudades como ela mesma disse. Levanto-me e caminho até os dois que me abraçam:

- Finalmente em casa, pai - digo com um sorriso enorme.

- Finalmente filho - ele concorda.

Fico com eles um pouco e conto a ele um pouco mais sobre o Conrado. Como se tivesse pressentindo de quem eu falava meu telefone toca, é Vanessa:

- Oi - diz ela - o exame saiu, vamos pegar?

- Tudo bem - afirmo - te encontro lá.

- Ok, tchau - diz antes de a ligação ser encerrada.

- Pai, mãe estou saindo. Vou pegar o exame de DNA.

- Achei que ele era seu filho - diz meu pai confuso.

Dou risada e saio em direção a garagem onde pego o carro e dirijo até o lugar em que fizemos o exame. O caminho é rápido e logo estou estacionando. Assim que desço vejo os cabelos loiros de Vanessa e ela vem de encontro a mim com a bolsa no ombro e óculos escuros que retira assim que para na minha frente:

- Preferi esperar você para vermos juntos - diz ela e agradeço.

Logo que entramos a recepcionista no encaminha para a sala onde uma mulher, médica está com o exame. Sentamo-nos nas cadeiras ali e esperamos até que ela apareça com uma pasta na mão e uma caneca com café na outra. Ela deixa os dois na mesa e nos cumprimenta:

- Bom, é você que quer confirmar a paternidade de Conrado? - pergunta enquanto segura o envelope fechado na mão.

- Isso mesmo. - confirmo.

Ela abre o envelope e o lê pacientemente sem demonstrar nenhuma reação.

- Parabéns papai - diz circulando algo com sua caneta e me entregando o papel - você é mesmo o papai.

Pego o envelope de sua mão e vejo o que ela circulou: Positivo. Eu sou o pai do Conrado, Vanessa não mentiu. Eu realmente sou pai. Entrego a Vanessa o papel e ela mantém um sorriso que diz: "Eu não disse." A médica conversa conosco mais um pouco e então saímos dali:

- Você quer carona? - pergunto ao perceber que ela está sem o carro.

Ela me avalia por um momento mais aceita. Entramos no carro e eu a deixo em casa antes de seguir para a minha. Encontro meus pais dormindo e decido não acordá-los. Vou para o quarto onde após tomar um banho decido sair sozinho. Faz tempo que não tiro um tempo só pra mim. Sinto que preciso, para por os pensamentos em ordem. Dessa vez dispenso qualquer veículo e vou andando pelo caminho que conheço de cor. Logo estou diante de um enorme jardim com um chafariz enorme ao centro.

Tiro os sapatos e caminho até a entrada do jardim, pisando na grama molhada e me sentando em um dos bancos. Fecho os olhos e me permito pensar em Cecília depois de dois dias evitando ao máximo isso. Lembro como ela ficou ao me ver com Vanessa e como eu não fiz nada para reverter a situação. Então penso nos meus pais, felizes em casa e desejo que a partir de hoje as coisas sejam como eram.

38. O Amanhã

- CECÍLIA NARRANDO -

PASSARAM-SE alguns meses. Estávamos na última semana de aulas, eu iria para o segundo ano de direito e aos poucos pude me encontrar no curso. Era puxado, mas eu estava cada dia mais apaixonada. Saio da prova depois de ter certeza que fui bem e encontro com Pedro no corredor:

- Oi Pe - digo após abraçá-lo.

- Oi Cix, estou esperando Sofi, ela vai demorar? - pergunta.

- Hmm - puxo na memória se ela já estava terminando a prova e lembro que faltavam algumas questões. - Não vai não. Ela já está pra entregar a prova.

- Tudo bem, eu espero.

- Esperamos - sorrio - e então você vai mesmo embora sexta-feira? - pergunto.

- Sim - responde com um sorriso triste - Eu não consegui nada de trabalho aqui, e você sabe o quanto eu tentei.

- Mas e se você falar com algum dos nossos amigos, aposto que eles sabem de alguma coisa ou podem tentar achar algo pra você.

- Não dá Narizinho - diz ele - minha passagem já está comprada. Minha vó já preparou tudo lá, já fiz minha transferência da faculdade para a de lá. Não tem volta.

- Eu vou sentir saudades - confesso.

- Eu também vou.

Nesse momento uma Sofia descabelada sai da sala e noto em seu olhar que não acha que se saiu bem:

- E então, vamos? - pergunto.

- Vamos, o pessoal está esperando a gente na lanchonete.

Andamos devagar em direção a lanchonete e logo encontramos a mesa em que eles estavam. Mateus e Mari estavam ali, Hugo e Vanessa, Gabi e Luís foram os últimos a chegar. Lu e André chegaram junto conosco e Xandeco estava ali por incrível que pareça numa conversa com Babi. Sentamo-nos todos e eu já não estava afetada pela presença da ex do Hugo ali. Ela não era ruim, mas também seria ironia dizer que nos tornamos amigas, o que não aconteceu. E nem sempre ela estava presente, hoje havia sido exceção a última vez havia sido logo depois que voltamos de viagem quando ele apresentou a ela a faculdade:

- E então, planos para o fim do ano? - pergunta Mari chamando atenção.

- Ainda não pensei em nada - solto - não sabemos se nossos pais pretendem viajar ou ficar na cidade.

- Eu estarei fora - diz Hugo ao jogar no lixo o resto do cigarro - irei fazer uma viagem com meus pais enquanto Vanessa fará um trabalho fora.

- Vão para onde? - pergunta novamente Mari quase se esquecendo de nós.

- Salvador - responde animado. - temos alguns parentes do meu pai lá, passaremos o Natal e o Ano novo e voltaremos no final de janeiro.

- Quando vão? - me vejo perguntando.

- Dia 20 - diz ele.

- Daqui a duas semanas - diz Mari - achei que teríamos mais tempo juntos.

Os outros concordaram. Gabi e Luís iriam ficar em SP, André e Lu iriam passar o Natal com os avós dele, Mateus e Mari iriam também. Sofia ficaria com os pais e Xande não tinha planos. Ficamos conversando e comendo e depois cada um foi para um lugar. Eu aproveitei e tirei o dia pra estudar, a última prova era amanhã e então teríamos férias. Estava ansiosa, essa era a época que eu mais gostava e pela qual mais senti falta quando estava no exterior.

Fico estudando por tanto tempo que acabo pegando no sono, quando acordo já é noite e quando pego meu

celular na cabeceira havia milhões de mensagens da maior parte do pessoal me chamando para o bar que tinha aqui perto de casa. Fazia apenas 10 minutos da última mensagem, respondo que vou me trocar e desço e assim que largo ele toca:

- Alô - atendo me equilibrando enquanto troco minha calça por um short com Strauss vermelho e uma regata com o colo rendado.

- Cecília - escuto alguém dizer do outro lado da linha, o sotaque era engraçado e me lembrava alguém, eu só não sabia dizer quem.

- Quem fala? - pergunto ao desistir de tentar reconhecer.

- Oi - diz agora uma nova voz em um perfeito português. Essa voz eu reconheceria em qualquer lugar - Desculpa pelo meu colega achei que talvez não atendesse se soubesse quem é.

- É... É claro que atenderia - respondo gaguejando.

- Que bom - quase posso vê-lo sorrir. - quanto tempo Cici - o apelido apenas usado por ele soa ao passado.

- Bastante - concordo - em que posso te ajudar Dave?

- Precisava te ver - ele sempre foi direto, sem rodeios. - Sei que saiu daqui a muito tempo, porém estou indo para o Brasil. Preciso que me ajude a encontrar alguém.

- Quem? - pergunto me segurando para não desligar em sua cara caso ele diga que é alguma garota.

- Minha irmã - meu choque é inevitável.

- Dave - digo confusa - você é filho único.

- Não sou Cici, - ao fundo ouço alguém chamá-lo e logo ele continua: - salva esse número, se aceitar me encontrar te contarei tudo. Onde estive. Minhas atitudes e sobre minha irmã. Mas agora preciso desligar, se cuida.

Ele não espera que eu termine e logo desliga, ainda estou muito chocada quando Lu aparece na porta me chamando:

- Não acredito que me fizeram vir até aqui para chamar a senhorita - diz ela fingindo estar brava enquanto saímos de casa andando até o bar.

Aquele era o único bar em meio a tantas casas, a maioria praticamente vazia. A segurança vinha do condomínio de Gabi que ficava praticamente em frente e era vigiado 24 horas. Quando chegamos encontro Luís e Gabi na pista improvisada dançando ao som de Seu Jorge. Ela dá alguns risos enquanto eles fazem alguns passos com "Carolina". Vejo Mari com o celular nas mãos filmando e Mateus, Sofi, Pedro batendo palmas enquanto eles se divertiam.

Sento-me na mesa ao lado de Luana, mas logo me levanto indo em direção ao bar para pedir uma bebida. Peço uma cerveja com limão e me sento na banquetta ao lado de um rapaz que não muda sua posição. Estou a ponto de reclamar da demora da minha bebida quando um casal para ao meu lado. Digo um casal pela forma como as mãos dela estão em sua cintura e como seus corpos estão próximos demais.

Mas me surpreendo ao ver que se trata de Hugo e Mari - não há porque ter ciúmes. Olho para onde nossa mesa está e vejo Mateus tranquilo enquanto conversa com Gabi e Luís que voltaram a se sentar. Eles não me vêem, mas consigo ouvir algum trecho da conversa:

- Você tem certeza disso? - ouço Mari perguntar.

- Alguma vez já te decepcionei? - pergunta ele.

- Nunca - responde com certeza.

- Então, não é para sempre Mari. - explica. - Você sabe que eu não posso ficar aqui. Nós nos damos bem, meus pais estão cientes da minha decisão e concordam que talvez seja bom para Caco se fizermos isso.

- Eu entendo, mas você não acha que no mínimo vocês deveriam estar quimicamente ligados? Morar com outra pessoa é um passo muito grande, ainda mais quando essa pessoa ainda é louca por nós.

Sem querer ouvir mais nada pego minha bebida que o garçom acaba de me entregar, e saio rapidamente dali ao esbarrar acidentalmente com os dois antes que me vejam. Chego a mesa e encontro todos comendo. Gabi me observa com interesse e dou de ombros antes de tomar um longo gole da Sol.

Quando Hugo e Mari voltam há um estranho clima entre os dois, que logo se dissipa quando começamos a contar histórias de nossa infância. Lu conta a vez em que eu e ela resolvemos que seria uma ótima idéia ir ao parquinho com as roupas de nossa mãe sem que ela soubesse. Influenciada pela irmã mais nova - no caso eu mesma - pegamos dois vestidos de mamãe e saímos sem que ela percebesse até o parquinho que tinha em frente à nossa rua. Quando ela foi nos chamar pro almoço sua cara era muito, muito brava.

Não apanhamos, mas ficamos de castigo por duas semanas e eu claro, sem sobremesa nas refeições por uma semana.

- Não foi justo - digo após todos rirem - Eu não fui a única que fiz besteira e mamãe deixou ela com sobremesa.

- Mas claro - brinca Sofia - você foi a mandante do problema.

- Ei - justifico - eu era uma criança.

- Estou imaginando a cena - diz Luís dando risada e recebendo uma cara nada boa da Gabi que percebe minha leve irritação.

Hugo não conversa muito e percebo-o distante. Quando resolvemos ir embora peço para que Gabi espere enquanto vou ao banheiro, porém quando volto não a encontro. Estou quase ligando para ela quando vejo Hugo na calçada, encostado em seu carro olhando para o asfalto, ou melhor, brincando com uma

pedrinha. Vou até o caixa só para descobrir que o que consumi já havia sido pago e saio de lá respirando o ar gelado de fim de ano. Aproximo-me dele que levanta a postura ao me ver:

- Podemos caminhar um pouco? - pede.

Apenas concordo e começamos a caminhar lado a lado em silêncio. 20 minutos depois e um silêncio nada agradável eu paro. Ele me olha confuso e eu bufo:

- Será que pode começar a falar o que quer que seja que quer me dizer.

Ele começa a andar e volta, suas mãos pararam em meu rosto e ele tocou seus lábios nos meus, segurou meu cabelo com força e me apertou contra si. Seu hálito cheirava a bebida e a menta misturada com cigarro. Mesmo sabendo que deveria parar e empurrá-lo não era o que eu queria. Correspondo ao seu beijo com a mesma intensidade explorando minhas mãos pelo seu cabelo descendo até suas tatuagens. Aos poucos fui diminuindo o beijo até me separar dele:

- Não vai embora - pede me puxando pra si antes que eu faça qualquer coisa.

- Não ia - respondo.

Quando ela me respondeu fui a soltando devagar e voltamos a andar enquanto conversávamos sobre coisas aleatórias. Paramos em uma rua não tão iluminada e eu me encostei-me a uma das paredes enquanto tiro um cigarro amassado do bolso, sempre levo um comigo. Cecília observa os pés antes de parar ao meu lado, ofereço a ela o cigarro já aceso que recusa. O mais engraçado é que eu realmente ofereci apenas porque sabia que ela não gosta:

- Não precisa me olhar com essa cara - digo quando ela faz uma careta.

- Isso vai te matar - esse era um bordão costumeiro.

- Eu sei, estou preparado quando for à hora - passo um dos meus braços por seu pescoço e a trago para mim.

Ficamos em silêncio por um tempo então eu fixo meus olhos nos dela trazendo sua atenção pra mim:

- Espera por mim.

- O que? - diz ela sem entender o que digo.

- É isso que ouviu Ceci, me espera. Eu não costumo voltar atrás em uma decisão - digo calmamente - mas quero, quero não. Eu pertenço a você. Cada parte de mim é seu.

Ela parece totalmente e sinto seus olhos lacrimejados antes de se afastar um pouco:

- Então vamos ficar juntos - desespera - hoje. Fica comigo. Eu ouvi sua conversa com a Mari hoje, porque você quer morar com a sua ex? Conrado já é esperto o suficiente pra compreender que não estão juntos.

- É complicado - me limito a dizer.

- Por quê? Porque quando se trata de nós dois é sempre complicado? - pergunta.

- Você sabe que não é assim. Não é suficiente pra você saber que eu sou seu?

Ela não responde.

- Eu preciso de um pequeno tempo apenas, por favor, entenda meu lado - insisto.

- Eu não posso te garantir que após esse tempo eu esteja sozinha. Por favor, não me peça isso. Não seja egoísta. - pede.

- Não serei. Só preciso saber se tenho chances.

- Todas as melhores - sorri.

Quando por fim estou em casa após acompanhar ela até a dela encontro meu pai sentado em seu escritório em meio a tantos papéis. Observo-o por um momento antes de bater na porta. Ele se vira e acena para que eu entre e percebo estar esperando especialmente por mim. Entro e vou até a cadeira ao seu lado observando por cima seus papéis:

- Mal recebeu alta e está trabalhando? - brinco sabendo que ele já é grandinho.

- Neste caso específico. Chegou para mim hoje.

- Sobre o que é? - pergunto pegando um dos papéis.

- Abandono. - diz ele. - porém alguém da família está à procura da criança.

- Quem? - pergunto.

- O irmão. - e me entrega a ficha do rapaz.

Analiso atentamente e então começamos a trabalhar em cima disso. As informações que tínhamos era que sua mãe havia dado à luz aqui antes de entregar a criança a uma conhecida e ir realizar seu sonho de trabalhar fora. Seu nome é Davied e seus pais são Ellen e Ruan. Algo em sua aparência me chama atenção, porém decido manter pra mim no momento. Trabalhamos por um bom tempo antes de ele ir se deitar, logo em seguida fiz o mesmo, pois acordaria cedo no dia seguinte para resolver algumas coisas com a Vanessa. Assim que me deito sou dominado pelo sono.

cedo do que costume. Encontro mamãe na cozinha meio dormindo enquanto esquento um café, me aproximo cuidadosamente para não assusta-lá e ela se vira com um sorriso carinhoso. Oferece-me a caneca com café que acaba de encher, agradeço pegando com cuidado e dando um pequeno gole.

Sento-me na mesa enquanto observo ela preparar o café da manhã. Acordei cedo, pois não conseguia mais dormir, estava agitada, ansiosa. Essa prova seria o pontapé inicial para o segundo ano e um futuro estágio.

- Mãe - chamo, após ajudá-la a colocar a mesa. - Já sabe onde vamos passar o Natal?

- Ainda não sei. Seus avós querem que passamos no sítio porém seu pai quer que saíamos em família, provavelmente em viagem.

- Rio? - chuto.

- Sim, ele amou lá.

- Não seria tão ruim - concordo enquanto pego um pedaço de bolo que ela colocou na mesa e como devagar. Termino de comer quando todos estão acordados, e após escovar o dente me despeço deles indo para o ponto onde pego um ônibus até a faculdade, sabendo que Luís só buscará Gabi mais tarde.

Chego à faculdade com meia hora de antecedência e resolvo estudar na biblioteca. Sim, estudar mesmo que eu tenha feito isso nos últimos dias. Assim que entro na biblioteca cumprimento Isabel, a bibliotecária que está em sua mesa e caminho para uma das prateleiras em busca de não ser incomodada. Sento-me em uma mesa ao fundo, distante de todos os outros, mas com vista privilegiada para a saída e tiro de lá minhas coisas e meu celular que coloco no vibra. Estudo até que o sinal toque e quando vou guardar tudo sinto meu telefone vibrar, desbloqueio a tela e atendo a ligação já sabendo quem é:

- Oi - respondo - é necessário falarmos agora? Estou na faculdade. E tenho uma prova importantíssima agora.

- Só queria dizer que estou chegando a São Paulo amanhã e que precisamos conversar. - diz ele.

- Iremos Dave - respondo impaciente - eu te disse isso ontem. Fica tranquilo.

- Só quero ter certeza de que você não desistiu.

- Não, não desisti.

Ele comenta mais alguma coisa antes de dizer que precisava ir. Desligo a chamada e caminho pelo corredor para o prédio onde meu curso se localiza. Vejo ali perto minha turma, porém não paro. Eles sabem que estou uma pilha de nervos e tudo o que menos quero é distração. Estou chegando à porta da sala quando dou de cara com Hugo:

- Está me seguindo? - brinco.

- Ah, você me descobriu - entra na minha onda. - Na verdade nos encontramos por acaso, mas eu realmente queria falar contigo.

- Estou aqui.

- Boa sorte - diz ele tirando um fio solto do meu cabelo do rosto colocando atrás da orelha. - vai lá e arrasa-o.

- Obrigada Hug - me vejo sorrindo.

- Nos vemos mais tarde? - pergunta ele antes de sair dali após eu confirmar.

Entro na sala e observo que todos estão ali. Logo o professor aparece. É, é agora. Ele distribui as provas após escrever as instruções no quadro e então eu começo a prova. Nunca uma prova havia sido tão complicada como essa. Devido a quantidade de tempo que gastei estudando consegui responder uma boa parte das perguntas, questões etc. Sem maiores dificuldades. E quando tive me esforcei ao máximo para responder da melhor forma que me lembrava.

Entrego a prova para o Sr. Tiago e saio dali sentindo minha cabeça explodir. Não ajudava saber que o resultado só sairia em janeiro. No meio disso pude perceber que estava a ponto de iniciar a TPM. Sim, aquele momento em que todas odiamos. O mês passado eu estive insuportável e essa era sempre a minha pior época. Não se compara nem mesmo com o período em si, mas sim com aquele estresse que segue antes de descer. Eu não costumava ser chata, eu ficava simplesmente na minha. Evitar tudo e todos, nesses momentos tudo que eu queria e desejava era estar em meu quarto fazendo nada mais nada menos que assistindo filmes. Era complicado entender, mas para quem me conhece a tanto tempo já havia se tornado normal. Aos poucos fui aprendendo a lidar com isso e em alguns momentos acabo superando a vontade de sumir e resolvo sair seja com a Gabi ou com o Luís, nem que seja para ver o céu nascer.

Caminho em direção à cantina disposta a comer alguma coisa, meu estômago já estava reclamando antes mesmo de eu entregar a prova. Para minha surpresa Gabi está na fila esperando seu lanche, sozinha. Aproximo-me dela que se assusta por não ter me visto ali:

- Quer me matar logo agora doida? - pergunta levando a mão ao coração em um gesto fingido.

- Dramática - brinco. - Vamos, me diga o que está fazendo aqui? Cadê todo mundo?

- Você vai ver se me seguir - diz ela com um sorriso travesso.

Pago pelo salgado e suco que comprei e a sigo em direção à quadra de esportes.

- Eles estão jogando - diz ela assim que chegamos lá. Estava lotada de alunos gritando e incentivando um time que jogava futebol.

- Vamos - diz ela me trazendo de volta - Sofia guardou um lugar pra nós.

Não respondo, apenas sigo seus passos passando por alunos eufóricos e alunas que faltam jogar suas roupas para os jogadores. Depois de me espremer entre as pessoas encontramos Sofia acenando para nós

com dois lugares vagos ao seu lado.

- Os meninos estão vencendo - diz ela alegremente após me abraçar.

- Quem tá jogando? - pergunto ainda por fora.

- Hugo, Luís e Mateus com alguns outros garotos da sua turma de um lado e André, Pedro e Xandeco de outro com outros garotos que não conheço.

- Hugo tá ganhando? - volto a perguntar.

Ela apenas acena. Seria difícil torcer apenas para um time então logo adoto a postura de Sofi e Gabi e comemorando a cada gol marcado pelos dois times. Quando o time de Hugo vence por 3x0 não consigo disfarçar minha alegria, mas tento ao máximo. Os dois times mereceram.

- Vamos até lá? - diz Gabi jogando o restante de seu lanche no lixo próximo antes de descer a arquibancada que começa a se esvaziar aos poucos.

Termino de comer o último pedaço do meu salgado e faço o mesmo que ela descendo com Sofi atrás de mim.

Entramos na quadra e Gabi corre para Luís que a pega em seus braços mesmo todo suado. Sofi faz o mesmo com Pedro mais timidamente e eu caminho calmamente até Hugo que seca seu pescoço com a camisa sem tirar seus olhos de mim.

- E aí, foi bem? - pergunta.

- Acho que sim - respondo procurando não pensar tanto nisso.

- Agora é apenas esperar.

- Eu estou com tanta expectativa, não queria que as notas saíssem apenas em janeiro.

- Passa bem rápido, - diz ele com um sorriso maroto - você vai ver.

Conversamos mais um pouco e então saímos da faculdade, ele me convida para almoçar com ele e eu não penso duas vezes antes de aceitar. Entro em seu carro e ele dirige ao som do Ed Sheeran em silêncio. Aproveito para observar a paisagem pela janela. Assim que ele estaciona desço e vamos para dentro de sua casa onde encontro ali Nina, Caco e Jorge que ficam totalmente felizes por me verem ali.

- Querida - diz Nina ao vir até a mim - que surpresa boa, chegou bem na hora do almoço. Está com fome?

- Um pouco - confesso mesmo tendo acabado de comer.

Cumprimento Jorge que insiste em me chamar de filha e converso um pouco com Caco que perdeu a timidez perto de mim após 10 minutos. Almoçamos em meio a risadas e após ajudar dona Nina com a louça vamos para sala onde ela coloca em algum canal de filmes e assistimos enquanto esperamos o

jejum. Estou quase adormecendo quando Hugo me cutuca:

- Quer deitar um pouco? - pergunta notando meu cansaço.

- Eu aceito - respondo me levantando. Peço licença a seus pais e ando com ele até seu quarto. Bem diferente do estilo que ele mantém em seu apartamento.

Seu quarto está cheio de troféus, porta retratos, miniaturas de diversos tipos, uma mesa onde um notebook está aberto em uma página no facebook, um armário enorme encostado na parede da porta e uma cama na outra parede cercada por uma mesinha onde há um telefone e um abajur. Ele pega algumas coisas em sua cama e guarda no armário, antes de me dar licença deixando uma camisa sua em cima da cama. Pego a mesma e levo ao nariz sentir seu cheiro: é maravilhoso.

Então antes que ele perceba que sou louca vou até o banheiro e visto sua camisa tirando minha roupa e dobrando cuidadosamente, a deixo ao lado da cama assim que entro no quarto novamente e me deito em sua cama puxando a coberta para mim. Durmo em segundos. Estou exausta.

41. Encontro

O vôo foi cansativo, e quando Dave desembarca em São Paulo está exausto. Mesmo assim pega um táxi e passa o endereço do investigador com quem vinha conversando a alguns dias. Seu nome era Jorge e descobriu ser um dos melhores investigadores da cidade, não hesitou em contratá-lo. O táxi o deixa em frente a uma pequena casa, ele paga o necessário para ele e após receber o troco caminha trazendo sua mala até frente à porta onde toca a campainha. Espera paciente e logo escuta passos e uma senhora vem atender:

- Ola, em que posso ajudá-lo? - pergunta com um sorriso.

- Estou procurando Jorge, ele mora aqui? - pergunta ele - seu esposo?

- Ele mesmo. Entre querido, enquanto vou chamá-lo. - ela diz ao lhe dar passagem e fecha a porta atrás dele assim que entram.

Ele espera na sala como ela me instrui onde vê um garotinho vendo desenho, ele se vira e envergonhado volta a assistir TV. Logo se escuta passos novamente e ele vê o senhor - deve se tratar de Jorge - caminhar até ele.

- Boa tarde - diz ao lhe estender a mão - é uma boa hora?

- Claro rapaz - diz apertando sua mão. - Vamos conversar no meu escritório. Nina vá chamar Hugo para mim, sim? - se dirige a esposa.

- Um momento - diz carinhosa ao marido - eles estão dormindo.

Caminham até um pequeno cômodo, que Dave deduz ser seu escritório e se senta em uma das cadeiras. Vê papéis e mais papéis, computador, telefone em cima da mesa e atrás da mesa um enorme quadro branco com tachinhas pregando uma linha do tempo. Dá-se conta que são sobre o caso que pedi a ele.

- Então - é direto - encontrou alguma pista?

- É difícil garoto - diz calmamente enquanto revira seus papéis atrás de algo. - A enfermeira que você me cedeu o nome já faleceu e a maioria dos funcionários são novos ali.

- Não há nenhum registro de alguma criança com características físicas parecidas conosco? - pergunta não querendo desistir.

- Há várias. Porém a maior parte já foi adotada. E não é como se pudesse chegar de casa em casa tocando no assunto de adoção, não sabemos quantas dessas crianças que hoje são adultas sabem que são adotadas.

- Há mais alguma coisa, qualquer coisa?

- Andei pesquisando sobre as crianças que foram adotadas naquele ano. São muitas. E você precisa saber que o fato de sua mãe não tê-la registrado, piora tudo.

- Eu sei. Quantas são?

- Andei olhando a lista e descartei algumas fichas, nos sobraram 50 crianças adotadas - diz um rapaz entrando na sala.

- Rapaz - diz Jorge - esse é meu filho Hugo, é ele quem me ajuda na maior parte das investigações.

- Prazer - cumprimenta ele antes de voltar ao seu lugar. - Porque descartaram algumas dessas crianças?

- Porque hoje ou estão mortas, ou nunca foram adotadas. Temos na cabeça que sua irmã foi uma das crianças a ser adotada. Levando em conta a idade dela.

- Bom, me mostrem a lista então.

Hugo tira da gaveta uma pasta e o entrega. Dave começa a ler os nomes de um a um, cada característica, tudo. Porém duas fichas lhe chamam atenção.

Uma é uma garota de cabelos cacheados e olhos azuis intensos e a outra é loirinha e tem algo em seu pescoço. Ele puxa as duas folhas da pasta e entrega a eles:

- Essas - digo - quero que investiguem essas.

Jorge passa o olho pelas fichas e então sua expressão se fecha, ele pega uma das fichas e entrega a Hugo que também parece não acreditar.

- Não será preciso. - diz ele. - Eu sou melhor amigo de uma delas.

- Ótimo – Dave se levanta - vamos conhecê-la.

Ele olha de Dave para seu pai que acena positivamente. Então Dave se despede de Jorge e volta para sala onde espera Hugo que diz que já volta. Está distraído que não percebe de cara, Hugo desce e ele escuta outra voz junto à dele, mas é quando sua voz é direcionada a ele que estremece:

- Dave? - escuta ela falar.

Quando se vira sabe exatamente de quem se trata. Ela está incrivelmente linda, seus cabelos antes na altura do ombro agora está um pouco mais abaixo e mais escuro do que costumava ser. Seus olhos continuam com o mesmo brilho e a boca, a mesma boca. Mas ela está diferente, dá pra perceber. Seus olhos correm por seu corpo até se tocar de onde ela está, e com quem ela está. "Eles estão dormindo" lembra que Nina dissera ao marido. Então ela seguiu em frente.

- Cecília - abre um dos seus melhores sorrisos.

Antes que perceba ela vai e o abraça meio sem jeito, retribui seu abraço prolongando ao máximo a sensação mas depois a deixa ir.

- O que faz aqui? - pergunta ela a ninguém diretamente.

- Meu pai tá investigando um caso pra ele. - diz Hugo.

- A sua irmã? - pergunta ela.

Dave concorda.

- Vocês vão onde? - pergunta dessa vez a Hugo.

- Na Mari - diz e ele vê mais em seus olhos ela também percebe porque algo parece se acender em sua mente.

- Eu vou com vocês - Dave não se opõe e ela não deixa espaço pra que Hugo faça o mesmo.

Assim que estão no carro de Hugo, a mala de Dave no porta malas ele dirige até uma enorme casa que Dave imagina ser a da garota. Ele tira um controle de algum lugar e logo o enorme portão está sendo aberto e o carro é levado para a garagem. Descem em silêncio e acompanham ele até dentro da casa. Um rapaz está jogado no sofá e assim que nos vê se levanta e vai até Hugo:

- E aí mano o que fazem aqui? - pergunta.

- Cadê a gatinha? - pergunta ele.

- Está no quarto, quer que eu chame? - diz ele e se vira - E aí Ceci. Oi você - diz para Dave.

Esse apenas acena com a cabeça. Enquanto esperam ele vê Cecília e Hugo conversarem baixo e quando uma garota loira, exatamente como a da foto desce as escadas e nos vê ali seu rosto se torna confusão. O outro que estava com ela também desce e sua expressão é mais confusa ainda.

- Mari, esse é Dave - diz Ceci se aproximando dela. Provavelmente são amigos. - Um grande amigo meu. Precisamos conversar com vocês dois. - diz se referindo a ambos.

Assim que nos sentamos na sala Cecília dá sinal para que ele explique:

- Primeiro quero que saiba que eu não tenho certeza que estou certo. A minha história é triste em partes. Eu nasci no exterior, filho de mãe brasileira e pai brasileiro que morava no exterior. Meus pais se conheciam de uma viagem que meu pai fez anos atrás em busca de novos rostos para empresa de modelo que ele gerenciava. E minha mãe foi uma das escolhidas. Como ela ainda estava terminando a faculdade ele deu a ela um tempo para que ela resolvesse tudo que tinha para resolver e então iria para lá.

Todos estão prestando atenção então continuo:

- Nesse meio tempo ela e meu pai tiveram uma noite e então ele foi embora e aguardava ela. Só que minha mãe engravidou. E isso destruiria todo e qualquer sonho que um dia ela teve. Ela foi egoísta, e má. Durante esse tempo ela não postou novas fotos, vídeos nem nada que denunciasse sua gravidez e fez questão que ninguém tocasse no assunto. Ela tinha um plano.

Acabo por olhar para o garoto e a garota e eles estão surpresos.

- Quando ela deu à luz a uma linda menina ela a entregou a uma senhora que conhecia e foi embora sem olhar pra trás.

- Já no exterior minha mãe teve tudo o que ela sempre quis por um ano. Ela e meu pai se reencontraram e se apaixonaram, porém meu pai era casado e tinha um filho. Eu era dois anos mais velho que a filha que minha mãe abandonou. Minha mãe nunca tentou separar meus pais, pelo menos isso. Porém ela não se contentava em ser amante. E quando minha mãe biológica veio há falecer algum tempo depois ela e meu pai foram morar juntos. Eu a admirava, ela era perfeita, cuidava bem de mim, era louco pelo meu pai e com o tempo passei a chamá-la de mãe.

- Ela nunca contou sobre sua irmã? - pergunta Ceci surpresa.

- Não. Meu pai descobriu e a família feliz foi desmontada. Eu já estava na adolescência e quando soube o motivo de tantas brigas eles já haviam feito as pazes, mas eu não os perdoei.

- Eu, eu entendo agora. - diz Cecília. - Não justifica pagar o erro deles com suas atitudes, porém, eu entendo. Você tinha/tem uma irmã em algum lugar e eles simplesmente fingiam que isso não existia.

- Você nunca soube? - pergunta a loira para Ceci.

- Nunca - responde ela - passei três anos estudando, dividindo a mesma casa e nunca me passou pela

cabeça que ele pudesse ter uma irmã.

- Eu podia ter te contado – confessa ele - eu queria ter te contado, principalmente no último mês. Antes de eu ir embora. Mas eu sentia que eu precisava encontrá-la sozinho.

- Onde você esteve esses anos todos? - perguntou.

- Muitos lugares, mas fixo no Rio de Janeiro.

- Quando você começou sua busca? - pergunta o garoto que até agora estava calado.

- Quando encontrei isso nas coisas da minha mãe – ele pega a pequena corrente do bolso e coloca em cima da mesa. - Na época ela desconversou, disse que havia sido um presente, mas se era presente porque ela escondeu?

- Porque ela deu o mesmo pingente para filha. - diz a loira e então começa a chorar.

- Eu conheço esse pingente - o garoto diz. - Marília, você não tem um parecido?

Ele sabia que tinha, havia sido isso que o chamou atenção em sua ficha. E sabia que era arriscado e poderia não ser.

+

Enquanto ouvia o rapaz narrar sobre sua família algo em Mari se agitou. Ela ainda não sabia qual ligação tinha com isso, mas foi só quando ele tirou do bolso um pingente, o seu pingente ou um idêntico a ele é que a ficha caiu. Seus olhos se encheram de água e ela começou a chorar que nem um bebê. André que estava ao meu lado olhou totalmente chocado:

- Eu conheço esse colar - diz ele - Marília, você não tem um parecido?

- Sim - consegue dizer lutando pra controlar as lágrimas.

Quantos anos ela não imaginou como seriam seus pais, mesmo com todo amor do mundo que tenha recebido dos pais do Dé ela ainda se pegava pensando muitas vezes em como eles seriam, porque teriam a abandonado. Nunca os odiou, mesmo hoje com seu suposto irmão lhe dando todos os motivos que procurou por anos, não consegue odia-los. Não consegue reagir.

Seu irmão se levanta e sobe as escadas provavelmente até seu quarto, quando ele volta está com sua corrente na mão e põe ao lado da que Davied trouxe. Seus olhos não conseguem se acostumar com o que vêem a seguir, apesar de serem idênticas elas têm uma pequena diferença fazendo com que se completem.

Cecília e Hugo permanecem em silêncio, mas vê nos olhos do seu melhor amigo o quanto isso é novo pra

ele também. Os seus pais que hoje estão no céu sempre foram os únicos pra si, os únicos que achou que teriam. Então uma pequena verdade recai sobre ela: meus pais estão mortos... E se.

- Dave - o chama que tem seu olhar perdido, mas a encara assim que ouve seu nome - os seus pais estão, vivos? - essa ultima palavra sai trôpega.

- Sim - ele responde - eles estão vivos.

- Eles sabem que você esta atrás de mim? - pergunta.

- No início não. Eu sumi sem deixar rastro. E passei por muitos lugares até encontrar alguém disposto a me ajudar.

- Se você tivesse me contado - começa Cix, mas ele a corta:

- Se eu tivesse te contado você iria encontrar formas de fazer com que eu perdoasse meus pais naquele momento e eu não queria isso.

- E onde eles estão? - pergunta André já recuperado do choque inicial.

- No Rio de Janeiro. Quando comecei a busca eles não sabiam, então me virei sozinho até que encontrei alguém no Rio que me apontou para um investigador de São Paulo que poderia me ajudar além de fornecer toda informação que eles tinham inicialmente - responde os avaliando - então voltei para casa a fim de ter uma conversa séria com eles sobre a busca. Achei que teria trabalho, porém foi apenas apresentar a eles as informações que quiseram vir. Nem que fosse para te ver de longe no caso de você ter sido adotada. Eles não querem problemas com seus pais.

- Eu... – então se corrige - nós, - diz ao se referir a André também. - perdemos nossos pais, eles foram assassinados.

Então observa Hug narrar todo o episódio meio por cima cometido pela Bruna e Dave não parece acreditar.

- Isso é horrível - diz após assimilar a notícia.

42. Temporário

CECÍLIA

Quero confortar Mari naquele momento enquanto Hugo narra todo o inferno que ela havia passado, mas sei por experiência própria que há dores que precisam ser sentidas. Enquanto a conversa desenrolava ali ouço meu telefone tocar:

- Alô - atendo ao me levantar pedindo licença e indo para um canto distante.
- Oi, atrapalho? – Reconheço a voz de Sofia.
- Não minha linda, o que houve? - pergunto.
- Queria saber se vocês vão vir se despedir do Peu.

Com tudo isso quase esqueço que um dos nossos amigos iria embora hoje.

- Vamos sim, onde marcaram de se encontrar?
- Aqui em casa, pois é mais perto do aeroporto.
- Tudo bem - respondo - daqui a pouco estaremos aí, levarei um amigo.
- Traga sim - e após se despedir desligou.

Quando volto para onde eles estão Hugo está na varanda que dá pra fora fumando, André está na cozinha e Dave e Mari estão conversando alheio a tudo ao redor. Decido não atrapalhar e caminho até Hugo que não se mexe, mas me nota:

- Fortes emoções hoje não é? - pergunto.

Ele apenas acena em concordância.

- Voltamos à época em que você não fala comigo?

Ele aponta para o cigarro em um sinal de que está ocupado, mas não responde. Bufo e saio dali batendo o pé, vou até o André que prepara um café enquanto vê algo na televisão colocada na imensa parede da

cozinha.

- O que está vendo? - pergunto.

- Jornal - responde e desliga a TV, - fiz café, quer?

Agradeço a ele que põe um pouco numa xícara para mim. Bebo em pequenos goles enquanto me encosto-me à bancada, aproveito para puxar assunto com meu cunhado:

- Você conhece a Lu de onde? - pergunto realmente curiosa.

- Em uma festa - diz tentando se lembrar - você não havia voltado ainda então provavelmente não sabia. Sua irmã estava tão linda - continua corando pela primeira vez ao perceber o que dizia.

Eu estava deslumbrada, eles são realmente lindos juntos. Conversamos mais um pouco e eu os avisei que Pedro e Sofi nos esperavam em sua casa para nos despedirmos. Enquanto ele chamava Hugo vou até Dave e Mari e os chamo:

- Mari, estamos indo até a Sofi nos despedir do Pedro, vamos?

- É claro - diz ela parecendo se lembrar disso agora também. – Vamos. Você vem Dave?

- Pode ser - diz ele - porém não pretendo ficar muito, pois ainda não vi hotel.

- Imagina que você vai ficar em hotel, eu faço questão que fique aqui em casa - diz Mari - e tenho certeza que Dé não vai se importar.

Quando Dé aparece ela compartilha sua decisão com ele que realmente não vê problema. Pegamos nossas coisas, deixo a caneca vazia na pia e vamos em direção ao carro. Todos resolvemos ir no carro do Hugo. Mari vai à frente enquanto nós três nos acomodamos atrás. Dali algum tempo Hugo estaciona frente a casa de Sofi e todos descemos. Assim que toco a campainha ouço gritarem que já vão atender e sorrio quando uma Sofia corada e despenteada aparece na porta:

- Vocês demoraram - diz ela, todos já estão ali.

Gabi assim que me vê vem me abraçar e Luís acena, pois está longe ao lado de Xandeco e Pedro. Apresento Dave a todos e então Mari começa a narrar tudo que aconteceu hoje, após isso vira uma confusão. Todos extremamente felizes por ela, e ao mesmo tempo querendo falar um por cima do outro. É nessa bagunça boa que ficamos por quase uma hora enquanto comíamos e bebíamos besteira. Porém já era quase a hora de Peú ir então fomos nos despedindo dele um a um, eu fui a penúltima e quando ele se aproximou eu o abracei forte:

- Se cuida em surfista – brinco, pois seu jeito se parece com um. – e, por favor, se mantenha em contato ou serei obrigada a fazer uma visita.

Ele sorri antes de me abraçar mais ainda:

- Obrigado Narizinho, e cuide de Sofi, tudo bem? - pede.

- Irei cuidar.

Não consigo me conter e deixo escapar uma lágrima.

- Eu amo você cabeçudo - digo antes de me afastar.

Ele diz que também me ama então sai de perto indo até Sofia que o aguarda na porta de sua casa. Eles se despedem com direito a choro dela e certa relutância dele e então ele se vai quando seu uber chega. Ele não aceitou que ninguém o levasse, pois odeia despedida. Então quando seu carro desaparece da rua fazemos de tudo pra distrair Sofia que tem uma carinha triste. Enquanto ajudo Gabi a arrumar a bagunça que fizemos aproveito pra conversar com ela, pois não nos vimos direito esses dias.

- Você está bem? - pergunto enquanto seco um copo e guardo no armário.

- Estou - diz com um sorriso. – os exames que fiz saíram e o aborto espontâneo não me causou nada. Estou confiante.

- De que?

- É um segredo, ainda não contei aos outros, porém eu e Luís decidimos tentar novamente. Ficamos tão felizes quando nos acostumamos com a idéia que queremos realmente um bebê.

- Nossa - digo sem saber o que falar - Isso é ótimo Gabi.

- Sim, parei realmente com o remédio e estamos ansiosos. Tenho uma consulta com minha ginecologista amanhã.

- Você vai ver. Tudo tem seu tempo. Vai dar certo - asseguro enquanto terminamos com a louça.

Quando nos reunimos novamente ao grupo na sala só resta Mari, Dave, Hugo, Luís e Sofia. André tinha ido pra casa e Xandeco pegou uma carona com ele. Despeço-me de Sofi, pois percebo que ela quer ficar sozinha e faço com que os outros queiram ir embora também. Ela sorri pra mim agradecida e se despede de nós, Gabi e Luís vão embora e eu estou me despedindo de Mari quando ela se opõe:

- Ei, você veio conosco e vai embora conosco não é mesmo Hug? - pergunta a ele que se manteve calado todo o tempo em que saímos dali.

- Sim - responde simplesmente.

Não me deixando outra opção entro no carro com Dave ao meu lado e assim que Hugo deixa Mari e ele em sua casa desço não disposta a voltar com ele. Não depois da forma que ele me tratou.

- Ceci - ouço Dave me chamar do portão.

Vou até ele com um sorriso:

- Oi.
- Será que poderíamos sair amanhã para conversar? Só nós dois.
- Claro, me avisa a hora e eu estarei lá.
- Tudo bem - diz ao sorrir - te vejo amanhã. Boa noite- e me dá um abraço rápido.
- Boa noite - retribuo e me afasto.

+

Começo a caminhar em direção à rua, mas vejo que Hugo continua estacionado ali, não querendo falar com ele decido ignorar, mas ele liga o carro e começa a me seguir à distância antes de estar ao meu lado, abaixa o vidro e diz irritado:

- Entra nessa droga de carro Cecília, deixa de ser teimosa cara.

Eu paro de repente não acreditando no que ele diz:

- Você é um babaca sabia? - solto.
- E você é estressada - devolve.
- Eu não vou com você - respondo e volto a andar.

Vejo-o parar o carro e sorrio satisfeita achando que ele desistiu, porém ouço a porta se abrir e ele descer do carro vindo correndo até mim:

- Para Cix - pede segurando meu braço e me virando pra ele.
- Chega Hugo, eu não quero te ouvir. - digo ao tentar me soltar.
- Você não vai embora sozinha - ele diz não deixando que eu saia.
- Eu não vou com você. - grito.
- Você não me deixa outra escolha - diz ele.

Confusão passa pelo meu rosto antes de sentir seus braços me pegando e me jogando em seu ombro. O minuto de confusão passa e eu começo a me debater em seu colo batendo em suas costas gritando para ele

me soltar enquanto caminha até o seu carro.

- Me solta Hugo - grito socando suas costas com o máximo de força que eu tinha.

- Não - responde me jogando no banco de trás e entrando no lado do motorista trancando a porta assim que senta.

- Me deixa sair - peço.

Ele me ignora completamente e liga o carro dirigindo pra longe dali.

- Argh, eu te odeio - tento atingi-lo, mas ele permanece dirigindo em silêncio.

Quando vejo que não vai adiantar resolvo fingir que ele é invisível e ignorá-lo o resto do caminho. Assim que ele para em frente à minha casa e destranca a trava saio do carro batendo os pés sem esperá-lo. Antes de fechar a porta atrás de mim consigo escutá-lo dizer:

- Está entregue.

Bato a porta com toda força quando entro e subo as escadas para meu quarto, acendo a luz e me joga na cama irritada. Ele não tinha esse direito. Maldita hora que disse que iria junto.

43. Conversa

Naquele fim de noite depois do meu episódio de raiva tomei um longo banho pra esfriar a cabeça, coloquei meu pijama e fiquei vendo minhas redes sociais até Babi que estava toda arrumada me chamar para jantar. Desci e jantamos somente eu e minha mãe, pois meu pai estava em uma reunião, Babi ia sair e Lu estava com André. Quando terminamos de jantar ajudo na louça e minha mãe sobe para descansar. Estou guardando o ultimo utensílio quando ouço a campainha tocar. Não me mexo esperando que Babi desça, porém não o faz. Seco minha mão no guardanapo e vou até a porta, quando abro encontro ninguém mais ninguém menos do que Alexandre. Ele veste uma camiseta preta, e usa uma calça normal, nos seus pés há uma bota de motoqueiro e ele parece assustado ao me ver ali:

- Oi - digo. - Você é o garoto que vai sair com Babi?

Ele tem uma cara engraçada, como se eu fosse matá-lo. Apesar de me preocupar um pouco sei que ele é um bom rapaz e ela já é dona do próprio nariz. Então logo ela desce e sorri pra ele. Ela está bonita em um cabelo preso, um vestido vinho que papai deu a ela no Natal passado e uma sapatilha preta. Ale me cumprimenta depois de voltar ao normal e se despedem de mim saindo dali. Corro até meu celular e acesso o número de Babi digitando rapidamente:

"Se cuida em maninha, não faça nada que eu não faria."

Acabo rindo ao imaginar ela revirando os olhos, ela visualiza, porém não responde. Deixo que ela tenha seu encontro em paz. Subo para meu quarto e após escovar os dentes coloco o celular pra despertar e me deito pronta pra dormir. No dia seguinte acordo às nove horas com o telefone tocando, atendo no segundo toque ao ver que é Dave:

- Bom dia - diz ele com a voz rouca.

- Bom dia - respondo em meio a um bocejo, definitivamente ainda estou com sono.

- Dormiu bem? - pergunta.

- O máximo que pude, e você?

- Maravilhosamente bem. Te liguei para marcarmos um local para conversarmos.

- Tem uma praça aqui perto que vende um dos melhores cachorros-quentes de São Paulo. - digo em meio a um sorriso. - que tal?

- Por mim tudo bem.

Passo a ele o endereço e marcamos para a hora do almoço. Aproveito que ainda é cedo e decido correr, havia tempos que não me exercitava. Tiro do armário uma legging preta e um top cinza. Prendo meu cabelo o mais alto que conseguia e calço meus tênis de corrida. Confiro se meu celular está carregado e pego os fones. Corro pelo bairro por uma hora ouvindo música e depois volto para casa onde tomo um banho e me troco para encontrar Dave, assim que saio a fim de esperar por ele do lado de fora vejo ele encostado em um carro que com certeza não é dele. Assim que me vê tira as mãos do bolso da calça e vem em minha direção:

- Você tá linda - diz ao me abraçar.

- Você também - respondo gentilmente.

- Vamos? - oferece seu braço que aceito.

Assim que chegamos e nos sentamos fizemos o pedido e esperamos enquanto conversávamos. Assim que nossos pedidos chegaram começamos a comer conversando sobre coisas banais enquanto não terminávamos, assim que acabamos resolvemos nos sentar nos bancos que tinham ali perto após ele pagar, pois ele não deixou que eu fizesse.

- E então - pergunto ao nos sentarmos.

- Eu quero te pedir desculpa - diz me olhando nos olhos - pela forma como eu fui embora.

- Eu não te culpo - sou sincera - eu te mandei embora.

- Mas eu podia ter me despedido, te contado tudo. - se explica.

- Você teve seus motivos Dave, quanto a nossa historia quero que fique tranquilo, está tudo certo entre nós.

- Eu só queria que soubesse que realmente me importei contigo.

- Eu sei - sorrio - eu também.

- E você, como está sua vida aqui?

- Está agitada - digo ao me lembrar de Hugo entre outras coisas. - Mas tô sabendo levar.

- Está fazendo direito né? - diz rindo, uma piada interna nossa.

Quando eu estava estudando fora e comecei a pesquisar alguns cursos que queria fazer ele me indicou direito, porém eu deixei bem claro que era um dos últimos cursos que eu faria, e hoje pago com o que disse. Rio e dou um tapa de leve em seu braço, passamos a manhã conversando depois convido ele para almoçar em casa e ele aceita.

Chegamos à minha casa e minha mãe está na cozinha, meu pai vê televisão, Lu sentada na varanda fazendo unha e Guria na rede dormindo. Apresento Dave a mãe e a meu pai que ficam contentes em conhecer uma das pessoas que me abrigaram enquanto estive fora, logo meu pai e Dave iniciam uma conversa enquanto vou ajudar a por a mesa:

- Filha, esse rapaz é muito gentil - diz minha mãe somente para mim - tem certeza que são só amigos?

- Tenho mãe - dou risada e a repreendo. - Nosso relacionamento acabou há muito tempo.

- Vocês dão um belo casal - diz ela observando os dois na sala.

Faço o mesmo e ele percebe nosso olhar, ele também me olha e abre um bonito sorriso que por muitas vezes fora capaz de me deixar sem ar. Desvio meu olhar dele assim que eles são chamados para almoçar. Vou onde as meninas estão e as chamo também, apresento Dave a elas que ficam obviamente encantadas e nos sentamos para comer enquanto conversamos, ou melhor, enquanto ele conta sobre minha estadia com ele e seus pais. Quando terminamos de comer ele agradece e diz que precisa ir, pois irá encontrar a irmã. Sim, também falamos sobre isso e meus pais ficaram surpresos e felizes pelos dois. O levo até a porta e paramos em frente a casa onde eu o abraço forte, e ele logo retribui:

- Obrigado - diz acariciando levemente meu cabelo - por ter sido a melhor coisa que me aconteceu e ter trazido minha irmã de volta.

Fico surpresa:

- O mérito foi totalmente seu - digo.

- Se você não tivesse aparecido na minha vida eu nunca teria criado coragem de começar uma busca.

- É, mas VOCÊ - digo apontando para ele - conseguiu as informações necessárias e a encontrou.

- Tudo bem, teimosa - diz com um leve sorriso - mas você esteve comigo.

Não nego.

44. Fica

Já passei por muitas situações na minha vida. Já fui traído, já fui abandonado, quase perdi meu pai, quase perdi minha melhor amiga. Ganhei um filho, conheci uma garota incrível, mas nada me preparou para o que eu vi, a garota que eu amava com o ex namorado, íntimos enquanto pelo que pareceu ser se despediam. Eles estavam abraçados, então conversaram sobre algo e ela sorriu aquele sorriso que ela costuma dar pra mim. Estava tão distraído os observando que não presto atenção no que Vanessa diz ao telefone:

- Hugo, está ouvindo? - chama minha atenção.

- Estou - volto a falar com ela e me afasto dali rapidamente. - Estou indo para casa, conversamos lá quando você for deixar Caco, tudo bem?

- Ok - diz - até mais tarde, beijo. - e então a chamada é encerrada.

Guardo o celular no bolso e caminho até o ponto de ônibus mais próximo, eu estava resolvendo algumas coisas na faculdade e resolvi passar aqui, pois iria pedir desculpas pela minha atitude de ontem com a Cecília, porém acho que ela já tem companhia suficiente. Assim que desço no meu ponto caminho para casa, estou a algumas quadras quando começa a chover, então apresso os passos enquanto sinto minha camiseta encharcar, estou na esquina da minha rua quando vejo Cecília, não sei como ela poderia estar ali tão rápida, porém ela está. Seu cabelo está molhado e sua roupa também, ela abraça o corpo e assim que me vê seus lábios se abrem num sorriso tímido.

- Oi - diz assim que paro em sua frente - eu te vi hoje, da próxima vez se não quiser ser visto devia se esconder - tenta brincar.

- Oi - digo - eu estava passando por ali, ia te chamar pra dar uma volta, mas você já tinha companhia.

- Dave almoçou conosco - diz ela mordendo o lábio. - depois foi se encontrar com Mari. Somos amigos Hugo - rebate antes mesmo que eu fale algo.

- Você não me deve explicações - respondo não interessado em ouvi-la falar sobre ele.

- Mas eu quero dar - diz - eu tô cansada Hugo, você precisa se decidir, decidir o que você quer. Ou você fica de uma vez, ou então vai embora, por favor. Só não me deixa assim, sem saber com qual parte sua vou lidar no dia seguinte.

- Eu não estou te prendendo Cecília - respondo seco. - Você pode ir embora à hora que quiser.

- Tudo bem - diz e vejo sua voz embargar, mas ela logo volta ao normal. - Tchau Hugo - diz pronta para ir embora.

Porém a puxo pra mim, levando minhas mãos até seu cabelo e colando nossos corpos enquanto a beijo cheio de vontade, quando me afasto ela está com lágrimas nos olhos e eu digo:

- Porém eu gostaria que você ficasse a vida toda se você quiser.

- Eu, eu - começa ela, mas a corto.

- Cecília, você aceita namorar comigo? - pergunto não tendo nenhuma dúvida dessa decisão.

Ela parece mais surpresa do que eu mesmo, então ela para de chorar aos poucos e seus olhos se arregalam, logo sinto seus braços em volta do meu pescoço e sua voz próxima a minha boca:

- Sim, é tudo que eu mais quero Hugo.

Quando nos afastamos após nos beijarmos novamente, pego em sua mão e corremos para casa. Pois a chuva aumentou fazendo com que ficássemos congelados, assim que entramos Nina vem com duas toalhas para nós, como se soubesse ou tivesse nos observando pela janela, aposto na segunda opção. Entrego uma das toalhas para Ceci e pego a outra para mim me secando o máximo que consigo, quando já não estamos pingando Nina acompanha Cix até seu quarto aonde irá lhe emprestar uma roupa limpa para que tome banho. Levo a toalha para a lavanderia e vou até meu quarto onde tomo um banho longo e quente e já me sinto melhor, quando desço encontro Cecília vestida com uma calça moletom de Nina e uma camiseta minha que minha mãe provavelmente pegou no varal. Ela tem em sua mão uma caneca com o que imagino ser chá para impedir uma possível gripe.

Me junto a ela no sofá que abre um sorriso enorme e me oferece a caneca, porém antes que eu aceite Nina me traz um igual. Bebemos em silêncio e então levo nossas canecas já vazias para a cozinha e volto para sala pegando em sua mão indo em direção ao quarto, assim que nos ajeitamos na cama com a porta encostada, luzes apagadas puxo ela para meu peito e nos cubro enquanto faço carinho em seu cabelo até que ela pegue no sono. Estou a ponto de adormecer também quando ouço batidas na porta, com cuidado para não acordar Ceci saio da cama e caminho até a porta encontrando Conrado ali:

- Filho - digo baixo, mas com uma enorme alegria e o pego em meu colo caminhando até a sala.

- Oi papai - diz ele - senti saudades.

- Eu também grandão. - assim que chego à sala encontro Vanessa sentada ao lado de Nina, assim que me vêem elas se levantam.

- Podemos conversar? - pergunta ela.

- Claro - coloco Conrado no chão que corre para Nina que o leva para cozinha provavelmente pronta para enchê-lo de guloseimas.

Quando ficamos a sós me sento onde Nina estava:

- Precisamos planejar quando iremos nos mudar - começa ela.

- Ness - começo sem saber como falar - Não podemos morar juntos.

- Mas por quê? - pergunta confusa.

- Você sabe o porquê, ou pelo menos um dos porquês.

- Eu não espero que fiquemos juntos Hugo, você sabe disso. Eu respeito sua decisão, mas isso vai ser bom pro Caco.

- Isso futuramente só irá confundi-lo Vanessa - respondo - pais que moram juntos, mas não tem um relacionamento sendo que um deles já está envolvido emocionalmente com outra pessoa.

- Você, você tá com alguém? - pergunta ela sem acreditar.

- Sim - sou sincero - estou com a Cecília, mas você sabia que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer.

- É eu sei - diz.

- Por favor, não ache que eu me importo menos. Eu me importo com Caco e me importo com você, apenas acredito que isso - digo e aponto para nós - não é algo que irá ajudá-lo. Não transformando isso em uma mentira.

- Tudo bem - ela apenas diz. - Fico feliz por vocês dois - se refere a mim e a Cecília.

- Obrigada, saber disso me deixa mais tranquilo.

45. Adoção

Gabi estava deitada em sua cama quando sua mãe entra após bater na porta:

- Bom dia flor do dia - seu sorriso diz que ela tem surpresas.
- Bom dia mãe, o que foi que você e papai aprontaram dessa vez? – pergunta a morena desconfiada.
- Levante-se, arrume-se e venha tomar café, pois iremos a um lugar especial.
- Não vai me contar onde é? - mas já se põe de pé, vai até seu armário e tira de lá uma roupa que veste em questão de segundos.

Enquanto Cláudia ajeita sua cama vai até o banheiro onde faz sua higiene, e vão juntas até a cozinha onde seu pai já as espera na mesa. Assim que terminam de comer, ela ajuda seu pai a guardar a louça lavada e depois de escovar seus dentes saem de casa a algum lugar que nenhum dos dois quiseram te dizer. Quando o Honda civic do seu pai estaciona num enorme casarão é que percebe onde estão: Orfanato Regional de São Paulo, o mesmo orfanato em que Mari e Hugo foram deixados quando eram crianças. Gabi está prestes a abrir a boca quando seu pai a corta:

- Seja paciente Gabriela, você logo vai entender.

Voltou a fechá-la, saíram do carro e são recebidos pela irmã Rosa, a última das irmãs antigas que não fora despedida, ela os leva por um longo corredor até a sala da reitoria onde a administradora do orfanato Elizabeth os atende:

- Sr e Sr. Bruscke, é um prazer enorme recebê-los aqui após tantos anos.
- Elizabeth - diz Marc educadamente - como está Marta?
- Está melhor, o médico teme que ela não agüente tanto, porém já voltou para o quarto. - e pareceu notar a morena naquele instante - Esta adorável jovem por acaso é a Gabriela?
- Sim - Cláudia tem em seu olhar um brilho diferente - nossa menina.
- Olá querida, - diz ao se levantar e a puxar para um abraço. - você está uma moça linda, nem parece a bebê que sua mãe teve há alguns anos atrás e a qual teve minha mãe como parteira.
- Oi - responde simplesmente ainda tentando organizar tanta informação.
- Sentem-se - diz ela apontando para as cadeiras, onde se acomodaram. - Vieram visitar as crianças?
- Sim, queremos conhecê-las e quem sabe encontrar alguma especial.

- Pretendem dar a Gabi uma irmã ou irmão? - ela pergunta interessada.

- Na verdade, pretendemos ganhar um neto ou uma neta – seu pai diz devagar enquanto avalia sua reação.

Quando foi ao médico receber o resultado dos seus exames seu mundo caiu, ela não tinha chance de segurar um bebê em seu ventre, foi muito bom que tivesse descoberto, pois muitas vezes e muitas mulheres não têm a mesma oportunidade. Sua chance de ter filhos não é nula, porém se obtivesse sucesso poderia vir a ser uma gravidez de risco e nem ela e nem Luís falaram sobre isso novamente. Porém ao ver sua mãe e seu pai querendo mais do que eles mesmos uma criança acende algo em si, ela sente seus olhos lacrimejarem e fica intensamente emocionada. Quer abraçá-los, porém não é o momento. Elizabeth parece bem mais surpresa do que ela, mas vendo seu estado não diz nada.

Ela os observa antes de se levantar e os conduzir até uma enorme instalação onde alguns bebês e recém nascidos estão em berços dormindo, ou aos cuidados de algumas irmãs. Gabi segura na mão de seu pai e caminham lado a lado de berço em berço. É uma diversidade de crianças, todas mais bonitas que as outras e muito bem cuidadas, está pronta para partir para próxima fileira quando um berço lhe chama atenção. Está próxima a parede e está enfeitada de laços lilás e azul, se solta do seu pai e se aproxima até encontrar os olhos castanhos mais bonitos de todos, seus olhinhos estão atentos em sua direção e ela mexe levemente os bracinhos, é uma graça. Ao ver que sua atenção está totalmente na pequena seus pais e Elizabeth caminham para onde está:

- Ela chegou aqui semana passada - comenta Liz. - a mãe foi assassinada pelo pai que está preso, ele não queria a criança e só soube através de um parente da menina que não aceitava ela estragar o futuro que tinha por um bebê de um pai que não iria assumir. Encontramos a mãe a beira da morte e a levamos para o hospital, porém ela faleceu no momento em que deu a luz, a família não quis ficar com a criança e então a trouxemos. Ela não chorou uma única vez, só abriu seus grandes olhos e ficou observando.

- É linda - comenta Cláudia parecendo tão encantada quanto a filha.

- Alguém está na fila para adotá-la?

- Não - diz - como eu disse ainda não a incluímos nas fichas de adoção, pois ela está em observação. O parto foi complicado e ficamos com medo de perdê-la.

- Quero dar entrada - responde rapidamente - o mais rápido possível.

- Querida, não acha que Luís precisa estar junto antes de tomarem essa decisão?

- Ele irá - diz se virando para o pai que fez a pergunta - e tenho certeza que assim como eu irá se apaixonar.

- Tudo bem, qualquer coisa que quiser - diz a mãe e então as duas os deixam a sós para resolverem a entrada da papelada para adoção.

Ainda continuam admirando aqueles olhos que os fitam de volta e então sua boca se abre em um sorriso e ela se derrete, seu pai que está ao seu lado também se encanta:

- Quer pegá-la? – escutam alguém dizer.

- Sim, eu adoraria - responde ao ver que se trata de uma cuidadora.

Com cuidado vejo que ela se abaixa até envolver seus braços em torno do pequeno corpo, embalando o bebê em volta de si e lhe entregando da mesma maneira. Ela segura com toda delicadeza possível e leva seus dedos até sua cabeça tocando de leve, seus olhos se fecham enquanto a balança com ela devagar. Quando saem de lá uma hora depois Gabi está com os papéis que deram entrada a adoção nas mãos e o telefone na outra onde liga para Luís que atende no primeiro toque:

- Grandão, precisamos conversar - é a primeira coisa que diz a ele.

- Na minha casa ou na sua? - sua voz soa sonolenta e ela sabe que ele esteve estudando e adormeceu.

- Na minha - responde - te vejo lá em 20 minutos.

Despediram-se e ela guardou seu telefone na bolsa.

ALGUNS MESES DEPOIS...

Estou na sala junto com os outros e Gabi desce com Alice no colo, ela está maravilhosa, é uma fofura e a tia babona é apaixonada. No dia em que Gabi visitou a pequena no orfanato e conversou com Luís eles me chamaram pra dar a notícia que eu claro, não poderia ter ficado mais feliz por isso. O processo de adoção demorou mais saiu e legalmente eles eram pais, e era bonito de ver como meu melhor amigo era um pai dedicado e como minha melhor amiga fazia tudo possível pra ser a melhor mãe pra Lili. Quanto ao Hugo estamos juntos melhor do que nunca. Ainda me sinto incomodada com a presença da sua ex, mas sei lidar bem pelo fato de serem pais do Conrado que é um amor. Dave e eu somos bons amigos e ele está saindo com uma colega nossa, Mari conheceu seus pais biológicos e eles tiveram muito que conversar então resolveram se estabelecer em São Paulo. Claro que Mari continua na casa de seus pais adotivos com André, mas está bem feliz por sua família e André está lidando bem com isso. Babi para nossa surpresa está firme com Xandeco que parece ter desencanado de Sofia, essa outra que não vê à hora de visitar Pedro. Lu e André estão namorando ainda também e para nossa surpresa ficaram noivos. Mamãe ficou emocionada. Matheus e Marília também são outro casal que não se desgrudam. Estou com Alice no colo quando ouço dizerem ao meu lado:

- Quem é a tia mais babona? - diz Luís com um sorriso amoroso para a filha.

Alice dá risada que só.

- Vocês têm certeza que não querem deixá-la comigo e com Hugo? Assim vocês aproveitam melhor.

- Temos certeza narizinho, fica tranquila. É apenas uma viagem para a casa dos meus avós.

- Eu sei, mas ela é tão pequenininha. Me preocupo com vocês.

- Ei Hugo - grita ele para o moreno que está na cozinha com Mabel, irmã de Matheus. - Dá pra dar um jeito na sua namorada?

Ele ri e eu dou um tapa em sua cabeça. Alice fecha os olhinhos e eu dou risada fazendo cócegas na ponta do seu nariz.

- Tudo pronto? - pergunta ele quando uma Gabriela impecável desce com as últimas malas com a ajuda de Matheus.

- Sim, só guardar no carro - sorri abraçando Luís.

- O que sua namorada carrega nessas malas? - Matheus aparece com uma cara de dor fingida - ela tá levando chumbo?

Começo a rir descontroladamente enquanto Gabi avança nele e é segurada por Luís, mas logo ela está rindo também.

- Então é isso - digo entregando Alice que está sonolenta para minha amiga. - Tomem cuidado e nos avisem quando chegarem.

- Tá bom mãe - brinca ela.

Reviro os olhos e me afasto indo até Hugo, ele deixa Mabel no chão que corre pra brincar com Caco e me puxa para seu abraço.

- Tudo bem? - sussurra em minha orelha.

- Melhor impossível - respondo ao me virar e encará-lo.

Ele deixou uma fina barba crescer que o deixa mais charmoso, no cabelo um boné, seus olhos são de um brilho intenso e seu sorriso é maravilhoso. O roubo um selinho e ele ri em resposta me apertando contra si.

- Será que o casal ai quer um quarto? - Mari diz aparecendo da sala.

- Você e o Matheus estão engraçadinhos hoje né? - Hugo comenta com um sorriso de orelha a orelha.

- Estamos? - ela se faz de desentendida - não estamos não né amor?

- Não to sabendo disso - ele diz com a boca cheia arrancando sorriso das crianças e risada nossas.

- Então, vamos? - chama Luís após vir da rua provavelmente tendo guardado as malas no carro.

- Vamos - Gabi concorda e começa a se despedir de um a um.

- Nos vemos logo - ela diz em meu ouvido após me abraçar.

- Eu sei. Você ainda é uma universitária - brinco.

Ela se despede do Hugo e depois é a vez do Luís:

- Cuida delas tá? - digo o abraçando forte - Eu amo vocês. Boa viagem. Aproveitem.

- Pode deixar Cix, vocês também aproveitem.

Ele se despede de Hugo e então meus amigos saem pela porta da frente, entram no carro e partem para a viagem em família. Assim que todos se vão ficamos somente eu, Hugo e Caco. Estávamos em sua casa e seus pais haviam saído mais cedo para comemorar anos de casamento. Iríamos encontrá-los para um jantar mais tarde.

- Cix - chama Hugo do quarto - vem aqui.

- Agora que eu deitei – reclamo. Mas me levanto.

Sigo para o quarto e não o encontro.

- Hugo, não é hora pra brincar de pique esconde - bufo - cadê você?

Abro a porta do banheiro e está vazia, estou quase saindo dali quando ele sai de dentro do armário com as mãos atrás das costas e com um sorriso.

- O que você tem aí? - digo curiosa.

- Chega mais perto - pede.

Faço o que ele pede e me aproximo dele exatamente no momento que ele traz a mão para frente revelando uma caixinha de veludo preta contendo um anel simples mais lindo.

- Cecília - ele diz se ajoelhando na minha frente, fico sem reação. - Quer se casar comigo?

Estou parada no mesmo lugar tentando assimilar seu pedido. Tenho tantos motivos para negar, nenhum que envolva não ser louca por ele. Mas sim o fato de estarmos na faculdade, ter uma irmã noiva, ser nova demais, e apenas um que se sobrepõe diante a todos esses. O fato de eu amá-lo profundamente:

- Sim - respondo com os olhos marejados e estupidamente emocionada.

Ele se levanta e pega minha mão onde coloca o anel delicadamente antes de beijar o dedo em que ele está depois minha mão e por fim me beijar longamente. Eu o aperto em mim e aproveito o beijo da melhor forma possível.

- Eu te amo - sussurro contra seus lábios.

- Eu também te amo - responde com um sorriso. - Muito.

Ficamos ali conversando e brincando com o Caco até termos que nos arrumar, coloquei um vestidinho justo lilás, deixei os cabelos soltos naturais e coloquei um salto básico preto. Hugo já estava pronto, e Caco também. Saímos de casa em direção ao restaurante combinado. Quando chegamos ele dá ao recepcionista o nome da reserva e ele nos leva até uma mesa onde seus pais já estão nos esperando. Assim que nos deixa dona Nina se levanta para me abraçar:

- Como está a mais nova noiva? - seu sorriso entrega que ela sabia.

- Você sabia? - pergunto emocionada mesmo sabendo que sim.

- Sim querida, ele vem planejando isso há tempos. Apenas não tinha encontrado o momento certo.

Observamos Hugo conversar com seu Jorge enquanto meus olhos se enchem de lágrimas. Ele pega Caco em seu colo e eu me encho de amor no coração. Ele é um homem maravilhoso. Isso eu nunca poderia negar. Viro-me pra dona Nina que agora me avalia e abro um sorriso enorme:

- Obrigada, você é uma das melhores pessoas que eu pude conhecer. E o criou da melhor forma.

- Não me agradeça querida. Eu é que estou contente pela escolha do meu menino, não poderia pedir alguém melhor para ele.

- Obrigada.

Após nossa breve conversa cumprimento Jorge com um abraço e nos sentamos. Fazemos nossos pedidos e ficamos conversando enquanto não chega. Assim que chega comemos em um silêncio bom. Em determinado momento minha mão encontra a de Hugo e eu a aperto discretamente, ele se vira pra mim de canto de olho e pisca. Terminamos de comer e Hugo pede a sobremesa, um bolo enorme com as velas 50 colocadas em seu meio, e cantamos parabéns aos seus pais. Eles nos agradecem e dão um beijo romântico.

Ficamos ali no restaurante por mais um tempo e quando chegamos a sua casa estou exausta. Como meus pais haviam viajado para ficar com meus avós mais cedo depois do ano novo eu resolvi ficar na casa de Hugo para deixar Lu e André a vontade. Se bem que Babi ainda estaria lá, mas era uma oportunidade para eu passar com o meu moreno. Já estou de dentes escovados, maquiagem tirada e vestindo uma camisa de Hugo, deitada em seu peito e de olhos fechados com ele fazendo carinho em meu cabelo:

- Hugo - o chamo sabendo que ele ainda está acordado.

Seu carinho para por um momento, pois ele me vira para si:

- Oi, - sua voz roca contra meu pescoço.

- Você tem certeza que quer dar esse passo comigo?

- Porque não teria? - ele ainda soa carinhoso.

- Não sei, talvez por estarmos a pouco tempo juntos.

- Você não quer agora, é isso? - ele me pergunta dividido entre a incerteza e medo.

- Quero - respondo. - tenho medo de você mudar de idéia.

- Isso não vai acontecer, fica tranquila. Eu sou completamente seu.

- E eu espero estar sabendo cuidar bem do que é meu - brinco já mais calma.

- Está sim - concorda com um sorriso.

- Eu te amo, muito. Desde a primeira vez que eu a vi, eu só tentei negar isso para mim de todas as formas possíveis, mas você não deixou que isso acontecesse. No momento em que apareceu no meu apartamento para o trabalho, foi naquele dia que eu tive a certeza de que não poderia nunca mais ser de qualquer outra pessoa.

- Você é maravilhoso - estou chorando e ele me aperta contra si. - Eu te amo Hugo, eu te amo tanto. Você me mudou pra melhor, obrigada por não ter me deixado ir. Obrigada por não ter desistido de mim mesmo quando teve motivos, mesmo eu te dando vários.

- Isso não importa agora. - afaga meu cabelo - o que importa é que em alguns meses será minha mulher.

47. Loucura

No dia seguinte quando me levanto deixo Cecília dormindo na cama e saio devagar até o novo quarto feito por meus pais para Conrado, encontro ele acordado assistindo desenho e me sento ao seu lado:

- Eai filho, bom dia. - chamo sua atenção.

Ele parece surpreso de me ver ali e desliga a TV sentando no meu colo:

- Pai. - diz ele - a mamãe ta bem?

- Porque não estaria? - pergunto sem entender aonde ele quer chegar.

- É que outro dia eu estava em casa e ela estava falando sozinha.

- O que ela disse?

- Ela disse que a bruxa da vovó não a deixava em paz, que ela amava você e que era pra gente ser uma família. E depois eu a vi chorando.

Não sabia o que falar, eu sempre imaginei que a natureza de Angélica mãe de Vanessa podia deixar traumas nela, porém não esperava que fosse algo assim.

- A mamãe devia estar triste ao filho - tento convencer a ele e a mim mesmo. - Prometo conversar com ela ok?

- Tudo bem. - diz ele e liga a TV novamente voltando a assistir.

Resolvo mandar uma mensagem para Vanessa convidando-a para almoçar conosco. Espero conseguir ter um momento a sós com ela para conversar sobre isso e espero que Cecília não fique chateada. Tiro isso da cabeça e saio do quarto indo em direção à cozinha onde dona Nina está tomando seu café tranquilamente:

- Não ignore isso meu filho. - a ouço dizer.

- Você ouviu? - perguntei.

- O suficiente. O que de fato importa é que a mãe de Vanessa conseguiu mexer com a cabeça dela. E isso me preocupa. Uma mulher que se sente rejeitada, ou não tem seu sonho feliz de uma família unida é capaz de tudo.

- Não acho que ela faria algo contra mim nem ao Conrado.

- Eu espero que não filho, pro bem do seu atual relacionamento.

- Eu vou cuidar disso.

- Se não for você, será ela Hugo. - ela se levanta e pisca em direção a Cecília que sai do quarto ainda sonolenta e vem para a cozinha.

- Bom dia Nina - diz minha noiva com um sorriso preguiçoso ao beijar minha mãe na bochecha.

- Bom dia querida, quer um café? - oferece Nina uma caneca fumegante de café que ela aceita sem

pestanejar.

- Bom dia dorminhoca - a provoco quando se senta ao meu lado.
- bom dia amor - ela me retribui com um selinho rápido.
- Vai almoçar aqui? - pergunta mamãe - Estou preparando um guisado maravilhoso.
- Não dá - ela diz tristonha - combinei de buscar Pedro com Sofia no aeroporto, e almoçaremos juntos.
- Ele volta hoje? - pergunto, não lembrava.
- Sim, você vai conosco?
- Vou almoçar com Conrado - explico - hoje é o último dia dele aqui antes de passar os 15 dias com a mãe.
- Entendi. Tudo bem. Nos vemos mais tarde então - ela ri.

Comemos em silêncio e logo Conrado aparece indo pro colo de Cecília e seu Jorge aparece da rua trazendo jornal e beijando carinhosamente dona Nina antes de nos cumprimentar. Quando terminamos ajudo Cecília a arrumar tudo na cozinha, e assim que ela se troca a levo em sua casa. Vólto para a minha e fico vendo TV com meu menino até à hora do almoço quando achando que ela não fosse aparecer Vanessa aparece radiante, bem diferente da imagem que Conrado disse que ela estaria. Dou espaço pra ela entrar e fecho a porta atrás de mim:

- O almoço ainda vai demorar, podemos conversar? - peço
- Claro - ela diz.

Acompanho-a até o escritório de meu pai e nos sentamos frente ao outro.

- O que aconteceu? - pergunta percebendo minha aflição.
- Você está bem Nessa? - resolvo optar pelo seu apelido.
- Estou claro. - ela se apressa a dizer - não entendo aonde quer chegar.
- Conrado me disse que você anda falando sozinha, ele te encontrou na cozinha da casa de vocês dizendo que Angélica era uma bruxa e que havia mexido com sua cabeça.
- Você sabe como são as crianças, exageram.

- Mas eu não acho que seja mentira. Sua mãe fez de tudo pra acabar com a sua sanidade, mesmo você sendo a garota forte que eu sei que é. Quando estamos frágeis, quando somos retirados da nossa zona de conforto nossas defesas caem, e tudo pode acontecer até acharmos que coisas que talvez não fossem pra acontecer são culpa de uma senhora morta.

- Você acha que eu gosto disso? Você acha que eu estou imaginando coisas? Que não tem uma voz na minha cabeça igual à dela, me culpando por tudo que dá errado na minha vida? Você acha que era isso que eu tinha planejado esses anos todos Hugo?

- Não acho. Não acho que seja mentira, mas eu disse que se você passar a acreditar você não vai conseguir se livrar disso. Eu quero te ajudar Vanessa, nosso filho está assustado.

- Eu também estou - vejo seus olhos marejados. - Eu estou enlouquecendo, me perco de mim a cada santo dia. Já estava assim na França. Foi no meio da gravidez, erra horrível ela tentou tirar o Caco de mim, eu... - ela não conseguia terminar de falar. - Eu não quero ser igual ela.

Levanto-me e vou até onde ela está puxando seu corpo para um abraço.

- Está tudo bem, ela não está mais aqui Nessa. Você está segura.

- Não estou. Ela sempre consegue, sempre consegue tirar tudo de mim.

Seu choro preenche todo o escritório e olhando para a porta vejo minha mãe parar por um momento e me lançar um olhar indecifrável. Volto à atenção para Vanessa e tento acalmá-la.

- Vai ficar tudo bem - me vejo dizer - eu estarei aqui. Vou cuidar de vocês.

- Promete? - ela para de chorar aos poucos e ergue seus olhos inchados para mim.

- Eu prometo.

Se há em algum lugar alguém capaz de machucá-los é o meu dever impedir que isso aconteça. E eu o farei pelo tempo que for preciso. Eu devo isso a ela por não estar presente quando ela precisou e a ele por quase tê-lo perdido. Eu não cometeria o mesmo erro de novo, não mais. Nunca mais. Não sou do tipo que costuma quebrar minhas promessas.

48. Madrinha de Casamento

- CECÍLIA NARRANDO -

Assim que buscamos Pedro, resolvemos que eles deviam ir para casa e mais tarde nos encontraríamos. Aproveito e vou direto para casa onde encontro Lu sentada no sofá com milhões de artigos de casamento, revistas entre outros em seu colo ou mesa. Assim que me vê ela me chama:

- Vem aqui, me ajuda a escolher. - pede.

- Não acha que ta muito cedo pra começar a escolher tudo não? - brinco.

- Cedo? Esse casamento é daqui um mês Cix, estou é atrasadíssima.

- Claro. Quem manda ficar o mês passado inteiro remoendo a notícia e olhando pra própria aliança.

Ao dizer isso eu mesma giro a aliança em meu dedo involuntariamente, só percebo o que estou fazendo quando uma Luana histérica começa a gritar e apontar pra minha mão.

- Meu Deus, não me diga que isso é o que eu estou pensando? - diz ela aos berros.

- Calma, calma, - peço risonha - é isso mesmo, estou noiva - e meu rosto se enche com um sorriso enorme.

- AH MEU DEUS - ela grita mais alto ainda, como se fosse possível e vem me abraçar. - Quando foi isso? Porque não me contou? A Gabi sabe?

- Jesus mulher, calma. Uma pergunta de cada vez - peço - foi ontem. Ninguém sabe, ainda. - corro pra consertar, - na verdade agora você sabe.

- NÓS VAMOS NOS CASAR JUNTAS - ela diz depois de um momento assustador de silêncio.

- O que? - gaguejo - não, é muito cedo. Eu. - ela me interrompe.

- Vamos sim, eu até já imagino como vai ser. Por favor, diz que sim, por mim - pede.

Estou tentada a negar, mas ela está tão animada que dou apenas um leve aceno de cabeça enquanto ela sai pela casa pulando e gritando. Minha irmã é louca. Dou risada da dança que Luana faz pela sala e logo uma Bárbara sonolenta aparece ao pé da escada querendo saber o que está acontecendo. Assim que Luana conta a ela. Ela começa a me encher de perguntas também e apóia Lu quanto a nos casarmos juntas. É, acho que essa guerra eu realmente não ganho.

Deixo-as conversando e planejando tudo e subo para o quarto a fim de tomar um banho longo e descansar um pouco. Minha alegria é cortada quando recebo uma mensagem de Gabi assim que acabo de sair do banho dizendo que está vindo para cá. Coloco uma roupa confortável, deixo meu celular carregando, coloco novamente no dedo o anel que deixei em cima da cama e desço, assim que desço a campainha toca e Babi vai atender, é Gabi. Ela tem um sorriso nos lábios e esta sozinha, pego uma maçã na cozinha e vou de encontro a ela:

- Ué, cadê a Alice e o Luís? - pergunto mordendo minha maçã.

- Oi pra você também chata - diz mostrando a língua e me abraça. - Ele está trabalhando com o pai e a Alice está com dona Cláudia e meu pai. - diz ao se separar de mim.

- Entendi. Aí você não tinha nada pra fazer e veio me atormentar? - brinco.

- O que vocês estão fazendo? - pergunta Gabi após ignorar meu comentário e ir até o sofá onde as minhas irmãs estão. Lu está com o notebook no colo e Babi com uma revista folheando:

- Organizando dois casamentos - Lu responde sem virar para uma Gabi confusa.

- O que? - ela pergunta confusa? - Você quis dizer um casamento, certo?

Antes que ela possa responder eu paro em sua frente e mostro a ela a aliança, sua mão segura a minha enquanto olha para o anel em meu dedo boquiaberta.

- Isso, isso é o que eu to pensando que é?

- Sim ué - respondo dando risada.

- Ah meu Deus Jesus Cristinho, eu não acredito. Ahhhhh, eu preciso ser madrinha de casamento das duas.

- Você, a Mari, a Sofi e a Babi serão com certeza. Né Lu? - provoco minha irmã.

- Claro - ela diz nada afetada.

- Nós precisamos começar a preparar tudo já, vocês duas terão o melhor casamento de todos os tempos - Gabi comenta batendo palmas.

- Só vocês - dou risada.

Quando a noite chega começamos a nos arrumar. Gabi tinha feito com que Sofia e Mari saíssem de onde estivessem para contar a novidade. Não preciso dizer que essas meninas enlouqueceram. Nos arrumamos todas em casa e então os meninos chegaram. Hugo foi o último a chegar e percebo seu rosto preocupado, mas resolvo não perguntar nada. Deixamos minha casa em direção a um barzinho bacana que tinha em São Paulo, pegamos três mesas e nos sentamos juntos após pedir as bebidas começamos a conversar:

- E aí Peu - chamo a atenção do loiro que está ao lado de Sofi. - como foi sua viagem?

- Tranquila - ele responde com um sorriso - Não esperava voltar tão rápido, mas deu tudo certo.

- Graças a Deus - Sofi comenta o abraçando.

- Quer dizer que temos duas noivas aqui? - o ouço perguntar e engasgo.

- Sofia - repreendo-a por ter contado aos outros.

- Quem vai casar? - pergunta Mateus confuso.

Vejo outros olhares confusos dos garotos e os sorrisinhos maliciosos das meninas, levanto minha mão no alto e mostro a mesa o anel em meu dedo. Hugo não parece se importar.

- Olha só casal - diz Luís surpreso - nem parece que a meses atrás não suportavam a companhia um do outro.

- As coisas mudaram - respondo acariciando de leve o rosto de Hugo.

- Ela não resistiu - ele provoca e ri.

Todos riem e eu dou a ele um beliscão de leve. Ficamos lá por algumas horas enquanto conversávamos e colocávamos o assunto em dia. Mateus não pareceu se importar em ter um casamento duplo e Hugo pareceu animado. Quando chegamos a sua casa tiro minha roupa colocando a camisola que mantenho lá e após fazer minha higiene me deito ao seu lado na cama.

- Está tudo bem? - pergunto ao me recordar de sua cara hoje.

- Esta - responde e me puxa para o seu peito beijando minha testa.

- Você sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe? - nem eu mesma sei por que disse isso, mas pareceu o certo naquele instante.

- Eu sei. - sorri.

- Eu te amo Hugo - digo antes de fechar os olhos e me aconchegar nele.

- Eu também te amo - ele responde.

Conforme a semana foi passando eu e as meninas tivemos que começar a planejar tudo. O casamento seria em Janeiro, dia 5. Temos pouco menos de um mês, mas graças a Deus a sorte estava a nosso favor. Encontramos a maior parte do que precisávamos, nossos vestidos haviam sido encomendados e o vestido e terno dos meninos também. A decoração estava sendo feita por uma empresa e quem estava pagando por tudo era meu pai que ficou surpreso com a notícia já que não conhecia muito Hugo. Para que isso pudesse ser feito combinamos de que ele jantaria conosco hoje, então eu estava uma pilha de nervos e extremamente estressada:

- Dá pra parar de andar pra lá e pra cá - pede mamãe enquanto arruma meu cabelo pela milionésima vez.
- Nem ao menos é o casamento e você não para quieta.

Respiro fundo algumas vezes e consigo me acalmar. É só que esse jantar é bem importante, não só pra mim como para Lu também já que André virá conhecer os sogros. Eles iriam pedir por nossas mãos e poderia sim haver alguma recusa da parte do meu pai caso ele não gostasse de nossos parceiros. Quando mamãe termina estou mais calma e bonita, me levanto e caminho até o espelho do meu quarto. Estou com um vestido vermelho marcando um decote de coração e rendado até uma fenda da perna, meu cabelo está em uma trança unida em cada lado perfeita e no meu rosto uma maquiagem discreta completa o visual. Viro-me para ela e a abraço:

- Obrigada mãe - consigo segurar as lágrimas.

- De nada meu amor, - ela sorri carinhosamente - agora vou ver se sua irmã precisa de ajuda.

- Tudo bem - respondo e já caminho até a cama onde me sento com todo cuidado do mundo e dou uma olhada no celular, Gabi me deseja sorte, Luís mandou uma foto dele com uma Alice cheia de chocolate no rosto. Mari manda um áudio com a voz do meu moreno ao fundo, provavelmente ela está em sua casa. E dos outros colegas apenas coisas normais. Estou distraída que não percebo me chamarem:

- Cix, vem... Os meninos chegaram - diz Babi da porta.

Ela está linda também, veste uma blusa branca de seda com uma calça jeans escura rasgada no joelho, usa uma sapatilha preta e sua maquiagem é marcada pelo delineado e um batom vinho. Pego meu celular, corro no espelho pra me olhar uma última vez e desço acompanhada de Babi que ri sozinha. Quando chego a metade da escada encontro Hugo parado no primeiro degrau me esperando, assim que seus olhos encontram o meu perco a fala. Caminho devagar pensando que a qualquer momento posso cair, mas quando chego até ele sua mão me sustenta, ele abre um sorriso perfeito e me entrega uma única rosa que está em sua mão. Pego a rosa de sua mão e levo até o nariz sentindo o aroma antes de agradecer a ele com um selinho rápido. Andamos até a mesa de jantar onde todos já estão sentados. Viro-me pra Luana que está linda também, ela um vestido longo azul com pedrarias, e conversa animada com mamãe. Sento-me ao lado de Hugo e logo mamãe se levanta e vai até a cozinha trazendo de lá nosso jantar, estou morrendo de fome.

49. Novidades

HUGO NARRANDO

Estou nervoso, sim. Enquanto estou ao lado de Cecília e sua família sinto minhas mãos suarem, e minha cabeça doer. Nunca cheguei a esse momento, sei que teria que conhecer seus pais em algum momento, isso pra mim era óbvio. Mas estou nervoso. E percebo que André também. As palavras de Nina enchem minha mente: "Seja você mesmo." E eu as utilizo e repito durante todo o jantar que ocorre perfeitamente bem. Quando terminamos de comer a mãe das garotas as chama para ajudar com a louça enquanto ficamos sozinhos com seu pai.

- E então, - começa ele. - Vocês querem pedir a mão de minhas filhas em casamento, certo?

Apenas meneio a cabeça, pois não conseguia encontrar minha voz, André também.

- Me dêem um motivo apenas. - pede e se mantém em silêncio.

- Eu a amo - começo - eu a amo com todas as forças. Sua filha é especial demais, nunca senti o que eu sinto por ninguém. Ela me enfraquece e ao mesmo tempo é ela quem me dá forças. Tentei me afastar de todas as formas, tentei mentir pra mim mesmo porque era mais fácil do que um dia encarar a

possibilidade de perdê-la. O medo de não conseguir realizar seus desejos e sonhos, de não poder dar a ela o que ela merece. De não fazê-la feliz. Mas não consegui. Porque eu sei que juntos somos melhores. Sei também que em todo esse tempo várias coisas aconteceram e foi ela quem ficou ao meu lado. Não poderia querer outra pessoa comigo a não ser ela. - finalizo.

André e ele estão em silêncio e então ele diz:

- Luana e eu nos conhecemos em um momento difícil também, sem que eu pedisse nada a ela, ela ficou ali, foi difícil aceitar que nossas vidas e estilo eram tão diferentes mas eu não desisti porque quando olho pro meu futuro e o que quero pra ele sua filha está em cada um dos momentos. E é por isso que estou aqui, e acredito que Hugo também. Porque queremos provar a você e sua esposa que podemos fazer suas filhas felizes. E no que depender de mim, isso vai acontecer. - termina.

- Bom, sempre acreditei que minhas filhas são capazes de fazer as melhores escolhas para elas e hoje não tive dúvidas disso. - ele abre um sorriso discreto - eu permito. Vocês têm minha benção.

Eu abro um sorriso e parece que naquele momento todo meu nervosismo some, André se levanta e cumprimenta seu sogro. Logo em seguida eu faço o mesmo e como se pressentissem que a conversa havia se encerrado as garotas voltam, a mãe delas abraça o marido. Babi se senta e observa com um sorriso, Lu vai até o noivo e o beija e Cecília caminha devagar até parar na minha frente entrelaçando nossos dedos e fixando seus olhos em mim.

Não é preciso dizer nada, apenas levo uma de minhas mãos ao seu rosto e encosto nossas testas, sem desviar nossos olhos por nenhum momento. Naquela noite quando nos despedimos de seus pais, quando ela está deitada sonolenta em meu peito é quando percebo que estou completamente feliz. Essa é a vida que eu pediria todos os dias e a qual pretendo ter enquanto ela quiser ficar. Logo adormeço também, cansado.

Acordo no dia seguinte sozinho. Mas me tranquilizo ao ver a porta do banheiro encostada e escutar barulho de chuveiro. Levanto-me, me espreguiçando e arrumo a cama. Troco de roupa e entro no banheiro escovando os dentes:

- Bom dia - comento para Cecília que canta distraída e para ao me ver ali.

- Bom dia amor - ela diz com um sorriso enquanto desliga o chuveiro e se enrola na toalha.

- Dormiu bem? - pergunto após escovar os dentes e guardar a escova e a pasta.

- Como sempre - responde mostrando a língua.

- Está animada pro casamento? - pergunto me encostando na parede enquanto ela se seca.

- Está uma loucura - diz e sai do banheiro, eu a acompanho.

Ela troca de roupa e seca os cabelos enquanto os penteia.

- Eu imagino, não saberia planejar isso. Ainda bem que tenho você.

- Bobo - ela se aproxima e bagunça meu cabelo. - Estou com fome, você tá com fome?
- Vem, vamos te alimentar - puxo-a para a cozinha onde Nina já nos espera.
- Bom dia sogrinha - Cecília diz abraçando minha mãe que sorri.
- Bom dia querida, está com fome? - ela começa a encher um prato com algumas frutas e pão e depois põe na frente de Cix uma caneca com achocolatado.
- Estou morrendo de fome - ela responde de boca cheia e eu dou risada.

Sento-me a sua frente e me sirvo também, tomando um gole do suco que tinha ali também.

- E então, como andam os preparativos? - pergunta mamãe se juntando a nós.
- Uma bagunça, mas está tudo dando certo.
- Já entregaram os convites? - pergunta.
- Hm, ficam prontos amanhã e essa semana mesmo começamos a entregar - responde.
- Já sabe onde vão passar a lua de mel? - pergunta.
- Rio de Janeiro - respondo.
- Ficaremos frente à praia, cinco dias. Será maravilhoso.
- Garanto que sim querida - responde mamãe e se levanta levando seu prato para pia.

Cecília come e de repente ela larga a comida na mesa e corre desesperada até o meu quarto. Levanto-me preocupado e confuso e a sigo encontrando com ela ajoelhada diante da patente vomitando. Seguro seus cabelos sem saber o que fazer, e quando ela acaba dá descarga e vai até a pia onde escova os dentes. Ela termina e caminha pra fora, está quase na porta quando se sente tonta então envolvo meus braços em volta de si. Ela se agarra a mim e caminho com ela até a cama.

- Você está bem? - pergunto ao colocar a mão em sua testa e pescoço e perceber que está normal.
- Foi só um enjôo. - responde.
- Você quase desmaiou anjo, o que aconteceu?
- Ela está grávida - escutamos Nina que agora está na porta.
- O que, não, não estou. - ela rebate.
- Querida, qual foi a última vez que sua menstruação desceu?

Confusão passa por seu rosto e percebo ela estar fazendo as contas.

- Está atrasada há um mês - responde baixinho.

- Não sei como não percebeu antes - diz minha mãe para mim. - Os sinais.

- Eu... Eu - coloco a mão na cabeça sem saber o que falar.

- Me desculpa - pede Cecília quando Nina nos deixa a sós.

- Não - começo. - Não peça. Isso é maravilhoso amor - seguro sua mão - Eu vou ser pai.

DUAS SEMANAS DEPOIS

Após o susto, descobrimos que realmente estou grávida de dois meses. A gravidez não corre nenhum risco e todos ficaram felizes em saber, ainda não estou sabendo lidar com isso, mas Hugo está eufórico e Nina está me mimando mais do que o normal. Os enjôos se tornaram freqüentes e eu me sinto inchada a maior parte do tempo. Estou em casa terminando um trabalho. Amanhã é o grande dia. Já está tudo pronto. A igreja que iremos nos casar. O salão de festas, tudo perfeito do jeito que eu e Luana queríamos. Estou uma pilha de nervos, termino o trabalho e desligo o computador. Levanto-me e vou até a cama onde me deito, fecho os olhos e passo a mão delicadamente pela minha barriga, estou cada dia mais me acostumando com a idéia. Não há nada melhor do que ver o fruto de um amor tão bonito nascendo dentro de você. Acabo dormindo e só acordo, pois sinto um enjôo enorme.

Surpreendo-me ao ver Hugo deitado ao meu lado adormecido, sua mão me envolvendo, saio da cama devagar pra não acordá-lo e caminho até o banheiro onde vomito e escovo os dentes depois. Ponho o chinelo, pois está frio e desço as escadas indo até a cozinha onde pego um copo de água e tomo devagar. A casa está silenciosa, pois ainda é cedo. Deixo o copo na pia e subo novamente para o quarto me aconchegando a Hugo que desperta apenas pra me puxar pra si antes de cair novamente em um sono profundo. Quando acordamos passamos a tarde vendo filme na cama, quando ele vai embora é apenas pra buscar Caco que passaria o fim de semana com ele. Janto com meus pais e minhas irmãs e me deito cedo, logo adormecendo.

+

Acordo o dia seguinte agitada. Hoje seria o grande dia, olho no relógio e percebo que são seis horas da manhã, mas a casa já está movimentada. Troco de roupa e desço encontrando meu pai ao telefone, mamãe na cozinha e minhas irmãs conversando sobre hoje. Dou bom dia a eles e comemos juntos antes de sairmos cada um para um lugar. Nós garotas vamos ao salão reservado somente para nós, e cada uma faz algo diferente. Opto por apenas cortar as pontas e clarear um pouco o cabelo finalizando com uma escova. Fazemos a unha, a pele, tudo que temos direito e seis... Sim, seis horas depois estamos saindo de lá vestidas cada um em seu traje. O casamento seriam as 17:00 e ainda eram 16:30, o motorista deixa as mulheres na igreja e ficamos apenas eu e Luana. Ele dá volta e mais voltas conosco pelo bairro:

- Está preparada? - pergunta Luana quando finalmente paramos em frente à igreja para o grande momento.

- Estou. E você? - pergunto observando sua reação.

- Totalmente nervosa - rimos.

Meu pai está ali fora e nos oferece seu braço, cada uma de um lado então escutamos a marcha nupcial tocar e a porta da igreja é aberta, revelando os convidados que se viram para nós e os noivos que tem seus olhos vidrados em nós. Devagar começamos a avançar em direção a eles, sorrio para alguns convidados e Lu também e primeiro meu pai entrega ela e depois a mim se afastando. Viramo-nos. Hugo pega em minha mão e a seguro firme, o padre começa a realizar o casamento e quando olho para minha irmã algumas vezes percebo ela estar emocionada. Chega o momento mais importante, o padre nos pergunta um a um se aceitamos o nosso par, quando chega a minha vez estou tremendo:

- Eu aceito - respondo com toda certeza do mundo.

Dizemos nossos votos e ele nos concede como marido e mulher. Na hora do beijo Hugo segura meu rosto com as duas mãos e me beija, fazendo o mesmo com a aliança em meu dedo e logo em seguida com minha barriga arrancando um coro de owms de nossos amigos. Saímos da igreja em meio a grãos de arroz e comemorações. O veículo nos deixa na porta do salão de festas onde seria realizada a comemoração. Ficaríamos ali apenas duas horas, pois nosso vôo está marcado pra manhã seguinte. O salão está perfeito, nos divertimos, tiramos fotos, cortamos o bolo e jogamos o buquê, o meu é a Mari quem pega e o da Lu é a Sofi, rimos ao perceber a cara que os meninos fazem. Estou andando pelo salão quando paro frente a mesa de Dave, ele está acompanhado de Nathália uma colega da faculdade a qual ele está saindo. Ele se vira ao me ver e abre um enorme sorriso:

- Olha: senhorita Toledo. - brinca.

- Achei que não viria - comento.

- Não poderia perder por nada. - ele contesta.

- Obrigada - falo antes de segurar sua mão com ternura. - De verdade Dave.

- Não tem por que agradecer, você é e sempre vai ser importante pra mim.

- Você também - respondo - não se esquece disso.

Cumprimento Nath também e os pais de Dave que vieram e conversamos um pouco antes de me afastar dali voltando para a mesa dos noivos onde Hugo me espera.

- Está na hora dos brindes - ouço alguém dizer e bater com um talher na taça pedindo silêncio.

Gabi, Sofia, Mateus, Pedro, Mari, Luís e Alexandre sobem no palco montado e sorriem para nós.

- Primeiro eu preciso dizer que falar desses dois casais é bem difícil - diz Gabi com o microfone e passa para Sofia.

- Não só porque nós somos amigos deles, mas porque eles são complicados.

- Mas, iremos falar do mesmo jeito. Só esperamos que vocês não se cansem - é Luis quem diz agora.

- Primeiro temos LIAGO - começa Mari - Cecília e Hugo. Eu o conheço desde quando éramos pequenos e sei do valor que ele tem. É um dos melhores amigos que eu poderia querer ter. - ela se emociona - Ele esteve comigo em momentos que eu achei que não ia conseguir. Porém ele foi forte por nós dois. - sorrimos. - E eu não tenho dúvidas de que ele é a melhor escolha pra Narizinho.

- E então a temos, a teimosia em pessoa - é Luís quem toma a palavra. - Ela que sempre correu atrás de seus sonhos e sempre batalhou pela felicidade daqueles que amava. Ela é incrível e juntos eles completam um ao outro.

Enquanto eles falam um telão começa a passar fotos e vídeos meu e de Hugo durante esse tempo e algumas fotos que eu não sabia nem que tinham tirado. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas e não as impeço.

- Nós amamos vocês - é Sofia que diz - e é isso.

Em seguida Mari, Mateus e Pedro falam sobre ANLU que também se emocionam. E quando finalizam todos batem palmas emocionados.

51. Crise

HUGO NARRANDO:

O casamento ocorreu bem e a festa também. Quando eu e Cecília saímos de lá vamos direto para o meu apartamento, deixei Caco com meus pais que não se importaram de cuidar dele, pois queria aproveitar com minha esposa. Essa palavra agora era oficial, estou casado. Cecília está com a cabeça encostada em meu ombro enquanto dirijo para o apartamento. Ela está com os olhos fechados enquanto escuta a música que toca no rádio. Estaciono na garagem e pego ela no colo, ela está totalmente sonolenta. Ela se agarra ao meu pescoço e subo com ela no elevador até o apartamento. Com um pouco de dificuldade consigo abrir a porta e fecho-a com os pés, ando com ela até o quarto e a coloco com delicadeza na cama.

Tiro um fio de cabelo de seu rosto e observo a fisionomia da minha mulher deitada adormecida. Tiro seu salto, e desfaço do seu vestido sem acordá-la a deixando apenas de calcinha e sutiã. Pego o edredom e a cubro até o pescoço antes de trocar de roupa também e me deitar ao seu lado trazendo ela pra mim. Coloco o despertador pra acordarmos amanhã cedo e fecho os olhos adormecendo em seguida. Acordo assustado com o barulho do celular. Tateio em busca do abajur e acendo, me viro e vejo que Cecília se mexe, mas não acorda, olho pela janela e ainda é noite. Meu telefone volta a tocar e eu o atendo:

- Alô - minha voz sai sonolenta.
- Filho, é a Vanessa. Ela está no hospital - é Nina e sua voz está preocupada.
- O que houve? - pergunto já me levantando e calçando os sapatos.
- Ela tomou muitos remédios - diz - por pouco não consegue concluir seu objetivo.
- Estou indo para ai. - respondo antes de desligar.

Paro e me sento, sabendo que não posso mentir pra Cecília resolvo acordá-la. Ela demora, mas desperta.

- O que houve? - pergunta ao perceber minha cara.
- Precisamos ir ao hospital - digo.
- O que houve? - insiste.
- Vanessa.

Achei que ela fosse se negar, mas ela se levanta e vai até sua mala que está ai desde ontem aonde pega uma regata e um shorts, ela vai até o banheiro e quando sai de lá está sem maquiagem e arrumada. Pego em sua mão e saímos do apartamento até a garagem onde entramos no carro e eu dirijo em silêncio até o hospital. Nina me manda o endereço por mensagem. Assim que acho uma vaga estaciono e descemos, ando apressado com Cix ao meu lado e entramos no hospital, vejo Nina de longe com Caco em seu colo. Assim que me vê ele se solta de Nina e corre até mim:

- Papai - ouço-o dizer e começa a chorar.
- Estou aqui filho - respondo a ele e o pego em meu colo - Estou aqui.
- Eu quero a mamãe, porque eles não me deixam ver a mamãe? - pergunta.
- Ela está descansando, - responde Cix carinhosamente quando se aproxima - logo você poderá vê-la querido.

Ele se acalma aos poucos e eu o deixo com Cecília enquanto vou até a recepção atrás de informação. A mulher pede que eu espere e logo ela volta com a médica:

- Boa noite, você é o que da paciente? - pergunta a médica conferindo algo na prancheta.
- Ex namorado - respondo.
- Me acompanhe - pede ela.

Olho para onde deixei Cecília e ela assente me incentivando. Acompanho a médica até sua sala e me

sento em uma cadeira.

- Você sabe que ela tem síndrome de pânico, certo? - pergunta direta.

- Não, não sabia. - respondo, pois é verdade.

- Ela teve uma crise e tentou se matar - diz me entregando uma ficha. - Ela precisa de tratamento.

- Como ela está? - pergunto.

- Descansando e em observação. Mas precisa se tratar urgentemente.

- O que eu posso fazer?

- Apenas apoiá-la caso tenham um convívio, caso contrário só depende dela. Mas nunca, nunca fazer disso algo indiferente. Isso é uma doença e deve ser tratada como tal. É um problema e ele também é importante. - orienta.

- Eu não sei o que fazer - coço a cabeça - estou perdido.

- Você sabe o que pode ter desencadeado isso? - pergunta.

Dou a ela todo o detalhe por cima de sua história, da sua gravidez, de sua mãe e de nossa última conversa.

- Você precisa entender que é possível que ela esteja assim devido ao fato de sua vida não ter saído como imaginou. Do luto de ter "perdido" alguém que ela ama. Não será nada bom para ela saber que você seguiu em frente.

- Eu não posso deixar de ser feliz por algo que não tem volta - acabo respondendo rispidamente.

- E nem deve. Mas se pretende ajudá-la terá que deixar ela no escuro de todas as suas conquistas e terá que fazê-la acreditar que está melhor que você.

- Por quê? - pergunto sem entender.

- Posso estar errada, mas ela não aceitará sua ajuda se souber que ela é apenas um "fardo" mesmo que não seja.

- Entendi.

- Vá pra casa, converse com sua esposa. Tentem encontrar uma solução juntos.

- Eu vou - respondo. - Quando ela terá alta?

- Apenas amanhã. - a médica diz.

- Tudo bem, minha mãe ficará aqui com ela e qualquer coisa me comunica.

Despeço-me da médica e saio dali até a recepção onde Nina está sentada tomando café, Caco está deitado no colo de Cecília que assim que me vê se levanta sem acordá-lo.

- E aí, ela ta bem? - pergunta visivelmente preocupada.

- Agora está. - respondo.

Conto as duas o que a médica disse sobre o repouso e deixo de fora a conversa sobre como ela pode melhorar. Pelo menos por enquanto, irei esperar que ela acorde e teremos uma conversa séria sobre sua saúde. E então saberei de que forma poderei ajudá-la. Minha mãe parece perceber que escondo algo, mas não me interroga. Ela aceita passar a noite ali mesmo que eu insista que não precisa e ela nos aconselha a irmos para casa, pois teremos uma viagem amanhã.

Quando Cecília sugere que remarquem a viagem ela se nega e diz que Vanessa estará bem aos seus cuidados e que ficará de olho nela. Voltamos para o apartamento dessa vez com Caco, o coloco deitado entre mim e Cecília e logo nós estamos deitados juntos, assim que ele adormece nós fazemos o mesmo, pois amanhã teremos uma longa viagem pela frente em direção ao Rio de Janeiro para nossa tão esperada Lua de Mel.

52. Sobre dizer Adeus

No dia seguinte saio cedo do apartamento após receber uma ligação de Nina dizendo que Vanessa gostaria de falar comigo, assim que chego ao hospital ela está acordada assistindo televisão e desliga assim que me vê.

- Oi - ela diz com um meio sorriso.

- Oi - respondo me sentando na beirada da cama - Você está bem?

- Sim, eu acho. - responde abaixando a cabeça.

- Você precisa se cuidar Ness - peço - eu disse pra você que estaria aqui, não disse? Mas você precisa se cuidar. Por mim. Pelo Caco, por você.

- Você não precisa ter pena de mim - diz com uma careta.

- Não estou, - respondo. - Estou preocupado. Bastante preocupado.

- Não precisa, você não tem o porquê. - rebate.

- Eu me importo com você, porque você não entende isso de uma vez? - me altero.

- Porque você me abandonou quando eu precisei de você. Porque você desistiu de mim tão rápido. Por quê? - pergunta.

- Se passaram anos Vanessa, você não podia esperar que eu ficasse aqui para sempre.

- Eu não podia, eu sei, mas eu esperava que você pelo menos tentasse. Você não estava com ninguém e de repente sua primeira escolha é aquela garota. Porque, porque você nao podia tentar comigo, éramos tão felizes.

- Porque nosso tempo já passou Vanessa - respondo - e porque eu não sentia a mesma coisa por você.

Ela começa a chorar.

- Vai embora - pede. - por favor.

- Tudo bem - me levanto e caminho até a porta - mas entenda que você não está sozinha.

Ela não me olha e nem responde e eu saio dali sem olhar pra trás. Encontro Nina no corredor e ela me abraça:

- Você fez o que devia ser feito? - pergunta.

- O que você quer dizer com isso?

- Filho, você precisa aceitar o que está por vir.

- O que você sabe mãe? - pergunta.

- Isso é temporário meu filho, eu sinto muito. - e se afasta me deixando ir.

Fico com a cabeça cheia e corro, corro o mais rápido possível até o apartamento e o encontro vazio. Começo a chamar por ela desesperadamente, mas não há mais nada seu ali. Pego o carro e dirijo até sua casa. Nada, não tem ninguém. Ligo para todos os nossos amigos e ninguém sabe dela. Quebro meu celular em vários pedaços e quebro o apartamento inteiro. Caio no chão e fico ali por horas até ouvir a porta abrir e olhar esperançoso, mas não é ela e sim Mari.

- Hugo - é só o que ela diz antes de se abaixar até onde estou e me abraçar.

Choro em seu colo e ela tenta me confortar da melhor forma. Quando não consigo mais chorar sou tomado por uma raiva incontrolável.

- Por quê? - grito. - Porque Mari?

- Ela se foi querido - diz - eu não sei por que, aliás. Todos sabem, mas não sei o que dizer.

- Ela me abandonou - digo baixinho.

- Ela fez o melhor por você. Você não saberia escolher, você não a perderia e não saberia como ajudar Vanessa.

- Ela não podia ter feito isso.

- Toma - ela pega algo em seu casaco e me entrega.

Olho para o papel em sua mão confuso, assim que abro encontro a letra de Cecília. É uma carta. Mari levanta, me dá um beijo e se vai sem dizer mais nada. Desdobro o papel para ler.

53. A Carta

Encaro o papel e sua letra tomando coragem para ler:

"Hugo, se estiver lendo essa carta é porque já estou longe quando voltar. Todos os motivos que eu disser não serão suficientes para que você entenda essa decisão, mas ontem eu vi. Eu te amo tanto que fui capaz de abrir mão da minha felicidade. Sim, eu o fiz e faria de novo se isso te deixasse inteiro. Não poderia conviver com a culpa de ver você mal por não ter conseguido fechar esse ciclo da sua

vida. Sua mãe não me procurou, eu falei com a médica. Sim, não vou me arrepender. Foi necessário. Eu sabia que você estava me escondendo algo e entendo o porquê de você ter feito isso. Não espero que me perdoe, não sei o que poderá acontecer daqui para frente, mas sei que você precisa cuidar da Vanessa, ela precisa de você. Não espere por mim, não faça isso. Estou fazendo isso por nós dois por mais difícil que seja. Também preciso que não me procure, por favor. Dê-me esse tempo. Sobre nossa filha, sim é uma menina. Se chamará Jasmine. Eu não vou deixá-la sem pai. Eu prometo. No momento certo nós voltaremos, e você poderá tê-la em seus braços. Fique bem, seja feliz. E obrigada por ter me feito feliz e me dado a coisa mais valiosa de todas, as duas coisas mais valiosas. Seu amor, e nossa filha. Adeus. "

Rasgo a carta em pedaços e levo as mãos até o rosto voltando a chorar descontroladamente. Levanto-me após um longo tempo e vou até o quarto, reviro o armário e as gavetas e o encontro. O anel. Está delicadamente colocado junto a um envelope e uma fotografia. Pego o retrato e vejo que é a ultrassom de nossa filha, e na moldura está escrito seu nome. O envelope é uma folha de divórcio que já contém a sua assinatura. Pego a caneta que há ali também e assino o papel o guardando em seguida. Tiro o anel que ainda tenho em meu dedo e o coloco na gaveta trancando-a em seguida. Saio do apartamento e caminho sem rumo pela cidade. Observo os casais pela rua, rindo, se beijando ou se divertindo. Repasso todos os nossos momentos juntos e só vou para algum lugar quando já está de noite. Bato na porta e ela não parece surpresa:

- Oi, entra. - Nina está com um avental e me analisa.

- Você sabia que isso ia acontecer, não sabia? - pergunto.

- Eu sabia que a conexão de vocês era profunda, mas que não era pra acontecer. Porém vocês estavam felizes, não sabia quando e nem em que situação ocorreria a separação e nem que seria no dia seguinte ao casamento de vocês.

- Tudo bem - me dou por derrotado. - O que eu devo fazer agora?

- O que ela te pediu? - pergunta.

Conto a ela sobre a carta e Nina não parece surpresa com as palavras:

- Viva. Siga em frente e espere. Se ela disse que vai retornar, então acredito que isso vá acontecer.

- Você sente isso?

- Você quer saber o que vai acontecer?

- Sim - peço.

- Ela vai voltar - diz. - Mas ela estará diferente.

- Como?

- Não sei. Você sabe que não posso ver o futuro, apenas o que me é permitido. Algumas vezes nem eu mesmo acredito nisso.

- É o que farei - respondo.

EPÍLOGO

ANOS DEPOIS

Estou atravessando a rua quando recebo uma mensagem de Mari. Ligo para ela que atende no terceiro toque:

- O que aconteceu? - pergunto preocupado.

- Eles sofreram um acidente Hug, André está em coma, mas Babi não sobreviveu.

- O que? - pergunto sem saber como reagir.

- Vai pra lá, estou muito longe e Luana não atende.

- Tudo bem, estou indo. - desligo e corro até o estacionamento onde deixei o carro.

Entro nele e dirijo até o hospital, chego em alguns minutos por estar perto já que Vanessa está lá em mais uma de suas consultas com a psicóloga. Assim que chego vou a recepção:

- Estou procurando notícias sobre André e Bárbara Amorim. - peço.

- Só um segundo.

Ela sai de onde está e entra em uma sala atrás de si onde logo uma enfermeira volta segurando uma prancheta. Estou tão distraído que não a reconheço.

- Boa tarde, sou a Bruna e estou cuidando da paciente Bárbara com o doutor Willian. Você é parente dela? - pergunta.

Ergo os olhos e encontro um fantasma. Bruna, a mesma Bruna de anos atrás. Ela me reconhece também.

- Vou... Vou pedir para o médico te atender - diz.

- Não precisa. Por favor, preciso saber como eles estão.

- Tudo bem - ela diz. - A paciente deu entrada a duas horas ao hospital mas não sobreviveu. E o paciente está em coma.

- Como aconteceu? - pergunto.

- Um caminhão atravessou a faixa contrária e se chocou contra o carro jogando o paciente para fora, mas como a paciente estava de cinto ela ficou presa e teve uma hemorragia. Graças a Deus o carro não explodiu, mas ela chegou aqui com uma perda significativa de sangue e não resistiu. Fizemos de tudo.

- E ele?

- Teve uma fratura no crânio quando bateu com a cabeça no asfalto além de múltiplos ferimentos no corpo. O dono do caminhão fugiu sem prestar socorro.

- Tudo bem, e o que está sendo feito agora?

- Entramos em contato com os familiares, mas até agora apenas o senhor apareceu e uma mulher.

Imagino ser Luana e ela me deixa ir até o quarto de André onde a pessoa estaria. Ela para na porta e se afasta, entro e vejo primeiro André imóvel na cama, cheio de machucados e entubado, além de estar com faixa ao redor da cabeça. Avanço, mas paro onde estou quando percebo que não é Luana ali, e sim Cecília.

- Hugo - ela diz também surpresa, mas indiferente.

Ela está com os cabelos enormes, veste uma calça e uma regata com um cardigã em volta de si, uma maquiagem pesada e os olhos vermelhos provavelmente por ter chorado.

- Cecília - consigo responder.

FIM

Para baixar mais livros como esse, acesse: e-Livros.xyz